

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

BÁRBARA MAIA DAS NEVES

**O SER, O NÃO SER E MUITAS QUESTÕES: ESTUDANDO PESTES E EPIDEMIAS
NAS OBRAS *DOOMSDAY BOOK*, DE CONNIE WILLIS, E *ORYX E CRAKE*, DE
MARGARET ATWOOD**

RIO DE JANEIRO

2010

BÁRBARA MAIA DAS NEVES

**O SER, O NÃO SER E MUITAS QUESTÕES: ESTUDANDO PESTES E EPIDEMIAS
NAS OBRAS *DOOMSDAY BOOK*, DE CONNIE WILLIS, E *ORYX E CRAKE*, DE
MARGARET ATWOOD**

Tese apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Literatura, na área de concentração Poética. Orientadora: Profa. Dra. Angélica Maria S. Soares (UFRJ).

UFRJ – Faculdade de Letras
Rio de Janeiro, 2º semestre de 2010

Neves, Bárbara Maia.

O Ser, o Não ser e Muitas Questões: Estudando Pestes e Epidemias nas Obras *Doomsday Book*, de Connie Willis, e *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood / Bárbara Maia das Neves. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ, 2010. 164f.

Tese (Doutorado em Ciência da Literatura: Poética)
– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2010.

Orientadora: Angélica Maria S. Soares (UFRJ)

1. Epidemias. 2. Morte. 3. Ecocrítica. 4. Ficção Científica
5. Letras – Teses. I. Soares, Angélica Maria S. (Orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

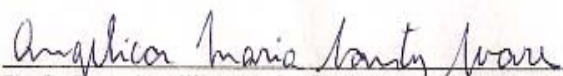
BÁRBARA MAIA DAS NEVES

**O SER, O NÃO SER E MUITAS QUESTÕES: ESTUDANDO PESTES E EPIDEMIAS
NAS OBRAS DOOMSDAY BOOK, DE CONNIE WILLIS, E ORYX E CRAKE, DE
MARGARET ATWOOD**


Tese apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção
do título de Doutor em Ciência da Literatura, na área de concentração Poética.

Aprovada em 25 de NOVEMBRO de 2010.

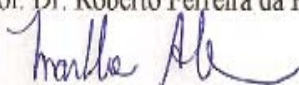
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Angélica Maria dos Santos Soares (UFRJ)
Orientadora



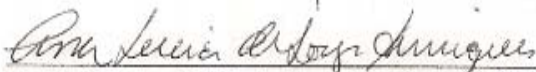
Prof. Dr. Roberto Ferreira da Rocha (UFRJ)



Profa. Dra. Martha Alkimin de Araújo Vieira (UFRJ)



Profa. Dra. Lucia de La Rocque Rodriguez (UERJ)



Profa. Dra. Ana Lúcia de Souza Henriques (UERJ)

Profa. Dra. Maria Conceição Monteiro (UERJ)

Profa. Dra. Teresa Cristina Meireles de Oliveira (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Angélica Maria S. Soares, que, com sua orientação nesta pesquisa e a sua presença amiga, muito me ensinou nestes anos de curso;

À Profa. Dra. Lucia de La Rocque, que desde a graduação sempre se mostrou muito mais do que uma orientadora, revelou ser uma pessoa a ser admirada e respeitada;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, da Faculdade de Letras da UFRJ, que me apresentou possibilidades de encarar a Literatura por prismas inusitados;

A todos os professores que, ainda que não sejam citados aqui nominalmente, cada um pode ter certeza que chegar até aqui foi o somatório das contribuições de todos desde a graduação até agora;

Aos meus pais, Zeca e Ana, pelo amor, paciência e abnegação e em todos os sacrifícios que fizeram para que este momento se concretizasse;

Ao meu noivo, Cristiano, por todo o apoio, nem que fosse só me fazer rir quando eu realmente precisava;

A todos os meus amigos e amigas, aos mais presentes e aos mais ausentes, que sempre me deram todo o apoio nestes últimos anos.

RESUMO

NEVES, Bárbara Maia. **O Ser, o Não Ser e Muitas Questões: Estudando Pestes e Epidemias nas Obras *Doomsday Book*, de Connie Willis, e *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood**. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura: Poética) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

O objetivo principal desta Tese é evidenciar a representação literária das doenças e epidemias e como estas por vezes são mais impactantes nos seus aspectos sociais e psicológicos do que na própria questão biológica em si; tudo com base nos romances contemporâneos em língua inglesa, *Doomsday Book*, de Connie Willis, e *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood. Para atingir esta meta, optou-se pelas seguintes estratégias: **a)** considerar as personagens doentes das duas obras, e também de textos complementares, como metáforas dos problemas enfrentados pelos corpos doentes e sua busca por aceitação dentro de um dado grupo social; **b)** estabelecer relações intertextuais significativas entre obras literárias em inglês contendo representações dos corpos doentes com os romances estudados, para avaliar a complexidade do processo de abordagem sobre apocalipses, mortes e estados de destruição iminentes; **c)** ressaltar o papel da ficção científica, em especial das distopias, como gênero literário de importância, sendo um tipo de literatura de denúncia de pontos negativos de um dado ambiente/grupo que mereçam destaque na mente do leitor; e, por fim, **d)** destacar aspectos ecocríticos, ressaltando como a importância do meio ambiente vai além dos grupos de proteção animal e/ou ambiental, e como a ecologia também encontra seu lugar dentro do universo literário. Embora tenha havido um diálogo com diversas correntes do pensamento, privilegiaram-se nesta tese, sobretudo no que diz respeito às questões de saúde, doenças, papéis do leitor e do narrador, e de estudos ecológicos. Destacam-se, assim, as idéias e postulados teóricos de Félix Guattari, Michel Foucault, Theodor Adorno, Platão, Linda Hutcheon, John Clute, Peter Nicholls, Tzvetan Todorov, Charles Darwin, Susan Sontag, dentre outros.

ABSTRACT

NEVES, Bárbara Maia. **O Ser, o Não Ser e Muitas Questões: Estudando Pestes e Epidemias nas Obras *Doomsday Book*, de Connie Willis, e *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood**. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura: Poética) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

The main purpose of this Dissertation is to highlight the literary representation of diseases and epidemics and how these manifestations are at times more evident in their psychological and social aspects than in their own biological demands; all of this based on contemporary novels in the English language, Connie Willis's *Doomsday Book*, and Margaret Atwood's *Oryx e Crake*. In order to accomplish this task, the following strategies have been chosen: **a)** to consider the sick characters in the two novels, as well as in complementary texts, as metaphors of the problems faced by sick bodies and their search for acceptance within a given social group; **b)** to establish meaningful intertextual connections between literary works in English containing representations of sick bodies with the novels here studied, to evaluate the complexity of the process of portraying apocalyptic situations, death and scenarios of imminent destruction; **c)** to emphasize the role of science fiction, specially dystopias, as a kind of literature to denounce negative points of an environment/group that deserve a significant position in the mind of the reader; and, to sum up, **d)** to highlight ecocritical aspects, focusing on how the importance of the environment goes beyond the work of environmental protection and/or animal rights groups, how ecology also has its place in the literary universe. Although there has been a dialogue with other currents of thought, the main theoretical support of this dissertation may be found in studies involving the topics of health, diseases, reader response and the role of the narrator. Among these, it is worth mentioning the contributions of Félix Guattari, Michel Foucault, Theodor Adorno, Plato, Linda Hutcheon, John Clute, Peter Nicholls, Tzvetan Todorov, Charles Darwin, Susan Sontag, among others.

RÉSUMÉ

NEVES, Bárbara Maia. **O Ser, o Não Ser e Muitas Questões: Estudando Pestes e Epidemias nas Obras *Doomsday Book*, de Connie Willis, e *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood.** Tese (Doutorado em Ciência da Literatura: Poética) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

L'objectif principal de cette thèse est de mettre en évidence la représentation littéraire des maladies et des épidémies et la façon dont elles sont parfois plus frappant dans leurs aspects sociaux et psychologiques que dans la matière organique elle-même, tout basé sur des romans contemporains, en anglais, *Doomsday Book*, par Connie Willis, et *Oryx and Crake*, par Margaret Atwood. Pour atteindre cet objectif, nous avons choisi les stratégies suivantes: a) examiner les personnages malades dans les deux oeuvres, et aussi des textes supplémentaires comme des métaphores des problèmes rencontrés par les organes malades et leur quête de l'acceptation dans un groupe social donné, b) établir des relations intertextuelles importantes entre des œuvres littéraires en anglais contenant la représentation des corps malades avec les romans étudiés pour évaluer la complexité du processus d'aborder l'apocalypse, la mort et des états d'une destruction imminente, c) mettre l'accent sur le rôle de la science-fiction, en particulier des dystopias, comme genre littéraire important, un type de littérature de dénonciation des points négatifs d'un environnement donné ou le groupe qui devrait être mentionné dans l'esprit du lecteur, et, enfin, d) mettre en évidence les aspects écocritiques, soulignant que l'importance de l'environnement dépasse celle de groupes de protection animale et / ou du milieu, l'écologie trouve aussi sa place dans l'univers littéraire. Bien qu'il y ait un dialogue avec les divers courants de pensée, à on a mis l'accent, dans cette thèse, sur ce qui concerne les questions de santé, les maladies, les rôles de lecteur et le narrateur, et des études écologiques. Remarquable, ainsi, les idées et les postulats théoriques de Félix Guattari, Michel Foucault, Theodor Adorno, Platon, Linda Hutcheon, John Clute, Peter Nicholls, Tzvetan Todorov, Charles Darwin, Susan Sontag, parmi d'autres.

SUMÁRIO

Introdução – Ficção científica e distopias.....	11
A fantasia que nos mostra a realidade.....	11
A ficção científica: além dos robôs assassinos alienígenas viajantes no tempo atrás de mocinhas indefesas e de dominação global.....	15
O que fazer daqui para frente?.....	25
Capítulo 1 – As coisas que tanto tememos.....	29
1.1 Doenças e pragas a nos afligir.....	29
1.2 A morte é o fim?	36
1.3 O apocalipse mais perto do que se pensa.....	44
Capítulo 2 – Doenças hoje e sempre – Doomsday Book	51
2.1 O juízo final se aproxima de várias formas.....	51
2.2 Atitudes perante as epidemias.....	58
2.3 Será que evoluímos?.....	73
Capítulo 3 – É o fim do mundo como o conhecemos – Oryx e Crake	87
3.1 Algumas considerações iniciais.....	87
3.2 A felicidade não se compra	91
3.3 A ecologia que salva e destrói: ecoterrorismo.....	112
3.4 As armas invisíveis: armas biológicas.....	129
3.5 Amarrando as pontas.....	137
Considerações finais.....	142
Bibliografia.....	151
Sítios da internet referidos sem autoria definida.....	161
Discografia.....	162
Filmes e programas de televisão.....	162

“This is utopia, this is my utopia,
This is my ideal my end in sight,
Utopia, this is my utopia,
This is my nirvana,
My ultimate”
Alanis Morissette, “Utopia”.(2002)

INTRODUÇÃO - FICÇÃO CIENTÍFICA E DISTOPIAS

A fantasia que nos mostra a realidade

Ao que parece, a fantasia sempre esteve presente na literatura: eventos que vão além da compreensão humana como as intervenções de deuses, superstições, assombrações, fadas e duendes, entre outros, povoam o imaginário popular há muito tempo. Se o homem antigo buscava, tanto no mundo fictício como no dito real, explicações para situações de bom ou mau agouro na manifestação de um evento sobrenatural além de seu controle; hoje em dia as pessoas continuam a se encantar com narrativas em que soluções vistas por vezes como ‘loucas’ acabam se encaixando perfeitamente para que o desenrolar de uma história se apresente para o leitor.

Para esta breve consideração inicial, na qual pretendo destacar a relevância deste material fantástico na literatura, busco minhas fontes principais na obra de Tzvetan Todorov, principalmente no seu **Introdução à literatura fantástica** (1970). Ainda que neste livro o autor se detenha na definição do fantástico, do estranho e do maravilhoso, a parte mais pertinente para esta introdução se encontra no capítulo 10, quando o autor estabelece uma conexão entre o fantástico e a ficção científica (fc).

Antes de adentrarmos mais especificamente no campo da fc, seria relevante destacar o aspecto subversivo que as manifestações do estranho apresentam na literatura. Todorov destaca o quanto a utilização de elementos que ‘fogem da realidade’ por vezes ajudam o autor a abordar certos temas que em outros momentos poderiam ser criticados e considerados tabus: “(...) a função do sobrenatural é subtrair o texto à ação da lei e com isto mesmo transgredi-la.”¹

¹ TODOROV, 2007, p. 168.

Tal perspectiva é apoiada por Rosemary Jackson em seu **Fantasy: The literature of subversion** (1981). A escritora também fala de como a fantasia foi um meio muito usado para dizer o que de outra maneira permaneceria não-dito: “O fantástico rastreia o não dito e o não visto da cultura: aquilo que foi silenciado, tornado invisível, coberto e feito ‘ausente’.”² Jackson discorda de Todorov por este último não levar em conta a questão da psicanálise em sua obra; o que na verdade ocorre é que o autor vê a psicanálise como uma ‘concorrente’ da fantasia. Ele discute o modo como a psicanálise traz à tona elementos nominados apenas através da fantasia para um discurso mais perto do real. Ele chega a mencionar o quanto este estudo torna o fantástico um tanto obsoleto por permitir que o tabu apareça de maneira mais evidente em seu discurso: “(...) a Psicanálise substituiu (e por isso mesmo tornou inútil) a literatura fantástica. Não se tem necessidade hoje de recorrer ao diabo para falar de um desejo sexual excessivo(...)”³ Ainda assim, Jackson relata o quanto a fantasia é um meio de causar estranhamento ao recombina partes deste mundo e concorda com Todorov ao apresentar o quanto a literatura fantástica é a que melhor entende a dificuldade que é retratar a dita ‘realidade’ através de um texto literário.

O que se percebe na leitura de vários materiais teóricos é que a literatura vem ocupando um espaço que seria uma zona limítrofe entre o real e o irreal. Se por um lado ainda não vimos Julieta Capuleto ou Sherlock Holmes andando pela rua, apenas atores disfarçados, por outro lado estas figuras são tão reais para algumas pessoas quanto seus amigos e parentes; fazendo com que nos emocionemos com suas histórias, torçamos por eles em suas aventuras, ou os detestemos pelas suas atrocidades. O que acaba então por ocorrer é que, mesmo que a literatura fantástica pareça ainda mais distante do universo ‘real’ de seu leitor, os eventos que nela se manifestam no final das contas não são tão estranhos assim: as guerras retratadas por J. R. R. Tolkien no seu **O Senhor dos Anéis** (1954) nada mais são do que as lutas de muitos

² JACKSON, 1998, p. 4. Tradução da Autora → “The fantastic traces the unsaid and the unseen of culture: that which has been silenced, made invisible, covered over and made ‘absent’.”

³ TODOROV, 2007, p. 169.

povos ao longo da história por aquilo que julgavam certo e se defendendo e dominadores gananciosos.

Além do já citado aspecto da transgressão, Todorov prossegue apontando o quanto o fantástico ajuda a narrativa a ‘andar mais rápido’. O que ele argumenta é como eventos que, com base na realidade de um determinado período poderiam levar muito tempo para acontecer, podem ser resolvidos de maneira mais ágil se um elemento fantástico aparecer com um complicador ou solucionador que ponha a narrativa logo em movimento.

Uma lei fixa, uma regra estabelecida: eis o que imobiliza a narrativa. Para que a transgressão da lei provoque uma modificação rápida, é cômodo que intervenham forças sobrenaturais; caso contrário, a narrativa corre o risco de arrastar-se, esperando que um justiceiro humano se aperceba da ruptura no equilíbrio inicial.⁴

Por este aspecto, é possível perceber que a literatura fantástica traz em si uma ênfase maior no próprio evento narrativo que na construção de seus personagens. Não seria justo generalizar e argumentar que isso seria válido para *todas* as obras fantásticas; contudo é interessante perceber o quanto muitos trabalhos deste estilo literário realmente se atêm melhor ao desenvolvimento da ação, pois muitas vezes é através dela que o autor vai fazer uma manifestação de suas idéias.⁵

Após este debate inicial a respeito do fantástico, torna-se pertinente retomar o já mencionado capítulo 10 da obra de Todorov. Aproveito este momento para lembrar o quanto os elementos estranhos, como robôs e alienígenas, na verdade estão mais perto de nós do que parecem, segundo a tendência de que o fantástico nos traz o que está oculto. A ‘naturalidade’ com que estes produtos da ‘ciência’ e elementos do ‘universo’ se manifestam naquele dado mundo faz com que os eventos citados na obra não sejam algo relevante apenas para aquele lugar inventado, mas que estejam próximos de todo o ser humano:

⁴ TODOROV, 2007, p. 173.

⁵ Não creio que a questão da superficialidade dos personagens em detrimento de uma melhor evolução da narrativa seja o caso nas duas obras escolhidas para o desenvolvimento desta tese. Entretanto, acredito ser extremamente pertinente lembrar como várias obras utópicas, como a própria **Utopia** de Thomas More; de cunho mais científico, como **A guerra dos mundos** de H.G. Wells, apresentam uma valorização da ação, havendo pouca chance para que os personagens apresentem um pleno desenvolvimento ao longo da obra.

Os dados iniciais são sobrenaturais: os robôs, os seres extraterrestres, o cenário interplanetário. O movimento da narrativa consiste em nos obrigar a ver quão próximos realmente estão de nós esses seres aparentemente maravilhosos, até que ponto estão presentes em nossa vida.⁶

Ainda que não se detenha muito na parte da ficção científica, Todorov a adiciona ao mundo do fantástico como um gênero que merece respeito e que vai além das simplificações sofridas nas mãos de vários autores, críticos e público leitor.

Muitos criticam a ficção científica por ser ‘fantasiosa demais’, ‘fora da realidade demais’. Contudo, vemos que a ficção (e aqui não falo da científica) permeia vários aspectos de nossas vidas, desde moda até regras sociais. Sendo assim, por que a arte e a ficção devem estar presas a um reino do falso e do mentiroso? Houve um tempo em que tudo que não refletia ‘a realidade’ era visto de maneira pernicioso: ‘Pode-se falar qualquer coisa, nada vale mesmo.’ No segundo livro de **A República** (cerca de 360 a.C.) de Platão, é atribuída a Sócrates a noção de que ficções podem ser perniciosas, principalmente quando não correspondem à ‘realidade’, à ‘verdade’. Tal elemento é criticado principalmente quando se fala de contar tais ‘mentiras’ às crianças, cujas mentes seriam muito frágeis, suscetíveis a qualquer influência e incapazes de discernir o ‘real’ do ‘imaginário’.⁷

Entretanto, é importante notar que a chamada ‘realidade’ não pode ser vista de maneira unificada e sem possibilidades de variações; como propõe Jean Baudrillard no seu livro **A troca impossível** (2002): aqui ele debate como o nosso mundo não tem um oposto que o comprove – por exemplo, o fato de que sei que sou biologicamente uma menina porque não possuo os componentes que me fariam ser considerada um menino –, o que nos resta então é aceitar a realidade que temos, ainda que seja impossível verificá-la.⁸ Assim, se a realidade não é mais imutável como se acreditou um dia, seria

⁶ TODOROV, 2007, p. 180.

⁷ PLATO. 2000, p. 48-50.

⁸ BAUDRILLARD, 2002, p. 9.

inocência de nossa parte crer que a literatura se mantém como uma mera transcrição da realidade.⁹

Ressaltando como o papel da fantasia na literatura vai além de puras alucinações infantis, encerro este momento inicial da introdução, prosseguindo com um detalhamento maior da ficção científica e seus sub-gêneros, por vezes desconhecidos e estereotipados pelo grande público.

A ficção científica: além dos robôs assassinos alienígenas viajantes no tempo atrás de mocinhas indefesas e de dominação global

Ora com bons ora com maus olhos, a ficção científica se apresenta como um gênero que pode contribuir com muito mais do que o velho argumento de robôs, alienígenas e viagens no tempo.¹⁰ Em geral vista como literatura escapista, não podemos negar que durante muito tempo a literatura de ficção científica foi considerada um acúmulo de elementos ‘diferentes’, fora do ‘normal’. Por este viés de fuga, a ficção científica terminou por ter um propósito meramente de entretenimento, mas por vezes ela também contribuiu para manter certos padrões de comportamento e reforçar modos de conduta e pensamento: se pensarmos nas obras populares de meados do século XX, o que se vê é o padrão da vitória do homem branco perante os monstros alienígenas, e que sempre fica com a bela mocinha no final. Aqui, vemos uma manifestação de como uma cultura se apresenta como superior a outra, reforçando uma noção etnocentrista. Para exemplificarmos isto, basta lembrarmos de Flash Gordon¹¹, o

⁹ TODOROV, 2007, p. 176.

¹⁰ Em geral esse pensamento foi incentivado pelas manifestações do gênero nas décadas de 1930 e 1940, quando, nos Estados Unidos, a revista **Astounding Science Fiction** publicou dúzias de histórias escritas por figuras centrais ao gênero, especialmente por escritores masculinos. (ROBERTS, 2000, p. 94.)

¹¹ Flash Gordon → personagem de quadrinhos (mais tarde de desenhos animados, cinema e televisão) criado por Alex Raymond para a editora King Features Syndicate em 1934. Além do eterno vilão Ming do planeta Mongo, Gordon conta com a presença de sua eterna noiva Dale Arden e do misto de cientista maluco com ajudante, Dr. Hans Zarkov. O ambiente é sempre uma mistura de ambientes futuristas com raios mortais e naves espaciais e de outros mais arcaicos, com dinossauros e lutas de espadas. (CLUTE & NICHOLLS, 1992, p. 433.)

belo e louro herói que vive em uma eterna luta contra um imperador alienígena, mas que na verdade muito se parece com um asiático, só que com a pele de cor diferente. Este ser estranho que aspira à dominação de toda a galáxia muito nos faz lembrar do histórico Gengis Khan, e ambos vêm da ‘mesma’ área: Mongólia / Planeta Mongo.

Deste modo, Jonathan Culler mostra em seu **Literary Theory – A short introduction** (1997) que o papel da literatura na vida das pessoas comuns é geralmente ambíguo. Como visto no exemplo acima, a literatura pode ser empregada para a manutenção de um sistema, propagação de uma ideologia, ou a destruição dela. Ainda que por muito tempo o ato da leitura fosse visto de maneira pernicioso, pois como um ato solitário fica por vezes difícil controlar o que o leitor tem em mãos e o que ele pensa a respeito do material que possui, na verdade ela pode contribuir para fazer pensar e questionar o mundo ao redor.

Nós também encontramos alegações contrárias sobre a relação de literatura para ação. Teóricos mantêm que a literatura encoraja uma leitura solitária e reflexão como um modo de se engajar com o mundo e deste modo contraria as atividades políticas e sociais que podem produzir mudança. No lado positivo ela encoraja um desligamento e uma apreciação da complexidade, e no negativo, passividade e aceitação do que está lá. Mas por outro lado, historicamente a literatura tem sido vista como perigosa: ela promove o questionamento da autoridade e da organização social.¹²

Conforme debatido anteriormente, a literatura é uma maneira complexa de expressar sentimentos e idéias, às vezes apenas pelo prazer da diversão, ora por almejar ‘dar uma sacudida no mundo’, e a ficção científica também entrou neste modo dualista de pensamento. O objetivo aqui então passa a ser a percepção de como este tipo de literatura não está preso a meras diversões, ele pode ser muito mais do que parece.

Há muito mais para a ‘boa’ ficção científica do que um simples acúmulo de ‘coisas esquisitas’, como freqüentemente se ouve falar. Os bons trabalhos normalmente refletem mais do que uma mera fuga da realidade, do que uma simples aventura que por um acaso se passa

¹² CULLER, 2000, p. 39. Tradução da Autora → “We also encounter contrary claims about the relation of literature to action. Theorists have maintained that literature encourages solitary reading and reflection as the way to engage with the world and thus counters the social and political activities that might produce change. At best it encourages detachment or appreciation of complexity, and at worst passivity and acceptance of what it is. But on the other hand, literature has historically been seen as dangerous: it promotes the questioning of authority and social arrangements.”

em um planeta distante. Nada de errado em querer se divertir um pouco, mas o diálogo com outras disciplinas faz com que o material seja também uma forma de crítica ao contexto social em que se encontra inserido. Bráulio Tavares, no capítulo final do seu **O Que É Ficção Científica** (1986), fala dos aspectos visíveis do gênero (como os já citados alienígenas), mas lembra de como a associação com diferentes áreas do conhecimento humano, como filosofia, história e religião, através de uma narrativa ficcional, contribui para uma postura reflexiva mais distante do sensacionalismo popular de algumas obras e mais perto de uma perspectiva mais acadêmica e analítica.

Retomando o raciocínio de Rosemary Jackson no seu livro **Fantasy: The literature of subversion**, a fantasia é uma forma de dizer o que é convencionalmente esquecido ou ocultado através de uma recombinação ou de uma inversão do que é visto no mundo dito “real”, causando estranhamento no leitor: “Isso tem a ver com a inversão de elementos deste mundo, re combinando suas características constitutivas em novos relacionamentos para produzir Algo estranho, não familiar e *aparentemente* ‘novo’, totalmente ‘outro’ e diferente.”¹³

Esta noção do estranho acaba por estabelecer uma relação com o que fala Theodor Adorno no seu **Notas de Literatura I** (1974). Nesta obra, o autor discute como a alienação das pessoas umas para as outras faz com que cada pessoa, grupo, sociedade se torne um enigma para o outro. Tal atitude é refletida na obra de arte, em que o impulso de decifrar o enigma da vida do outro encontra seu equivalente no impulso de decifrar os eventos que ocorrem no texto.¹⁴

Este estranhamento, esta alienação, termina por nos trazer de volta à esfera do maravilhoso. Retomando a discussão sobre a literatura fantástica segundo a visão de Tzevetan

¹³ JACKSON, 1998, p. 8. Tradução da Autora → “It has to do with inverting elements of this world, recombining its constitutive features in new relationships to produce something strange, unfamiliar and *apparently* ‘new’, absolutely ‘other’ and different.” (Itálicos no original.)

¹⁴ ADORNO, 2003, p. 58.

Todorov, é possível perceber que o fantástico se revela como uma dúvida (por parte do leitor ou do narrador/personagem) quanto a aceitar determinado evento como real ou pertencendo à esfera do sobrenatural; já o maravilhoso apresenta nuances, dentre as quais podemos destacar, para nosso interesse, o que o crítico chama de maravilhoso instrumental: “Aqui, o sobrenatural é explicado de maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece.”¹⁵ O que Todorov argumenta é que neste tipo de maravilhoso, especialmente encontrado na ficção científica, o que se vê são ‘realidades’ que podem parecer irracionais em um primeiro momento, mas que são totalmente lógicas dentro de suas premissas. Como visto antes, há a já citada ‘naturalidade’ com que o leitor vai diminuindo a distância existente entre o universo da obra e seu próprio, dito ‘real’.

O que ocorre entre o leitor e a obra é na verdade um elaborado jogo, em que o leitor ‘cria’ uma interação com as personagens que povoam a obra literária. Brown remete tal jogo de convivência às teorias de Roger Caillois, particularmente considerando o aspecto de *mimicry*.¹⁶ Luiz dos Anjos (UFES) discorre sobre o tema do jogo no seu artigo “O jogo e a dimensão humana” (2005). No texto ele argumenta como a *mimicry*, no universo das competições, está presente não apenas no jogador/participante em si, mas também naqueles que o assistem, ‘inserindo-se’ no jogo, contorcendo-se quando o jogador vai driblar ou sentindo sua dor após uma falta violenta.¹⁷ Tal qual um jogo de futebol, o leitor acaba por observar e também viver a vida daqueles seres sobre os quais lê, trazendo para mais perto de si aquilo que experimenta – como mundos muito diferentes –, visto que certos atos e ambientes são por vezes impossíveis de serem experimentados *in loco*. Luiz dos Anjos chega inclusive a comparar a apreciação de campeões esportivos à dos personagens de uma obra: “A mera identificação com o campeão constitui já uma *mimicry* semelhante àquela que faz com

¹⁵ TODOROV, 2007, p. 63.

¹⁶ BROWN, 2005, p. 3. Tradução da Autora → “Games that we might refer to as role-playing are games of mimicry, such as *Playing House*.” (“Jogos aos quais podemos nos referir como encenações de papéis são jogos de mimicry, como *brincar de casinha*.”) Itálicos no original.

¹⁷ ANJOS, 2005.

[que] o leitor se reconheça no herói do romance e o espectador no herói do filme.”¹⁸ Na verdade, continuando nas teorias de Caillois a respeito do jogo, Brown ressalta que o que ocorre nesta relação do leitor com a obra é um tipo de atividade denominada *paidia*; pois a interação/interpretação de papéis se revela sem a necessidade de vencedores, apenas o prazer da diversão já basta para a satisfação dos envolvidos.¹⁹

Retomando o universo da ficção científica, seria relevante começar pelo que comenta Adam Roberts, em seu livro **Science Fiction** (2000). Nesta obra, o autor exemplifica este aspecto do ‘falar de algo através de um outro modo’ como um elemento crítico, ao debater a obra **Guerra dos Mundos** (1898) de H. G. Wells. Nela, Wells emprega a metáfora da invasão marciana para criticar a expansão do Império Britânico de seu tempo: ambos utilizando violência para atingir seus objetivos, sedentos de poder e extremamente opressores com relação aos ‘outros’, ou ‘diferentes’ de seu grupo; tal qual nas antigas fábulas, em que o(a) autor(a) se utiliza de situações e elementos ‘distantes’ para melhor alcançar seus objetivos na transmissão de sua mensagem. Assim como, dentro do universo das fábulas, uma raposa falante não apresenta nada de fantástico, por estar dentro do esperado deste gênero; a ficção científica não deveria ser depreciada em uma de suas funções, por seus elementos considerados estranhos, se comparados a uma literatura mais realista. Na verdade, cada gênero, a seu modo, apresenta, entre outras, a função de promover uma reflexão sobre o mundo fora do universo da obra. Um exemplo de tal técnica pode ser visto em um dos livros a ser focalizado nesta tese, escrito pela inglesa Connie Willis, **Doomsday Book** (1992). Nesta obra, a autora aborda um questionamento sobre a evolução humana e suas reações perante uma grande epidemia, contrastando a peste negra medieval com uma nova doença, que mata milhares de pessoas na cidade de Oxford no futuro.

¹⁸ ANJOS, 2005. Itálicos no original.

¹⁹ BROWN, 2005, p. 4.

Ainda dentro da ficção científica, mesmo que não seja um estilo inteiramente exclusivo desta, podemos encontrar a distopia que, por ser um estilo de pouca divulgação dentro da literatura brasileira, faz necessária uma breve explanação a seu respeito. Primeiro falemos brevemente sobre a utopia: a literatura através das décadas vem apresentando vários exemplos deste estilo, como **A República** (cerca de 360 a.C.) de Platão, **A Cidade do Sol** (1602) do italiano Tomaso Campanella e o livro que trouxe o nome à voga, **Utopia** (1516) de Thomas More. Praticamente todas as obras utópicas apresentam um aspecto comum, como cita Edward James em seu artigo “Utopias and anti-utopias”. Inicialmente ele fala de maneira mais abrangente sobre os modos de abordagem e os assuntos tratados pelas utopias clássicas, tudo sempre visando a um mundo perfeito (ao menos aos olhos daquele que criou tal sociedade):

A maioria das utopias eliminou dinheiro e propriedade privada, eliminando de uma vez só cobiça, roubo, ciúme e a maioria das causas de perturbação civil. Razão e boa vontade seriam o suficiente para fornecer paz e harmonia na comunidade; escritores utópicos eram quase que unânimes em eliminar a ocupação parasitária do advogado, e do século XIX em diante era comum considerar padres um pouco melhores que advogados: ambos os grupos alegavam trazer reconciliação e paz, mas na verdade promoviam desinformação, desarmonia e favorecimento próprio.²⁰

Mais tarde, James prossegue falando das utopias clássicas de um ponto de vista mais literário, criticando a caracterização dos personagens e o desenvolvimento do enredo:

Caracterização freqüentemente não existe: os protagonistas meramente preenchem seus papéis necessários, como visitante-ouvinte, palestrante da utopia ou como uma mulher para preencher vaga. Muitos ‘romances’ utópicos podem ser considerados o que escritores de ficção chamam de ‘despejo de informação’, onde um personagem detalhadamente explica o seu mundo. (...) Por definição, não há conflito na utopia. (...).²¹

²⁰ JAMES & MENDLESOHN, 2003, p. 220. Tradução da Autora → “Most utopias eliminated money and private property, thus at on stroke removing greed, theft, jealousy and most causes of civil strife. Reason and good will would be sufficient to provide peace and harmony within the community; utopian writers were almost unanimous in eliminating the parasitic occupation of lawyer, and from the nineteenth century onwards it was common to regard priests as little better than lawyers: both groups claimed to bring reconciliation and peace, but in fact promoted disinformation, disharmony and self-interest.”

²¹ JAMES & MENDLESOHN, 2003, p. 222. Tradução da Autora → “Characterization is often non-existent: the protagonists merely fulfill their necessary roles, as visitor-listener, as utopian-lecturer or as token female. Large amounts of the utopian ‘novel’ can be taken up with sf writers have called ‘info-dump’, where one character painstakingly explains the details of his world. (...) By definition, there is no conflict in utopia (...).”

Entende-se a utopia como um mundo perfeito, mas um mundo de poucos estímulos, em que os personagens aparentemente estão felizes em ter suas vidas anuladas em prol do bem da coletividade, como abelhas em uma colmeia, ainda que não saibamos se eles têm consciência do preço que pagam para usufruir de tamanha ‘felicidade’..

Já a distopia, ou anti-utopia, sendo assim, não utiliza os já mencionados aspectos mais fantásticos da ficção como as viagens interplanetárias e extraterrestres, haja vista que o uso de tais elementos poderia desviar a atenção do leitor do foco principal da obra distópica. O que se passa é uma crítica contundente e por vezes aterrorizante de algo que o(a) autor(a) considera ruim em sua época e que, se não controlada a tempo, pode causar danos sociais e ambientais horríveis em um futuro próximo. O mundo aparentemente perfeito acaba por se revelar insatisfatório para muitos de seus membros, fazendo com que ajam de alguma maneira contra o sistema vigente. Ou seja, esta utopia às avessas termina então por ter uma postura mais crítica, uma marca importante das distopias em geral.

Esta rebeldia contra o sistema nos remete para além da definição básica da intriga que Todorov cita em seu **As estruturas narrativas** (circa 1970). Se, nesta obra, o crítico fala da intriga como uma alteração do equilíbrio inicial, alteração esta que será resolvida mais tarde trazendo um novo equilíbrio para o ambiente da obra,²² no mundo distópico não há a garantia de que haverá um retorno ao ambiente calmo do início. É possível perceber, em obras como **1984** (1949) de George Orwell, que há um retorno ao equilíbrio, mas na verdade não é um equilíbrio verdadeiro, trata-se apenas de uma aceitação do *status quo*. A intriga não foi resolvida, ela foi apenas passivamente aceita para que outras intrigas não continuassem surgindo. Já na obra de Margaret Atwood, **A História da Aia** (1986), há um retorno ao equilíbrio muito mais tarde, já havendo passado muito tempo do período em que a narradora Defred viveu, mas na verdade este equilíbrio é delicado, pois ele termina com a promessa de o

²² TODOROV, 2006, p. 88.

que houve antes (a derrubada do governo e várias atividades fundamentalistas e religiosas) possa retornar a qualquer momento, então não se pode ter certeza de que houve um real retorno ao equilíbrio.

Apesar do pensamento distópico já poder ser visto em obras do século XIX, é no século XX que tal gênero terá sua devida manifestação. De acordo com Patricia Warrick em seu **The Cybernetic Imagination in Science Fiction** (1980) a distopia se evidencia de forma mais clara na sociedade ocidental principalmente após a 2ª Guerra Mundial. Houve tanta destruição neste período da história que as pessoas perderam a esperança em um futuro melhor e escritores se voltaram para a distopia como uma forma de revelar os males que viam no mundo.

M. Keith Booker, na sua obra **The Dystopian Impulse in Modern Literature** (1994), também apresenta outros fatores que contribuíram para um surgimento da distopia: o advento de possíveis guerras nucleares, os conflitos entre países – principalmente a Guerra Fria – e os horrores causados por vários “-ismos” como o Stalinismo, o McCarthismo, o Fascismo e o Nazismo.²³ Além da violência evidente, a própria apatia que começa a dominar o ser humano (evidenciada principalmente por Ray Bradbury no seu **Fahrenheit 451**, de 1953) acaba por ser um outro fator de horror nas distopias.

Mais recentemente, outros fatores, como questões feministas e ecológicas, têm permeado as obras distópicas, mostrando que o leque de assuntos, infelizmente, só aumenta. Dentre as distopias de cunho mais feminista torna-se relevante mencionar o trabalho da Profa. Ildney Cavalcanti. No seu artigo “Distopia Feminista Contemporânea: um mito e uma figura” (2002) Cavalcanti debate como a distopia aborda o tema da subjugação feminina:

As distopias feministas desenham infernos patriarcais de opressão, discriminação e violência contra mulheres, mapeando assim a sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, e revelando sua natureza ambígua, essas ficções expressam de forma importante desejos e esperanças utópicos pertinentes às mulheres. Vistos sob um ângulo específico, esses textos oferecem um antídoto à banalização da misoginia,

²³ BOOKER. 1994, p. 91.

que ainda se constitui como um dos males da nossa sociedade. Em outras palavras, eles trazem à luz atitudes e valores androcêntricos que na maioria dos casos passam despercebidos. E questionam tais valores e atitudes através do exagero motivado pelo princípio crítico e indicativo da proximidade existente entre as distopias e as sátiras.²⁴

A autora, então, lida com aspectos de como a condição feminina pode alterar o modo como a realidade é percebida. Cavalcanti compartilha o pensamento da teórica Raffaella Baccolini (“Gender and Genre in the Feminist Critical Dystopias of Katherine Burdekin, Margaret Atwood and Octavia Butler” de 2000) no tocante aos privilégios aproveitados pelo patriarcado em detrimento das mulheres ex-cêntricas.²⁵ Apesar do enfoque obviamente centrado no feminino, nem todas as distopias feministas são manifestos em favor das mulheres, outras minorias também fazem parte do interesse deste grupo; tais como gays, latinos, negros, judeus.

Na verdade, o que se observa nesta abordagem dos grupos de minorias é a questão do medo e do preconceito sendo associados à presença do Outro. O elemento estranho sempre é visto como aquele que pode abalar a ordem social já estabelecida, e as mudanças podem provocar temor, daí a necessidade de ‘eliminar’ este ser que tantos riscos traz a um mundo já definido. Segundo Rosemary Jackson, o Outro é associado, dentro do mundo da fantasia, a seres fantásticos que correspondem ao ‘não-eu’, ou seja são seres que fogem à norma padrão e por isso são associados a um mundo sobrenatural, alienígena, e prioritariamente malévolo:

O conceito do mal, que geralmente está ligado ao outro, é relativo, transformando com mudanças em medos e valores culturais. Qualquer estrutura social tende a excluir como ‘mau’ qualquer coisa radicalmente diferente de si o que a ameaça com destruição e esta conceituação, este nomear da diferença como mal, é um gesto ideológico significativo. É um conceito ‘ligado à própria categoria de ser o outro: o mal caracteriza o que quer que seja radicalmente diferente de mim, o que quer que precisamente por virtude daquela diferença parece constituir um perigo real e imediato para a minha existência.²⁶

²⁴ CAVALCANTI, 2002, p. 247

²⁵ Termo apresentado por Linda Hutcheon no seu **The Politics of Postmodernism** para falar dos excluídos.

²⁶ JACKSON, 1998, p. 52. Tradução da Autora → “The concept of evil, which is usually attached to the other, is relative, transforming with shifts in cultural fears and values. Any social structure tends to exclude as ‘evil’ anything radically different from itself or which threatens it with destruction, and this conceptualization, this naming of the difference as evil, is a significant ideological gesture. It is a concept ‘at one with the category of otherness itself: evil characterizes whatever is radically different from me, whatever by virtue of precisely that difference seems to constitute a very real and urgent threat to my existence’ (JAMESON, p. 140).”

Como exemplo de distopia feminista, podemos citar duas obras da autora canadense Margaret Atwood. Em sua primeira obra distópica, a já citada **A História da Aia** (1986), o enfoque está majoritariamente conectado a questões de subjugação da mulher, especialmente através de um discurso religioso de grupos cristãos fundamentalistas. Já na segunda obra distópica da autora, **Oryx e Crake** (2003), vê-se que o enfoque está mais voltado para a sociedade em geral e especialmente centrado em aspectos de cunho ecológico e científico, pois tais assuntos afetam todos os grupos sociais como um todo e não deveriam ser vistos como preocupações de apenas alguns. Os próprios noticiários, aos quais assistimos todos os dias na televisão, reforçam a noção de como os desastres ambientais não escolhem suas vítimas e evitá-los é responsabilidade de todos.

De qualquer modo, o que se percebe nas duas obras é como uma sociedade já estabelecida (a República de Gilead, no primeiro livro e os condomínios mantidos por indústrias farmacêuticas, do segundo) vive a ameaça da aniquilação do seu estilo de vida e joga a culpa em seus grupos de excêntricos, para sempre ter a quem culpar, amedrontar e perseguir a fim de que tudo permaneça do jeito que está. Se em **A História da Aia** as mulheres, principalmente, são subjugadas para que o governo fundamentalista possa prosseguir com sua dominação, em **Oryx e Crake** os oprimidos são os próprios elementos que se beneficiam do sistema: os cientistas que ‘vendem suas almas’ às empresas para garantir um futuro confortável para si e suas famílias, ainda que paguem tudo isso com seus ideais e sua liberdade.

Desta maneira, em acordo com o que Theodor Adorno apresenta em seu já citado **Notas de Literatura I**, o teor da obra de arte não requer “só o saber da obra de arte por dentro, como também o da sociedade fora dela.”²⁷ Um raciocínio similar ao de Karlheinz Stierle em seu **A Ficção**: “A ficção é ambas as coisas: a obra como produção da arte e do

²⁷ ADORNO, 2003, p. 68.

imaginário, que só faculta a arte produzida a partir da obra, faz esquecer e, no entanto, requer o retrospecto reflexivo sobre sua origem material.”²⁸ Se a ficção é a interseção entre o mundo dito real e o mundo do imaginário da obra, como já debatido anteriormente, podemos perceber o quanto a distopia com seu caráter de questionamento da sociedade, faz a ligação entre esses dois mundos para chocar e também provocar um raciocínio por parte do seu leitor.

O que fazer daqui para frente?

Essa breve explanação a respeito da literatura fantástica, bem como da ficção científica, principalmente através de seu viés distópico, mostra que estes tipos de literatura são *muito mais* que meras ‘alucinações’ de seus autores e que, ainda que a literatura como um todo não seja obrigada a ter um propósito fechado em si, os gêneros aqui abordados também não têm apenas uma finalidade escapista. Tanto a fantasia quanto a ficção científica, enquanto uma união de mundos diversos, sustentam muito mais considerações e reflexões do que se poderia pensar de início.

Sendo assim, o desenvolvimento do presente trabalho será elaborado em três partes. Na primeira farei, ainda que de maneira sucinta, uma abordagem histórica de como as pestes e epidemias afetaram o mundo, principalmente no século XX. Creio que tal capítulo servirá para validar minha pesquisa e lembrar que, ainda que tenhamos uma ‘doença da moda’ (que neste inverno de 2009 foi a Influenza A, também conhecida por H1N1 ou gripe suína, e no verão geralmente é a dengue), são várias as epidemias que assolam os diversos cantos do planeta, basta lembrarmos da AIDS, do ebola na África, da tuberculose que parece estar de volta, e outros mais.

No segundo capítulo, vou me deter mais na obra da inglesa Connie Willis, **Doomsday Book**. Nesta obra, que se utiliza de um aspecto mais popularmente conhecido da ficção

²⁸ STIELE, 2006, p. 18.

científica como “viagens no tempo”, espero discutir o papel das pessoas frente a uma epidemia, seja durante a peste negra medieval, onde a protagonista Kivrin, acidentalmente, vai parar; seja durante a Oxford do futuro, mundo e tempo de onde ela vem com sua moléstia misteriosa que provoca os mesmos medos, desesperos, e inclusive atos de altruísmo situados séculos antes na obra. A doença pode acontecer em diferentes períodos e em diferentes regiões, mas o mais importante é perceber que as reações vão além dos sintomas. Estas mesmas reações, por muitas vezes, parecem ser similares; e a presença de aspectos econômicos, religiosos e políticos, em alguns momentos, se tornam complicadores de uma situação que por si só já causaria desgaste para qualquer um.

Na terceira parte, é minha intenção debater a doença propagada de outra maneira. A partir da obra da canadense Margaret Atwood, **Oryx e Crake (Oryx & Crake)**, discutirei a epidemia artificial, criada como forma de subjugação do outro e de implantação de uma idéia. Além da doença em si, pretendo focalizar aspectos de manipulação da medicina para o favorecimento daqueles que podem pagar por ela, o papel da ecologia e como **Oryx e Crake** contém um alerta sobre o que a humanidade anda fazendo com sua morada neste sistema solar. Também pretendo abordar os métodos, por vezes radicais demais, para assegurar a sobrevivência deste pequeno grão de areia no universo, mas que, ainda assim, é o único lugar que temos para viver por enquanto. Ainda neste capítulo pretendo, também, fazer referências ao medo das armas biológicas que vemos em tantas guerras que ocorrem por este mundo afora, inclusive à questão de como tais armas renovam o medo de velhas epidemias, como a varíola, erradicada no mundo, mas sempre com o risco de ser usada como um modo de ataque.

Sendo assim, terá destaque, nesta tese, o papel das doenças, recriadas nas obras relacionadas, sejam elas naturais ou artificiais; contudo sem deixar de levar em conta outros

aspectos que terminam por ser afetados, de maneira direta ou indireta, por questões ligadas às vítimas das referidas moléstias e a seus tratamentos.

“I think that I’m sick
But leave me be while my world is coming down on me”
Matchbox 20, “Disease”. (2002)

CAPÍTULO 1

AS COISAS QUE TANTO TEMEMOS

1.1 – Doenças e pragas a nos afligir

Desde o início de sua existência a humanidade tem sido assolada por doenças e moléstias que sempre reduziram de alguma forma a quantidade de membros de um determinado grupo. Até que tivéssemos resistência suficiente para sobreviver a casos hoje em dia simples como gripes ou uma diarreia causada por um alimento mal preparado, muitos seres humanos morreram sem que uma explicação satisfatória fosse providenciada. Até hoje temos doenças que ainda permanecem um mistério, sejam elas contagiosas ou não. Na verdade, por mais que pareçamos estar perto de um tratamento mais eficaz, como há anos vem tentando ser feito com relação ao câncer e à AIDS, parece que a cura final infelizmente ainda vai demorar um pouco.

Neste capítulo pretendo abordar três aspectos que acredito que sejam de grande relevância para o desenvolvimento desta tese. Em primeiro lugar desejo abordar como epidemias vêm há muito fazendo parte da história da humanidade; pois ao fazer tal abordagem creio deixar claro o quanto a minha pesquisa, ainda que dentro de estudos literários, não é algo afastado da realidade em que vivemos. A literatura, ao trabalhar com o mundo real de diversas maneiras, não podia deixar algo tão presente fora de suas temáticas. Mais tarde faço uma breve abordagem em relação à morte e a influência desta de diversos modos nas percepções que temos sobre o que é de fato viver. Será que apenas um mero cessar de funcionamento de órgãos já constitui a morte? Será que ela é um evento instantâneo? O corpo pára de funcionar e acabou? Não sou ambiciosa a ponto de afirmar ter todas as

respostas para o caso, mas acredito ser de grande valor trazer o assunto à tona para apresentar mais perspectivas sobre o assunto de modo que cada um possa chegar ao seu entendimento particular de um tema tão dolorido. Por fim, pretendo fazer uma breve abordagem sobre a literatura de viés apocalíptico, pois ainda que este capítulo seja provavelmente o que menos trabalhe com a literatura, o meu assunto principal ainda é o universo literário; e esta abordagem a respeito do apocalipse e de como este se manifesta na literatura será de grande ajuda para o entendimento de capítulos futuros.

Sendo assim, retomando o primeiro assunto deste capítulo, doenças, é necessário perceber que são um problema que pode acometer qualquer pessoa em qualquer lugar. Entretanto, o grande problema parece estar no fato de que cada grupo social, devido a diversos fatores como religião ou até mesmo os avanços científicos, interpretará os males de uma maneira que pode acarretar em conseqüências desastrosas para os que por ela são vitimados.

De início, seria de grande relevância lembrar a obra **Doença como metáfora / AIDS e suas metáforas** (1979 e 1989, respectivamente) de Susan Sontag. Nestas obras publicadas posteriormente de maneira conjunta a autora relata desde suas experiências pessoais enquanto paciente de câncer até o estudo desenvolvido com a propagação da tuberculose no passado e da AIDS e sua influência no mundo de hoje. Sontag apresenta como por vezes as metáforas são mais perigosas que as próprias doenças em si: “Nada é mais punitivo do que dar um sentido à doença – invariavelmente, tal sentido é de cunho moralista.”²⁹ Isto, pois, tendo em vista o estigma de corrupção da carne, ainda uma conseqüência das visões bíblicas, o medo por contágio e o desejo de auto-preservação por parte dos ditos sadios acabam por tornar a vida do paciente mais desoladora. Sontag associa o combate a doenças ao linguajar de uma

²⁹ SONTAG, 2007, p. 53.

guerra, em que o inimigo, neste caso quase invisível, é causador de grandes baixas quando não consegue ser aniquilado:

As metáforas recorrentes na descrição do câncer são, na verdade, extraídas não da economia mas sim da linguagem da guerra: todo médico e todo paciente atento conhecem muito bem essa terminologia militar mesmo que já estejam insensíveis a ela. Assim, as células cancerosas não se multiplicam, elas são simplesmente “invasivas”. (...) As células cancerosas (...) “colonizam” regiões remotas do corpo (...). Raramente as “defesas” do corpo são vigorosas o bastante (...)³⁰

William H. McNeill em seu livro **Plagues and Peoples** (1976) também aborda nesta questão do jargão da guerra em relação às doenças: “Guerras e doenças são ligadas por mais do que retórica e as pestilências que freqüentemente marcham com e no rastro de exércitos.”³¹ Mas neste ambiente militar, o que ocorre é que os que sobrevivem aos combates se apresentam melhor preparados para prosseguir, com os mais fracos perecendo pelo caminho.³² Contudo, será no capítulo 2 desta tese, ao lidar com a peste negra europeia do século XIV na obra de Connie Willis, que a questão da interpretação da doença se fará mais presente, fazendo uma abordagem que remete a vários campos do conhecimento humano como a religião e a ciência médica.

Aqui acredito ser relevante falar de como o principal problema com as doenças na sociedade parece residir no fato de que estes males (mais uma vez, contagiosos ou não) de alguma forma perturbam o caminhar de um determinado grupo. Se pensarmos mesmo em uma pequena escala, como um funcionário muito gripado que falta ao serviço, naquele período em que ele estiver de licença médica os outros colegas da empresa se verão obrigados a desempenhar as funções dele, ou o serviço do funcionário doente ficará parado, esperando seu retorno. De qualquer maneira, há uma perturbação da ordem deste local de trabalho.

Agora se pensarmos em um evento em grande escala, como a gripe suína que tanto assustou o mundo no ano de 2009, aqui no Brasil particularmente nos meses de junho a

³⁰ SONTAG, 2007, p. 58.

³¹ McNEILL, 1998, p.73. Tradução da Autora → “Warfare and disease are connected by more than rhetoric and the pestilences that have so often marched with and in the wake of armies.”

³² McNEILL, 1998, p.73.

agosto, o nosso inverno, veremos que a perturbação na sociedade foi bem maior. Escolas tiveram suas aulas adiadas, empresas começaram a adotar medidas de prevenção, muitas pessoas foram afastadas de suas funções, ou porque estavam contaminadas, ou porque temiam o contágio, como era especialmente perceptível no caso das gestantes.³³ De qualquer maneira, houve uma alteração do ritmo de funcionamento do país que trouxe, além de prejuízos econômicos alegados por algumas empresas (em destaque as de turismo), um prejuízo para a própria população que teve que aprender a conviver com o medo de um agente mortal que poderia, teoricamente, estar em qualquer lugar, até mesmo no corrimão de uma escada rolante de um centro comercial.

A gripe suína, ou influenza A, não é a primeira e nem será a última grande epidemia a nos assustar. Aqui neste capítulo pretendo trabalhar com apenas um recorte de tempo que seria do século XX até este nosso início de século XXI; e mesmo assim abordar apenas os eventos que considero mais significativos, pois seria inviável para os propósitos desta tese fazer um relato de todas as epidemias que assustaram a humanidade desde o início dos tempos.

Quem desempenha tal relato é o médico Stefan Cunha Ujvari, ele debate a conexão entre história e doenças no seu livro **A história e suas epidemias** (2003). Aqui ele mostra como vários eventos ao longo dos séculos não só possibilitaram a propagação de doenças, como as condições insalubres na Europa medieval que tornaram o trabalho da peste negra muito mais fácil, como também eventos que foram afetados pelas doenças, como foi o caso dos trabalhadores que sobreviveram a esta mesma peste negra e puderam ter uma vida melhor por haver uma escassez de mão de obra após tantas mortes.

³³ Em 16 de agosto de 2009 o jornal **Folha de São Paulo** publicou um caderno especial de saúde como uma espécie de guia de comportamento perante a nova gripe. Nesta edição foram encontradas dicas de higienização, inclusive ensinando a lavar as mãos de maneira mais eficaz para o combate do vírus, e alertas para mulheres grávidas (um dos principais grupos de risco). O caderno também falava sobre a propagação da doença e sobre a necessidade de adiar as aulas para evitar mais casos.

Dando destaque ao século XX, Ujvari comenta como o combate à febre amarela mobilizou um verdadeiro exército (no verdadeiro sentido da organização militar) para combater os focos de doenças; liderados por Osvaldo Cruz, esta força tarefa seria responsável por evitar que mais pessoas morressem desta forma.³⁴ Mais tarde ele fala do combate à varíola que motivou a Revolta da Vacina, pois as pessoas não acreditavam na eficácia do procedimento preventivo. Ao longo do seu capítulo sobre o século passado, o autor ainda fala sobre outras doenças que trouxeram muito medo e morte como a gripe espanhola, uma nova epidemia de peste negra (sobretudo na costa oeste dos EUA), a chamada gripe do frango (H1N1), o mal da Vaca Louca, a AIDS, a propagação do ebola,; e até mesmo doenças que ainda permanecem um mistério maior ainda, como uma crise de encefalite que acometia pessoas que viviam às margens do Rio Nilo no fim da década de noventa e que terminou por infectar pessoas vivendo em uma área tão distinta da original, como o oeste dos EUA.

Mais uma vez há a conexão entre males e seus efeitos na sociedade.

A facilidade e a rapidez com que as pessoas saem de um continente e chegam a outro aceleram a disseminação de um agente infeccioso. Dessa forma, não só uma epidemia é capaz de se espalhar em pouco tempo, como um agente infeccioso pode ser introduzido em uma região onde não ocorre a doença. Além disso, há o transporte de vetores animais, potenciais transmissores de doenças. Num estudo realizado em Londres, de 67 aviões provenientes de regiões tropicais, 12 continham mosquitos provenientes dos trópicos.³⁵

Assim, a evolução dos meios de transporte possibilitou que pessoas infectadas, ou cargas que transportavam os vetores destas doenças, viajassem de maneira mais rápida, atingindo populações que nunca haviam tido contato com tais organismos, e tornando-as presas fáceis para os inimigos ocultos. O índice de letalidade em tais populações seria absurdamente alto.

Se pensarmos além da questão de uso de tecnologia, vemos também o quanto as doenças nos afetam até hoje. Muitas pessoas tiveram suas condutas sexuais alteradas por

³⁴ Aqui vemos de maneira mais prática a abordagem de guerra à doenças que Susan Sontag menciona em seu livro citado anteriormente.

³⁵ UJVARI, 2003, p. 267.

medo de contágio da AIDS. Já foi citado aqui anteriormente o medo que afligiu tantos com o advento da influenza A e anteriormente com a gripe do frango. Quantos na Europa, especialmente, mudaram seus hábitos alimentares temendo a crise da Vaca Louca nos primeiros anos do século XXI?³⁶ E há ainda uma consequência mais grave disso tudo que seria a vulgarização de medicamentos (especialmente os antibióticos), ou seja, usando indiscriminadamente certos remédios acreditando que estão se protegendo, muitas pessoas acabam por tornar estes produtos mais fracos e ineficientes no combate às doenças. Ujvari comenta que:

Assim, essa arma poderosa, o antibiótico, quando mal-empregada, pode causar efeitos maléficos à humanidade, percebidos apenas com o passar dos anos. Quando utilizada de maneira abusiva, sem critério, e muitas vezes desnecessariamente, induz o aparecimento das bactérias resistentes, que vão se tornando frequentes na sociedade e se disseminam. O homem está criando bactérias desse tipo, está esgotando seu poderoso arsenal antimicrobiano, e assim necessita cada vez mais da descoberta de novos antibióticos. No início, esses agentes surgiam nos ambientes hospitalares, locais em que se concentravam pessoas utilizando antibióticos potentes; hoje, já encontramos germes resistentes em pacientes vindos da comunidade.³⁷

Ilustrando o que foi dito, creio que um exemplo recente desta polêmica envolveria o remédio mais usado para combater a influenza A: o Tamiflu.³⁸ Durante a gripe suína vimos na mídia pessoas clamando pelo medicamento (ao que parece o único capaz de combater a doença), enquanto especialistas alertavam para o uso excessivo que poderia fazer o composto perder seu efeito. Ainda que neste caso estejamos falando de um antiviral, não de um antibiótico, o medo de ineficácia permanece. Ao longo do ano de 2009, vários jornais de grande circulação, como o **Jornal do Brasil** (RJ), e a **Folha de São Paulo** (SP) publicaram matérias envolvendo a polêmica quanto ao uso do deste remédio. Em uma matéria de 04/08/2009, o JB comenta sobre a decisão do Ministério da Saúde de ampliar uso do remédio

³⁶ No seu artigo ao jornal **Folha de São Paulo** de 03 de abril de 2001, o correspondente André Mesquita fala de como os britânicos estão deixando de comer carne por medo de se contaminarem com o mal da vaca louca. Ainda que esta matéria aborde especificamente a situação no Reino Unido, tal comportamento se tornou lugar comum em vários outros países da Europa. (MESQUITA, 2001.)

³⁷ UJVARI, 2003, p. 258.

³⁸ Nome de fantasia dado pela Roche ao medicamento cujo principal elemento ativo é o fosfato de Oseltamivir. (ROCHE, 2009.)

para pessoas que possam estar contaminadas com a gripe suína ou não, mas que precisem de tratamento para problemas respiratórios, por exemplo, e como os hospitais receberam esta determinação.³⁹ Já na sua carta de leitores⁴⁰ a Folha de São Paulo registra a indignação de algumas pessoas sobre a restrição do uso do remédio, apontando tal como um fator para que a doença fosse tão letal aqui. Em outro artigo da mesma época⁴¹ este mesmo jornal fala da possibilidade de venda do Tamiflu em farmácias para o público em geral no ano de 2010, prevendo a necessidade do remédio na nova epidemia que poderá atingir no inverno daquele ano. Enquanto agências governamentais afirmam que a venda não foi disponibilizada antes porque a própria fábrica (Roche) não tinha condições de atender à demanda e terminou por priorizar as solicitações dos hospitais; a mesma indústria alega que não vendeu para a população antes porque a prioridade era do governo e que não vê nenhuma chance de passar o medicamento para a população comum. Poderíamos ficar aqui discutindo vários casos questionando a acessibilidade de remédios para certas doenças ser algo válido ou não, mas creio que seria um esforço demasiado para esta parte. Através deste caso como exemplo, foi possível ver o quanto há várias polêmicas que envolvem epidemias e como elas ainda fazem parte de nossas vidas.

Então, nesta primeira parte deste capítulo, foi feita uma breve abordagem das doenças que tanto perturbam as nossas vidas. Ainda que por vezes o fator capitalista pareça ter certa primazia – pois grande parte das pessoas teme ficar doente por tal fato atrapalhar o andamento do trabalho – o medo principal ainda se localiza no fato de que a morte (o resultado de muitas epidemias) ainda é o grande temor de muitas pessoas. Muitos ainda a percebem como o fim inquestionável e imutável, e é sobre essas visões deste evento do qual não podemos escapar que será a próxima parte.

³⁹ JB ONLINE, 2009.

⁴⁰ SERODIO, 2009.

⁴¹ FOLHA DE SÃO PAULO, 04/09/2009.

1.2 – A morte é o fim?

A que espécie pertencemos? Bem, a idéia geral é de que pertencemos à raça humana. E qual seria uma outra forma de nos definirmos enquanto grupo? ‘Que somos mortais’ parece ser uma alternativa. Podemos tentar adiar nosso término com técnicas médicas avançadas, superstições, o que for do alcance ou agrado de cada um, mas é inevitável que todos nós vamos morrer um dia. Alguns temem a morte, outros parecem ter uma posição resignada quanto à sua inevitabilidade, mas ela sempre vai carregar uma aura de mistério. Tal perspectiva parece ser bem refletida no mundo cinematográfico. Alguns cineastas irão abordá-la a partir de um ponto de vista mais voltado para o horror ou para a religião, como, por exemplo, no filme **Constantine** (**Constantine**, dir. Francis Lawrence, 2005), ou serão um pouco mais engraçados a respeito do fato, como a comédia de humor negro **Os Fantasmas se Divertem** (**Beetle Juice**, dir. Tim Burton, 1988).

Mas o que significa a morte? O que acontece realmente na pós-vida? Esta é uma pergunta que reserva muito mais dúvidas que certezas, pois cada grupo social, cada crença, cada opinião pessoal vai abordar este momento de uma maneira diferente. Por um lado há aqueles que simplesmente levam em conta unicamente o fim do funcionamento do organismo; assim deixamos de existir e não há nada além disso. Porém outros acreditam que há – que ‘tem que haver’ – algo além, um sentido para nossa passagem por este plano de existência. Os Hindus acreditam em um ciclo de mortes e renascimentos representados pela roda Samsara e que nosso estado espiritual determinará como voltaremos até que alcancemos o moksha (ou iluminação) e sejamos libertados deste ciclo. Esta perspectiva de reencarnação e evolução é partilhada, obviamente respeitando-se as devidas diferenças, por outras religiões. Existem também aqueles que compartilham de uma vertente exemplificada pelo Cristianismo de que a

morte é uma passagem para uma nova vida, que pode ser de desgraça eterna ou de salvação e proximidade com o Criador.

Porém, do ponto de vista filosófico, não existem meios de se ter uma perspectiva empírica definitiva da morte uma vez que aqueles que se foram nunca voltaram e estudos ainda são feitos com relatos de pessoas que passaram por experiências de quase morte, com resultados ainda não muito conclusivos ou aceitos. No entanto, como fala Simon Blackburn no **Dicionário Oxford de Filosofia** (1994), a morte em grande parte tem sido representada de forma negativa por ser a anulação, o oposto do estado de existir, independente de como tenha ocorrido o evento. Blackburn prossegue falando da imortalidade sendo aceita como uma alternativa muito melhor até que se avalie bem esta situação.⁴² Tais incertezas a respeito ‘do outro lado’ fazem com que a grande maioria se apegue ao que conhece, ao que experimenta aqui e agora, supervalorizando a busca pela imortalidade.

Ficamos então com a popular afirmação de que a morte é a única situação em que todos os seres humanos são verdadeiramente iguais. Mas considerando as diferentes abordagens, seja no campo artístico, filosófico, ou religioso, será que ela realmente é igual para todos? Não se pode deixar de falar aqui como a morte pode ser influenciada por aspectos materiais.

De início seria relevante abordar como a morte é vista por muitas culturas como um processo que requer várias etapas. Se pensarmos em um primeiro momento na abordagem da médica Elizabeth Kübler-Ross em seu **Sobre a morte e o morrer** (1969), ela discute como o processo de morte segue vários estágios, como: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão, aceitação. No caso desta autora, ela se prende mais à morte em relação a pessoas que sofrem de doenças terminais e que precisam encarar frente a frente o fato de que o término da vida parece mais certo e próximo do que a maioria de nós gostaria de acreditar:

⁴² BLACKBURN, 1997, p. 257.

“(…) o homem tem que se defender de vários modos contra o medo crescente da morte e contra a crescente incapacidade de prevê-la, precaver-se contra ela.”⁴³ Na verdade, os seres humanos, em sua maioria, sempre vêem a morte como algo distante, bem distante, e a proximidade do fim parece ser um evento aterrador que pode gerar, como já visto na enumeração das fases, sentimentos diversos.

Contudo, ao se falar da morte de uma maneira mais geral, sem pensarmos em sua causa, a morte também não deixa de apresentar seus processos, que podem durar muito além da disposição do corpo. Douglas J. Davies, em seu **Death, ritual and belief** (1997), fala no capítulo 2 de como em certas culturas estudadas por Robert Herz, por exemplo, a morte só termina com a total dissolução do corpo.⁴⁴ O autor também discute a mudança da identidade do morto, associando-o agora não ao mundo dos vivos, mas a um elemento ancestral, ou alguém que está mais perto de Deus. Tal evento faz com que a morte seja menos impactante, por revelar um aspecto além da cessão de funções do corpo: “Apesar de o corpo como um microcosmo da sociedade morrer, a pessoa associada com ele não cessa de existir porque sua identidade é transformada.”⁴⁵ Visto principalmente como um mecanismo de saber lidar com a partida de uma pessoa querida, estas fases do processo de morte então se tornam um modo mais atenuado para conseguir aprender a conviver com a dor de uma situação que, até o presente momento, é irreversível.

Através do que foi discutido até agora, vemos que este tópico é mais influente do que se pensa. Como argumenta Michael C. Kearl em seu **Endings: A sociology of death and dying** (1989), a morte com seu elemento do desconhecido (afinal ninguém pode afirmar categoricamente o que se passa ‘do outro lado’) vem sendo usada principalmente pelas religiões como uma forma de validar a presença destas no mundo. Não é minha intenção aqui

⁴³ KÜBLER-ROSS, 2005, p. 18.

⁴⁴ DAVIES, 1997, p. 24

⁴⁵ DAVIES, 1997, p. 30. Tradução da Autora → “Although the body as a microcosm of society does die, the person associated with it does not cease to exist because his or her identity is transformed.”

discutir o papel da religião na vida das pessoas, entretanto, torna-se significativo perceber o quanto o mistério desta terra ainda não totalmente explorada faz com que recorramos às instituições religiosas em busca de resposta: “Alguns argumentam que sem a morte não haveria necessidade de religião.”⁴⁶ Ainda assim, Kearl também fala que, se por um lado as religiões ‘precisam’ da morte para legitimar sua existência, o oposto também acontece, ao citar uma passagem escrita por Ernest Becker: “Religião tem sido tradicionalmente a instituição responsável por dar sentido a situações marginais, por abordar com ‘o problema de como suportar o fim da vida’ (Becker 1973, p. 12).”⁴⁷ : nós precisamos da religião para encontrar algum sentido na morte, seja através da esperança da pós-vida no paraíso, ou na reencarnação, estamos sempre em busca de uma resposta que nos tire de uma perspectiva niilista.⁴⁸ Afinal, se tudo termina na morte e não há para o qual almejar depois dela, para quê se dar ao trabalho de viver?

Albert Camus apresenta esta questão como sento o ponto fundamental de seu livro **O mito de Sísifo** (1942) já logo nas primeiras frases: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.”⁴⁹ Ainda que o autor entre na questão do absurdo da vida, e reconheça a existência de outros motes filosóficos que outros podem considerar mais fundamentais que a morte, o que fica principalmente é o pensamento sobre a importância que este assunto tem na vida das pessoas.

Outro autor a lidar com a presença (se bem que neste caso seria melhor dizer “ausência”) da morte e suas influências, é o agraciado com o Prêmio Nobel, o português José

⁴⁶ KEARL, 1989, p. 170. Tradução da Autora → “Some have argued that without death there is no need for religion.”

⁴⁷ KEARL, 1989, p. 176. Tradução da Autora → “Religion has traditionally been the institution responsible for making sense of such marginal situations, for addressing ‘the problem of how to bear the end of life.’ (Becker 1973, p. 12).”

⁴⁸ “Teoria que promove o estado em que não se acredita em nada, ou de não se ter comprometermos ou objetivos. O termo é incorretamente usado para caracterizar todas as pessoas que não partilham uma fé específica ou um conjunto determinado de valores absolutos.” (BLACKBURN, 1997, p. 267.)

⁴⁹ CAMUS, 2009, p. 17.

Saramago. Na sua obra **As Intermittências da Morte** (2005), o escritor fala de um país fictício em que a morte simplesmente pára de matar os seres humanos. A princípio a idéia parece boa até que as terríveis conseqüências começam a aparecer: crise na economia, na religião, além do fato de que os idosos, os moribundos, os acidentados, todos ficam em um estado suspenso de não-morte e de não-vida, presos em um limiar. Mais tarde a morte volta a matar com aviso prévio para os que têm sua hora se aproximando, e chega a se envolver romanticamente com um músico que simplesmente desafia seu sistema de trabalho. Porém, para os propósitos deste capítulo o enfoque será apenas no período de ausência da morte naquela terra fictícia. Sendo assim, o que se propõe é debater aqui com relação às obras selecionadas são questões de vida, sobrevida e morte.

O desejo de vencer a morte é atendido neste livro. Em tese, o que se vê no país da narrativa é uma sensação de serem ‘os Escolhidos’, a imortalidade é vista como uma bênção. Ao se sentirem os preferidos de Deus, a população desenvolve um sentimento nacionalista e um etnocentrismo exacerbado, exaltando sua superioridade perante seus vizinhos mortais: “(...)o que [os outros países] têm é inveja de que na nossa pátria não se morra, por isso nos querem invadir e ocupar o território para não morrerem também.”⁵⁰

No entanto, com o passar do tempo vê-se que a imortalidade pode trazer mais conflitos do que se pensa. Do ponto de vista religioso ela acaba por fazer descer por água abaixo os grandes dogmas e preceitos. De certa forma, pode-se dizer que quase todas as religiões do mundo vêem a vida após a morte (seja ida para o céu, reencarnação ou qualquer outro ‘processo’) como um reflexo do que foi feito pelo indivíduo durante sua estadia nesta terra. Se ninguém morre, não há com o que se preocupar, e onde estaria o poder de, por que não assim dizer, instaurar medo e garantir a subserviência dos seus fiéis? Esta é uma das primeiras preocupações reveladas logo no começo da obra em uma conversa entre o primeiro-ministro e

⁵⁰ SARAMAGO, 2005, p.63.

um membro do alto clero: “(...) Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja, (...)”⁵¹ Deus acabaria por ser verdadeiramente assassinado, tendo em vista que as pessoas simplesmente deixariam de se preocupar com Ele e com o que poderia ser feito a elas na pós-vida.

A crise também se apresenta através da economia, com os problemas financeiros do ‘setor de morte’: companhias seguradoras que agonizam com a falta de clientes, funerárias que acabam apenas por sobreviver do enterro de animais domésticos, asilos e hospitais superlotados porque os que estão internados chegam e ficam lá, literalmente, para sempre. Há também o inchaço no programa da previdência social, pois havendo um futuro aumento no número de pensionistas, quem poderia pagar pelos seus custos se a população não cresce de modo compensatório?

Apesar destas conseqüências que, mesmo afetando o campo religioso, podem estar mais ligadas ao material, o que parece ser o efeito mais devastador da ausência de morte é a situação de limbo em que se encontram os moribundos, sejam eles idosos ou doentes terminais. Tal situação parece ser amplamente exemplificada pela família de camponeses que tem um patriarca que está entrevado em uma cama, e um bebê (seu neto) que está mais morto que vivo.

No caso destes humildes moradores, a solução fornecida pelo moribundo avô é levar os dois sofrendores para fora dos limites do país e lá, onde a morte ainda retém seus domínios, esperar que eles encontrem seu descanso merecido. Tal atitude é retratada ao longo do texto como sendo uma espécie de eutanásia, ainda que em um ambiente fantástico. O ato aqui segue o sentido da raiz da palavra criada por Francis Bacon em 1623, a idéia de uma “boa morte ou morte apropriada”⁵², já que o velho patriarca não vê solução para o seu caso e para o do menino, como explica para uma de suas filhas:

⁵¹ SARAMAGO, 2005, p. 18.

⁵² GOLDIM, 2004.

(...) É uma loucura, pai, Talvez seja, mas não vejo outro meio para sair desta situação, Queremo-lo vivo, e não morto, Mas não no estado em que me vês aqui, um vivo que está morto, um morto que parece vivo, (...) ⁵³

Assim, uma meia-vida pode ser um destino muito mais cruel do que se pensa. No entanto, ainda há muitas controvérsias a respeito da eutanásia. Por um lado, Simon Blackburn fala de como este procedimento pode ser a única solução para “aliviar o sofrimento e quando a morte é vista como o melhor bem, ou o menor mal, para o paciente.” ⁵⁴ Ainda assim, como afirma José Roberto Goldim em seu artigo “Eutanásia”(1997):

A tradição hipocrática tem acarretado que os médicos e outros profissionais de saúde se dediquem a proteger e preservar a vida. Se a eutanásia for aceita como um ato médico, os médicos e outros profissionais terão também a tarefa de causar a morte. A participação na eutanásia não somente alterará o objetivo da atenção à saúde, como poderá influenciar, negativamente, a confiança para com o profissional, por parte dos pacientes. ⁵⁵

Se a humilde família camponesa parece ser movida por um sentimento de compaixão para com o pobre velho e o bebê, o mesmo sentimento não parece estar nos corações do resto da população quando se descobre a possibilidade de se empurrar os indesejados para fora da fronteira, tendo a chance “de se verem livres dos autênticos pesos mortos que os moribundos eram lá em casa.” ⁵⁶ Quando o governo proíbe esta prática e fecha as fronteiras, um grupo da ‘máphia’ se encarrega de ‘ajudar’ as famílias pelo seu devido preço.

O livro de Saramago não oferece nenhuma pista do que aconteceria ‘do outro lado’. Apropriadamente ‘esquecendo’ de falar do período pós-morte, o autor é capaz de focalizar a atenção do leitor no que é feito aqui e agora com os doentes, os idosos e os gravemente feridos. Pois nada parece ser mais cruel do que o abandono ao qual estes grupos são submetidos, e sua redução a meros ‘restos de pessoas’. Pois como argumenta a médica Kübler-Ross no seu já citado livro, o que de pior acontece para o moribundo (além da

⁵³ SARAMAGO, 2005, p. 39-40.

⁵⁴ BLACKBURN, 1997, p. 132.

⁵⁵ GOLDIM, 2004.

⁵⁶ SARAMAGO, 2005. p. 39-48.

proximidade da morte, obviamente) é o fato de que “Pouco a pouco, e inevitavelmente, começa a ser tratado como um objeto. Deixou de ser uma pessoa.”⁵⁷

É irônico ver que, quando a morte envia um comunicado sobre voltar às suas atividades, sua grafia é analisada e tem por resultados a personalidade de uma criminosa, uma ‘serial killer’, ainda que morta.⁵⁸ Mas partindo em sua defesa, será ela uma mente tão criminosa assim? Ela está aqui desde o começo dos tempos, cumprindo o seu papel. Pois, retomando o começo desta parte do capítulo, o que é a morte? Como diz Álvaro L.M. Valls em seu texto “Repensando a vida e a morte do ponto de vista filosófico” (2002): “O problema da definição tradicional da morte é que ela, como muitas outras definições tradicionais, é circular. Morremos quando deixamos de viver, e deixamos de viver quando morremos.”⁵⁹ Mas o que é realmente a morte? Deixar o pobre velho camponês em seu estado de limbo não seria pior do que ter o seu fim derradeiro? Muitos podem discordar, acreditando na ética tradicional da santidade da vida, mas será que a quantidade de anos vividos vale mais do que como eles foram aproveitados? Muitas questões ainda sem respostas ainda permanecem e, pelo visto, ainda estarão por aí por um bom tempo.

O que se pôde ver aqui nesta parte, é que a condição finita dos seres humanos traz implicações maiores do que simplesmente a cessão da vida. Seja do ponto de vista filosófico, religioso, médico ou econômico, a morte é um fator que chega a determinar o modo como vivemos. Cada um de nós vai tentar encontrar conforto e respostas da forma que melhor convier, porém creio que seja melhor viver acima de tudo e pensar na Morte pelo sentido de sua carta no Tarô de Marselha: sempre uma transição, nunca o fim.

Após este debate sobre o fim da vida, agora é necessário continuar a debater o fim, só que desta vez envolve todos os seres humanos. O apocalipse, geralmente ligado a aspectos

⁵⁷ KÜBLER-ROSS, 2005, p. 13.

⁵⁸ SARAMAGO, 2005, p.114.

⁵⁹ VALLS, 2002.

bíblicos, traz consigo outras abordagens e um viés literário mais presente do que possa imaginar.

1.3 – O apocalipse mais perto do que se pensa

A questão do apocalipse já se faz presente na humanidade desde tempos imemoriais. Livros religiosos como a Bíblia e o Alcorão já falavam do momento em que o mundo como conhecemos viria a acabar e apenas os eleitos seriam chamados para usufruir de um longo período (o milênio) de prosperidade e bem estar.

Como argumenta Richard K. Emmerson em seu artigo “Apocalypse”, várias religiões já se preocupavam com o destino do mundo como o conhecemos, mas ele debate como as três grandes religiões monoteístas (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo) foram profundamente afetadas pelo pensamento e o medo do futuro. Emmerson também fala de como mais tarde a noção de fim de mundo deixou de ser exclusivamente religiosa e foi apropriada pelo universo secular com a questão da entropia⁶⁰, desastres intergalácticos (sempre houve uma suspeita de um choque entre um cometa e a terra) e a preocupação com as crises epidemiológicas e ecológicas que ameaçam a vida neste plano da existência.

A literatura também aborda essa questão do fim do mundo através da literatura apocalíptica. Como aqui pretendo fazer apenas uma breve explanação a respeito do assunto, afim de ‘preparar o terreno’ para as discussões das obras de maior destaque em capítulos posteriores, vou concentrar meu debate principalmente no que Peter Nicholls e John Clute abordam em seu **The Encyclopedia of Science Fiction** (1993). Em vários verbetes como

⁶⁰ “Entropia → (...) *A entropia é a medida da desordem no sistema.*(...)” (BLACKBURN, 1997, p. 117. Grifos meus.) Complementando a informação, ocorre uma desordem no universo como um todo que apenas cresce até que toda esta desordem atinja um nível máximo que cessará toda e qualquer atividade física, tudo isto seguindo uma perspectiva da termodinâmica clássica. (NUSSENZVEIG, 2002, p. 205-236.)

“end of the world” (fim do mundo), “disaster” (desastre), eschatology (escatologia⁶¹), e “holocaust and after” (holocausto⁶² e depois), os dois autores fazem uma breve explanação sobre como o fim do planeta e/ou da humanidade vem sendo abordado pela literatura através dos tempos.

Nesta enciclopédia, há o debate de como esta literatura de devastação vem sendo usada, principalmente no século XX, como uma forma de alerta sobre possíveis causas que tornariam a vida no planeta praticamente insuportável. Contudo, o impulso de abordar estas questões surgiu principalmente no período romântico, com o surgimento dos primeiros romances científicos, como **The Last Man** (1826) de Mary Shelley. Nesta obra encontramos a presença de uma praga que dizima a população do planeta; doenças avassaladoras como a mencionada na obra foram, inicialmente, as principais formas que os autores encontraram para falar do fim absoluto.

Entretanto, conforme a ciência vai evoluindo ao longo dos séculos XIX e XX, o advento de novas modalidades científicas como viagens espaciais, uma apreciação maior do que se passa no universo, e a própria questão da ecologia, fazem com que as doenças percam seu lugar de principal agente de destruição. Se as doenças ainda poderiam ser um mal involuntário, surgem outros problemas que poderíamos evitar se nos esforçássemos para tal.

Ainda que a devastação da vida na terra seja vista como uma coisa ruim, vários autores, como H.G. Wells, acreditam que o advento de tal problema não seria necessariamente uma coisa tão triste, visto que ela seria uma forma de “aperfeiçoamento” da humanidade, ou até mesmo a um alívio para os sobreviventes. Como veremos até mesmo em relação a doenças e epidemias, haveria aqui um processo de eugenia, uma teoria da evolução simplista, em que apenas os que merecem sobrevivem. Este fato seria proveniente do fato de que seria

⁶¹ “Escatologia: (do gr., *eschatos*: o último) A formação de idéias sobre o fim da vida ou sobre o fim do mundo e, na teologia cristã, sobre a ressurreição e o juízo final.” (BLACKBURN, 1997, p. 121. Grifos no original.)

⁶² “Holocaust: 1. Great or total destruction, esp. by fire. 2.a. Widespread destruction b. a disaster.(...)” → Tradução da Autora → “Holocausto: 1. Grande ou total destruição, especialmente pelo fogo. 2.a. Ampla destruição b. um desastre.(...)” (SOUKHANOV, 1988, p. 587.)

necessário para a humanidade “recomeçar do zero” em uma tentativa desesperada de evitar que certos erros cometidos fossem apagados e não repetidos.⁶³

Esta questão de um reinício em geral está ligada ao aspecto da arrogância do ser humano em seu papel neste universo. Se Victor Frankenstein na obra homônima de Mary Shelley encontra sua destruição (ainda que em nível mais particular, afinal o planeta continua inteiro) por tentar fazer o papel de Deus ao dar vida a uma criatura; o mesmo acontece em outras obras e contos em que a punição atinge uma escala maior. Como exemplo seria possível discutir um conto de Arthur C. Clarke chamado “The Nine Billion Names of God” (1953). Nesta obra uma empresa de fornecimento de computadores é contratada por um monastério Budista para ajudá-los em um empreendimento que poderia levar muitos e muitos anos: listar todos os possíveis nomes de Deus. Como explica um monge a um dos executivos da empresa:

Todos os nomes do Ser Supremo – Deus, Jeová, Alá, e outros – são apenas nomes criados pelo homem. Há um problema filosófico de uma certa complexidade aqui, que eu não pretendo discutir mas em algum lugar entre todas as possíveis combinações de letras que podem ocorrer estão o que se pode chamar de os *verdadeiros* nomes de Deus.⁶⁴

Quando dois técnicos (George e Chuck) são enviados ao Tibet para certificarem-se de a máquina não tem nenhum problema durante seu ‘trabalho’, recebemos poucas pistas do verdadeiro propósito dos monges ao se engajarem em tal atividade. O que nos fornece algumas informações são resultados das conversas de Chuck com os religiosos, que mais tarde ele relata para o colega. Há a informação de que após a listagem de todos os nomes, provavelmente nove bilhões, o propósito de Deus com a humanidade estaria completo: “A raça humana terá concluído o que foi criada para fazer, e não haverá mais sentido em

⁶³ Mais tarde esta questão do recomeço será melhor trazida à tona ao debatermos a necessidade que o cientista Crake em **Oryx e Crake** de Atwood tem em exterminar a humanidade para que o planeta pudesse sobreviver, deixando apenas seus seres criados em laboratórios (híbridos de humanos e animais) que seriam melhor preparados para ajudar na recuperação do mundo.

⁶⁴ CLARKE. In CARD, 2004, p. 111. Itálicos no original. Tradução da Autora → “All the many names of the Supreme Being – God, Jeovah, Allah, and so on – they are only manmade labels. There is a philosophical problem of some difficulty here, which I do not propose to discuss, but somewhere among all the possible combinations of letters which can occur are what one may call the *real* names of God.”

prosseguir.”⁶⁵ Quando Chuck pergunta sobre o que então aconteceria ao mundo com a finalização do trabalho, se ele seria então destruído, ele recebe do monge um olhar de desprezo, como se tivesse falado algo bobo e é deixado para lá. Como mencionado anteriormente, ainda que os objetivos dos religiosos não fiquem claros nem para os técnicos e nem para o leitor, o que se percebe na conclusão da tarefa é que o mundo parece realmente estar indo em direção à destruição. Mesmo que os dois técnicos não levem muito a sério esse aspecto de ‘fim do mundo’, eles observam que “Acima deles, sem nenhum alarde, as estrelas estavam se apagando.”⁶⁶ justamente ao pegar o avião para ir embora (possivelmente na mesma hora em que os monges terminam de colar os últimos nomes fornecidos pela máquina no grande livro de registros).

Embora o conto de Clarke deixe mais perguntas que respostas, acredito que o fim do mundo proveniente de uma atitude ambiciosa humana reflita de alguma maneira o que se vê na própria Bíblia e em outras obras. A ganância humana pode fazer com que o Ser Supremo facilite a chegada da destruição. Tal qual a Torre de Babel, que visava chegar mais perto de Deus mas que supostamente causou a diversidade de línguas no mundo, querer revelar e expor o divino pode ter conseqüências desastrosas. Ainda que a religião não seja um fator preponderante para muitos, mas sempre haverá uma atitude humana que parecerá excessivamente desnecessária, vaidosa e/ou egoísta de modo que um resultado inesperado, ou indesejado, como destruição em massa será visto como um castigo merecido. Por este prisma, alguns autores então podem se crer, como citado anteriormente, que a destruição não seria tão má assim se servisse para que a humanidade aprendesse e se comportar melhor.

Mais tarde, a literatura apocalíptica concentra-se na forma de como se tornou cada vez mais fácil para os seres humanos se destruírem e o planeta. Crises ecológicas, como a que

⁶⁵ CLARKE. In CARD, 2004, p. 113. Tradução da Autora → “The human race will have finished what it was created to do, and there won’t be any point in carrying on.”

⁶⁶ CLARKE. In CARD, 2004, p. 115. Tradução da Autora → “Overhead, without any fuss, the stars were going out.”

abordaremos em maiores detalhes em uma das obras aqui discutidas (**Oryx e Crake** de Margaret Atwood) alertam para o descuido da humanidade para com sua única morada. Além da ecologia, também temos guerras avassaladoras e pragas, como ocorre em “O Último Artilheiro” (1965) do brasileiro Levy Menezes. Neste conto, após uma grande guerra e de uma praga que dizima toda a população do planeta e contamina toda a água que sobra, um único sobrevivente narra sua tentativa de sobreviver em meio a destruição, cadáveres e comida contaminada. Ao encontrar um canhão abandonado em uma casa que ainda tem produtos e água consumíveis, o narrador parece ter encontrado um refúgio, só que sua imunidade não é eterna, e ele então opta por usar este símbolo da destruição, que tanto levou a humanidade ao caos, para terminar com “todo o horror cósmico da [sua] posição.”⁶⁷ Sua narrativa se encontra em partes intituladas por números decrescentes, como o próprio narrador justifica, como se estivesse fazendo a contagem regressiva para o atirar do canhão. Ao voluntariamente exterminar a si mesmo, este aparentemente último ser humano da terra revela o quanto a posição do *homo sapiens* neste planeta é delicada e passível de término a qualquer momento.

Mas esta visão um tanto quanto otimista da destruição parece não se repetir no conto “A Espingarda” (1966) de André Carneiro. Aqui a causa da grande destruição não fica clara, há uma menção a aqueles que “não prestam, vieram do sul, mataram todos...”⁶⁸, e um medo da água que poderia estar contaminada (ainda que não saibamos com o quê). Neste cenário aterrador, um protagonista sem nome caminha por cidades abandonadas, ocupadas apenas por cadáveres e insetos na esperança de encontrar um outro ser humano para aplacar sua solidão. Contudo, ao chegar a um local onde há um sobrevivente, o que encontra é apenas medo, violência e ostracismo. Este novo indivíduo não quer ficar com ninguém, ele teme que outras pessoas se aproximem, que talvez sejam parte dos que “não prestam”, mas não esclarece mais

⁶⁷ MENEZES. In CAUSO, 2007, p. 117.

⁶⁸ CARNEIRO. In CAUSO, 2007, p. 87.

do que isso, ele apenas teme tanto a presença do protagonista que deseja matá-lo caso este não vá embora daquele lugar. O que se vê no final das contas é que há apenas uma luta pela sobrevivência, em que a espingarda que cada homem carrega acaba por ser sua única e fiel companheira. Neste conto não há nenhum aspecto redentor para o ser humano, todos retornam aos seus instintos mais básicos de sobrevivência

O apocalipse não está presente apenas na literatura e na religião, o cinema está repleto de histórias do gênero como **A Última Esperança da Terra (Omega Man)**, dir. Boris Sagal, 1971), sua refilmagem **Eu Sou a Lenda (I Am Legend)**, dir. Francis Lawrence, 2007), e outras obras mais catástóficas como **Impacto Profundo (Deep Impact)**, dir. Mimi Leder, 1998), e até mesmo um programa de cunho mais científico como **O Mundo sem Ninguém**, do canal a cabo *The History Channel* (**Life After People**, dir. James Grant Goldin, 2008)⁶⁹. O ser humano apreze ter um grande fascínio pelo que pode advir ao planeta e como será sua derrocada final. A literatura e o cinema estão aqui para oferecer possibilidades, seja para uma mera especulação ou com um intuito de adiar o fim mais um pouquinho através de alertas, o fato é que a mudança da destruição das mãos de Deus para as mãos do acaso dos cometas ou da própria irresponsabilidade dos homens torna o advento muito mais aterrador, pelo menos na humilde opinião desta autora.

Neste capítulo assuntos diversos assuntos foram abordados, contudo acredito que este preâmbulo foi de extrema importância para que o trabalho com os romances de Atwood e Willis em capítulos posteriores fosse melhor desenvolvido. Foi possível em especial fazer um estudo mais claro sobre o principal tema desta tese, as manifestações de destruição e a questão do fim do mundo tanto no universo literário quanto fora deste. Agora é ver como este tipo de literatura se faz presente nas obras de ficção científica selecionadas para este trabalho.

⁶⁹ Neste programa os episódios revelam o que aconteceria com as construções, os animais, as obras de arte, a comida, enfim, tudo aquilo que foi feito e/ou tocado pela mão humana caso nossa espécie desaparecesse do planeta por completo; ainda que a causa para tanto não entre em discussão.

“But I believe the world is burning to the ground.
Oh, well, I guess we’re gonna find out.
Let’s see how far we’ve come.
Let’s see how far we’ve come.”
Matchbox 20, “How Far We’ve Come”. (2007)

CAPÍTULO 2

DOENÇAS HOJE E SEMPRE – DOOMSDAY BOOK

2.1 – O juízo final se aproxima de várias formas

Como foi brevemente apresentado no capítulo 1 desta tese, catástrofes e desastres fazem parte da história humana desde sempre. Enchentes, incêndios, entre outros, sempre assustaram as pessoas, especialmente quando tais eventos eram ligados a questões de punição divina, seja lá qual fosse a religião em questão. Também foi focalizada a questão das doenças e como elas vêm afetando nosso mundo, especialmente se considerarmos os eventos recentes de influenzas e outras epidemias. Entretanto, aqui nesta parte vou discutir, especificamente, o aspecto das moléstias com toda a carga extra de sentidos que elas trazem.

Dentre os aspectos presentes nas interpretações dadas a epidemias pode-se destacar a já mencionada punição divina para algum pecador; e a visão da doença como um processo de seleção almejando a sobrevivência do mais forte, uma forma de adulterar as teorias de Darwin para que atendam às necessidades específicas de um determinado grupo.

Desde as sete pragas do Egito anunciadas por Moisés, passando pela peste negra medieval e mais recentemente vendo os casos de AIDS, ebola, gripe suína, entre outros; os surtos foram interpretados de diferentes maneiras: um desastre natural (até mesmo influenciado por configurações astronômicas), um ataque de outros seres humanos, uma arma, uma manifestação de um deus zangado, ou até mesmo a chegada do fim dos tempos. Independente do motivo, as doenças sempre trazem um alto nível de ansiedade, pois o destino na presença delas é extremamente incerto: qual fim chegará primeiro, o nosso ou o do agente devastador? De acordo com Elana Gomel, no seu artigo “The Plague of Utopias: Pestilence

and the Apocalyptic Body” (2000), o problema com a pestilência é justamente a angústia com o fato de não saber com precisão quando ela vai começar e acabar, causando medo e frustração:

O tema da pestilência é guiado em direção à narrativa da exaustão. Ao contrário de um apocalipse nuclear, que tem um começo definido (a hora zero, o apertado fatal de um botão) e um fim definido (todos os arsenais se esgotam), uma doença contagiosa pode, teoricamente, continuar indefinidamente. (...) O único encerramento intrínseco para uma pandemia é a extinção total, que não deixa nenhuma abertura para uma seqüência esperançosa.⁷⁰

Desta maneira, doenças e pragas têm o poder de serem ainda mais desastrosas justamente por seu caráter de imprevisibilidade, bem como pelas imagens ligadas a elas por meio de crenças e medos desenvolvidos por determinados grupos sociais. Ainda assim, independente das interpretações que estes eventos possam receber, este é um tema que se faz presente na arte, seja através do estilo de pintura intitulado *danse macabre*⁷¹; ou através de obras literárias sem um cunho tão sombrio, como os diários do funcionário público inglês Samuel Pepys (final do século XVII), o suposto diário escrito pelo tio de Daniel Defoe e retratado em seu **A Journal of the Plague Year** (1722), e outras obras mais ficcionais como **A Peste** (1947) de Albert Camus. São tantos os outros casos que poderia citar, que tornariam esta lista imensa.

Gomel também apresenta em seu artigo como o discurso das pestes e epidemias vem sendo usado, também na literatura, como um meio de criar uma nova utopia. Por um lado, há

⁷⁰ GOMEL, 2000. Tradução da Autora → “The plot of pestilence is driven toward a narrative of exhaustion. Unlike a nuclear apocalypse, which has a definite beginning (the zero hour, the fateful push of the button) and definite end (all of the arsenals have run dry), a contagious disease may theoretically continue indefinitely. (...) The only intrinsic closure of a pandemic is total extinction, which leaves no opening for a hopeful sequel.”

⁷¹ “The Dance of Death (in art and literature) depicted a procession or dance in which the dead lead the living to the grave. It was a reminder of mortality, of the ubiquity of death and of the equality of all men in that state. It was also a reminder of the need for repentance. Apart from its moral and allegorical elements it was very often satirical in tone. The dead might be represented by a number of figures (usually skeletons) or by a single personification of death. The living were usually arranged in some kind of order of precedence – Pope, cardinal, archbishop; emperor, king, duke, etc. – almost, in Johnson’s fine phrase, in the ‘cold gradations of decay.’” (CUDDON, 1999, p. 205.) Tradução da Autora → “A dança macabra (na arte e na literatura) retratava uma procissão em que os mortos guiavam os vivos para o túmulo. Era um lembrete da mortalidade, da ubiquidade e da igualdade de todos os homens naquele estado. Era também um lembrete para a necessidade de arrependimento. Além de seus elementos morais e alegóricos possuía um tom muito satírico. Os mortos podem ser representados por um número de figuras (normalmente esqueletos) ou por uma personificação da morte. Os vivos eram normalmente organizados em alguma ordem de precedência – Papa, cardinal, bispo; imperador, rei, duque, etc. – quase, nas palavras de Johnson, nas ‘frias gradações de decadência.’”

uma vertente quase biológica, pois só os melhores espécimes (tanto física quanto moralmente) sobreviverão, fazendo com que a raça fique melhor e mais pura. Esta noção foi muito difundida no período da Alemanha Nazista com seu propósito de ‘limpar a humanidade’. Por outro lado, há uma vertente mais espiritual, alegando que aqueles que sobrevivem é porque se purificaram de seus males e se tornaram pessoas merecedoras do milênio⁷² de prosperidade que virá após uma grande crise; ou seja, o sofrimento traz limpeza para a alma e a promessa de algo melhor por vir. De qualquer maneira, a grande esperança é de que o mundo que restar após tanta devastação seja sempre melhor do que o de agora, como cita Eugen Weber no seu livro **Apocalypses** (1999). Nesta obra, o autor adverte que aquilo que muitos grupos viam com satisfação nem era bem a chegada dos mil anos de prosperidade prometidos principalmente pelo apocalipse cristão após muita destruição, mas o fato de que seus inimigos estariam destruídos e não teriam a menor chance de tomar esta terra:

O problema é que a maioria deste pessoal amedrontado estava menos interessado no milenarismo per se que no extermínio que o precederia: a derrubada de opressores, a aniquilação do clero e judeus, o fim dos ricos e gordos. Seus êxtases e erupções traziam não paz, mas uma picareta. Do século XII até o XVI e XVII, enquanto excitações escatológicas estavam em alta, cruzadas se transformaram em massacres, e aspirações espirituais se tornaram insurreições políticas e sociais.⁷³

Por este viés, mesmo que pressupostos científicos não sejam levados em consideração, não se pode deixar de perceber um certo aspecto darwiniano de sobrevivência do mais forte. Em seu próprio **A Origem das Espécies** (1859), Charles Darwin apresenta algumas teorias sobre o desenvolvimento das espécies ao longo da evolução do planeta. Ainda que ao ler o livro do cientista inglês fique claro que este concentra seu debate somente na questão de

⁷² “Milenarismo: Qualquer movimento religioso que preveja o colapso da ordem do mundo tal como a conhecemos e sua substituição pelo milênio, ou seja, por um período de justiça, igualdade, salvação, etc.” (BLACKBURN, 1994, p. 250.)

⁷³ WEBER, 1999, p. 151. Tradução da Autora → “The trouble was that most of these brow-beaten folk were less interested in the millennium per se than in the extermination that would precede it: the overthrow of oppressors, the annihilation of clergy and Jews, the end of the rich and fat. Their ecstasies and eruptions brought not peace but a pickax. From the twelfth century to the sixteenth and seventeenth, while eschatological excitement ran high, crusades turned into massacres, and spiritual aspirations turned into social and political insurrections.”

ecossistemas, principalmente no meio não-humano, não é difícil perceber que algumas de suas idéias foram adaptadas e aplicadas aos seres humanos.

Primeiro considero relevante trazer o que o autor fala sobre o propósito da seleção natural: “O que a seleção natural não pode fazer, é modificar a estrutura de uma espécie, sem lhe dar nenhuma vantagem, para o benefício de outra espécie; (...).”⁷⁴ Por este aspecto, há a confirmação de que a evolução natural não é parcial, dando melhorias para um grupo em detrimento de outro. Sempre haverá um elemento que traga equilíbrio para o grupo que sofre a modificação. Tal argumento reforça a noção de que os estágios das doenças acabam por ser necessários para que ocorram as mutações e, conseqüentemente, a evolução. Mais tarde, o naturalista fala da rotatividade das espécies: algumas que não acompanham a evolução do mundo terminam por dar lugar àquelas que parecem mais aptas:

Destas várias considerações eu acredito ser inevitável que assim como novas espécies são formadas através de seleção natural, outras se tornarão cada vez mais raras até se tornarem extintas. (...) E vimos no capítulo sobre Luta pela Sobrevivência que são as formas mais intimamente associadas, – variedades da mesma espécie, espécies do mesmo gênero ou de gêneros relacionados, – que, por terem quase que a mesma estrutura, constituição e hábitos, entram em competições mais severas umas com as outras.⁷⁵

Unindo principalmente estas duas citações, há a confirmação para muitos de que as espécies estão aparentemente em constante melhoria e que algumas devem perecer para dar lugar a outras. Alguns grupos ao longo dos anos se apropriaram deste discurso de Darwin e começaram a usá-lo para justificar outras atitudes: se essa troca de lugares pode acontecer no reino não-humano, por que não se repetir no reino humano? Por que um grupo de pessoas não

⁷⁴ DARWIN, 2004, p. 79. Tradução da Autora → “What natural selection cannot do, is to modify the structure of one species, without giving it any advantage, for the good of another species; (...).”

⁷⁵ DARWIN, 2004, p. 97. Tradução da Autora → “From these several considerations I think it inevitably follows, that as new species in the course of time are formed through natural selection, others will become rarer and rarer, and finally extinct. (...) And we have seen in the chapter on Struggle for Existence that it is the most closely-allied forms, – varieties of the same species, and species of the same genus or of related genera, – which, from having nearly the same structure, constitution and habits, generally come into the severest competition with each other.”

poderia perecer para que outro pudesse dominar uma dada sociedade? E as pestes e epidemias aparecem como os principais catalisadores deste processo de mudança.

Lidar com doenças no dia-a-dia não é uma tarefa fácil, especialmente quando se tem que lidar com estigmas e os perigos de contágio. Contudo, a ameaça também se encontra na forma de palavras, pois alguns podem tornar-se muito amargos ao falarem sobre os males que afligem outrem; ou terminar por “romantizar” a doença. Este último ponto é trazido por Elaine Showalter em seu **The Female Malady** (1985). Ainda que sua obra fale mais sobre a loucura, particularmente a feminina, a autora apresenta como aqueles que estão ‘fora’ do problema – os supostos ‘saudáveis’ – criam formas de interpretar a situação: de algum modo forçam o insano a ser visto como um pobre mártir, mal compreendido pelo mundo cruel, mas que ainda assim serve de alerta para evidenciar os males deste mundo. Na verdade, o ato de romantizar a doença é muito mais prejudicial do que se pensa, pois corre-se o risco de não se dar ao problema a devida atenção, agravando a situação do doente.

Fazendo as devidas concessões, o que foi dito por Showalter pode também ser trazido para pacientes de problemas mais ligados ao corpo, como vítimas de epidemias de AIDS e tuberculose, por exemplo: de um modo eles são vilões simbólicos, que representam o que a sociedade tem de pior, ainda mais se pertencerem a grupos discriminados (como é o caso dos homossexuais, ao se falar dos portadores de AIDS, e dos boêmios, ao se falar dos tuberculosos) e ‘merecedores’ da doença-punição de que sofrem. Susan Sontag na sua obra lançada conjuntamente, que inclui **Doença como metáfora** e **Aids e suas metáforas** (1977 e 1988, respectivamente) discute no primeiro livro o caso da sífilis. Esta doença, ainda que não receba tanto enfoque psicológico como as duas doenças de maior destaque na obra (tuberculose e câncer), ainda traz consigo o elemento de punição a um comportamento fora do

dito normativo: “Em seu papel de flagelo, a sífilis implicava um julgamento moral (sobre sexo fora do limite, sobre prostituição) (...).”⁷⁶

De outro modo, as pessoas vitimadas por doenças podem acabar por se converterem em símbolos positivos ao demonstrarem estar arrependidos do que fizeram, transformando-se em um exemplo de força ao encarar o fim de maneira nobre, praticamente apagando seus passados suspeitos e elevando-os à alçada de santos. Um modo de ilustrar esta conversão de vilão para santo seria a morte da protagonista da obra de Alexandre Dumas Filho, **A Dama das Camélias** (1852). A tuberculose que vitima Marguerite apaga todo o seu passado como cortesã, conferindo-lhe uma aura de coragem e resignação, que ela nunca teria caso tivesse levado sua vida do modo de sempre enquanto saudável e tivesse uma morte mais ‘natural’.

Estabelecendo uma conexão com o que foi dito até agora e o propósito deste capítulo, pretendo aqui debater a obra da escritora americana Connie Willis **Doomsday Book** (1992). Creio, principalmente, ser de relevância estabelecer um contraponto entre a situação vivida pela protagonista/viajante no tempo, Kivrin/Katherine, que se encontra por engano na grande epidemia europeia de peste negra do século XIV; e a situação vivida pelos seus amigos no século XXI, quando têm que sobreviver a uma grande e misteriosa doença que ataca a cidade de Oxford em 2054, mais especificamente.

Para um maior esclarecimento, a obra de Willis apresenta uma estudante de história, Kivrin (que no passado é chamada de Katherine por não entenderem bem seu nome real), cujo sonho é conhecer a Idade Média. Seu mentor, Professor James Dunwothy, está preocupado com sua segurança, tanto por se tratar de um século estranho e violento (século XIV), quanto pelos procedimentos da máquina do tempo. Devido a uma epidemia que se abate em toda a Oxford do futuro, o operador da máquina do tempo, Badri, fica muito doente, o que faz com que cometa um erro de cálculo e coloque a protagonista justamente no período da primeira

⁷⁶ SONTAG, 2007, p. 39.

grande epidemia de peste negra. O livro então passa a registrar as aventuras de Kivrin e a família que a adota no passado (as festas natalinas, a chegada da peste ao pequeno vilarejo onde vivem e a morte de todos); as tentativas dos amigos do futuro em resgatá-la; ao mesmo tempo em que almejam descobrir as origens desta doença misteriosa que lhes aflige e curá-la. Utilizando outras obras como material de apoio, darei destaque ao modo como a religião e pensamentos de evolução, de opressão e, acima de tudo, o medo afetam os dois períodos de tempo de modo muito semelhante.

Em adição ao que tem sido discutido até o momento, é relevante encerrar este primeiro momento trazendo a obra de Marcelo Bessa, **Histórias Positivas** (1997). No capítulo 1 desta obra, o autor retoma o argumento da doença como punição para aqueles que não tiveram uma vida tão ‘virtuosa’ e como a sociedade se apropria do discurso da doença para criar metáforas, que manterão a ordem para os que estão no poder, oprimindo os não-conformistas. Bessa também fala de como é importante eliminar este tipo de atitude: “(...) ver a doença não como uma metáfora, mas apenas como uma doença.”⁷⁷ A doença (no caso do autor, ele concentra seus esforços na questão da AIDS) deveria ser analisada e discutida, excluindo pressupostos não científicos, que muitas vezes servem apenas para atrapalhar, não correspondendo à real verdade dos fatos:

Ter conhecimento prévio de que as doenças são, de certa maneira, construídas, e de que o discurso biomédico não é sinônimo de neutralidade científica, ao utilizar pressupostos que fogem à validade acadêmica, é de extrema importância quando se propõe um estudo que conjuga literatura e AIDS.⁷⁸

Como é possível ver, a doença e seus perigos sociais (tanto quanto os biológicos) serão de grande destaque nesta parte da tese.

⁷⁷ BESSA, 1997, p. 23.

⁷⁸ BESSA, 1997, p. 26.

2.2 – Atitudes perante as epidemias

Como já visto na parte anterior, muitas vezes o problema não está somente em estar contaminado por alguma doença, mas sim nos efeitos sociais que tal problema pode causar. Um dos grandes efeitos negativos parece residir em um preconceito exacerbado que ataca os doentes.

Na verdade, o que ocorre é que o medo se torna um fator determinante das atividades das pessoas tanto no passado como no futuro. Zygmunt Bauman, no seu livro **Medo Líquido** (2006), fala de como o desconhecido traz aos seres humanos um pavor de enormes proporções. A diferença entre os medos humanos e animais é que, no nosso caso, o medo é uma força contínua e poderosa que não precisa necessariamente estar ligada a nenhum fator concreto. Só por imaginar o que poderia acontecer em um determinado evento já é bastante para que o medo se instale nos corações.

Dos três tipos de medo citados por Bauman (do que possa acontecer à propriedade e ao corpo; do que possa ameaçar a posição do indivíduo na sociedade e seu sustento; e dos desastres que podem vir da natureza e de outras pessoas, como criminosos)⁷⁹, chegando inclusive ao que ele chama de ‘zona cinzenta’, onde o medo é tão amplificado que qualquer coisa pode acontecer (de queda de aviões a quebra de bolsas de valores)⁸⁰; é possível ver que, antes de mais nada, o medo revela o quanto as civilizações são frágeis, podendo ser abaladas por eventos insignificantes ou não.

Ao falar sobre medo e sua relação com a sociedade, Bauman esclarece:

(...) Ou, como revela Martin Pawley, citado por Graham, ‘o medo de uma desarticulação em grande escala dos serviços urbanos’ é agora ‘endêmico na população de todas as grandes cidades’.
Endêmico... Parte da vida diária. Não há necessidade de uma grande catástrofe, já que um pequeno acidente pode desencadear uma ‘desarticulação em grande escala.’ A catástrofe pode chegar sem anúncio – não haverá trombetas advertindo que as inexpugnáveis muralhas de Jericó estão para desmoronar. Há razões mais que

⁷⁹ BAUMAN, 2008, p. 10.

⁸⁰ BAUMAN, 2008, p. 11.

suficientes para ter medo – e, portanto, para imergir ao som de música suficientemente alta a ponto de abafar os sons produzidos pela fragmentação das muralhas.⁸¹

Nesta passagem, as sociedades debatidas são principalmente as sociedades urbanas modernas; entretanto, é possível ver que este medo da perda de uma confortável estabilidade em uma sociedade não é algo novo. Em seu **A Journal of the Plague Year**, Daniel Defoe expressa através de seu narrador como a desestruturação da cidade de Londres, com tantos fugindo para o interior temendo esta segunda grande leva de peste negra, terminou por permitir o caos com crimes sendo cometidos e poucos sendo efetivamente punidos.

Que houve muitos roubos e práticas maléficas cometidas neste tempo terrível eu não nego; o poder da avareza era tão forte em alguns, que eles corriam qualquer risco para roubar e pilhar, e particularmente nas casas onde todas as famílias, ou habitantes estavam mortos, e carregados, eles invadiam quaisquer riscos, e sem levar em conta o perigo da infecção, tirar até mesmo as roupas de cama, dos cadáveres, e as roupas de cama de outros onde eles se encontravam mortos.⁸²

Sendo assim, podemos dizer que o medo causado pelas doenças une tanto o medo do que possa acontecer ao corpo como o que possa representar um risco à posição ocupada por alguém na sociedade. Se pensamos nas epidemias como um risco à vida, vale lembrar daqueles que vêem este período de destruição como o momento ideal para dar vazão, de modo desesperado, aos seus desejos mais íntimos de ter algo, ainda que por meios ilícitos, ou de praticar atos que, em condições normais da rotina, jamais seriam sequer pensados por muitos deles.

Outro autor a debater a questão do medo é Jean Delumeau no seu livro **A história do medo no ocidente** (1978). Aqui ele fala de como a sociedade ocidental foi construída através de vários temores (fome, ataques de hordas inimigas, satã, entre outros), mas sempre conseguiu sobreviver a tudo isso e prosseguir. Contudo, no capítulo em que detalha a

⁸¹ BAUMAN, 2008, p. 28.

⁸² DEFOE, 1992, p. 70, Tradução da Autora → “That there were a great many Robberies and wicked Practises committed even in this dreadful Time I do not deny; the Power of Avarice was so strong in some, that they would run any Hazard to steal and to plunder, and particularly in Houses where all the Families, or Inhabitants have been dead, and carried out, they would break in at all Hazards, and without Regard to the Danger of Infection, take even the Cloths off, of the dead Bodies, and the Bed-cloaths from others where they lay dead.”

presença da peste negra na Europa – tanto a mais famosa do século XIV, como outros casos de menor destaque que se foram manifestando mais tarde – Delumeau aponta como houve a necessidade de buscar culpados para justificar o mal, cuja origem não se sabia explicar. O autor argumenta que tal atitude foi vista ainda como uma espécie de remédio, capaz de parar a destruição e salvar os que sobraram.

Encontrar as causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstruir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação dos remédios. Ora, três explicações eram formuladas outrora para dar conta das pestes: (...). A primeira atribuía a epidemia a uma corrupção do ar, ela própria provocada por fenômenos celestes (...). *A segunda era uma acusação: semeadores de contágio espalhavam voluntariamente a doença; era preciso procurá-los e puni-los.* A terceira assegurava que Deus, irritado com os pecados de uma população inteira, decidira vingá-los; (...).⁸³

A busca por culpados tinha também por companhia a solidão e o isolamento provocados pelo medo. Toda esta situação fez com que as pessoas renegassem conforto neste momento de necessidade, como prossegue Delumeau:

Desse modo, as relações humanas são totalmente conturbadas: é no momento em que a necessidade dos outros se faz mais imperiosa – e em que, de hábito, eles se encarregavam dos cuidados – que se abandonam os doentes. O tempo de peste é o da solidão forçada.⁸⁴

Na obra de Willis, o vilarejo do passado é muito pequeno, e não há grandes preocupações em buscar culpados para o grande mal que extermina todos os habitantes. Porém, ao falar da misteriosa doença do futuro, vemos vários exemplos de pessoas que buscam encontrar no Outro o motivo para as mortes. Um primeiro indício neste caso se encontra ao levar o paciente zero (o operador da máquina do tempo Badri Chaudhury) para o hospital. Ainda que ele seja da terceira geração de imigrantes paquistaneses na Inglaterra, e quase não tenha contato com nada que venha da terra de seus ancestrais, o pessoal do hospital não consegue deixar de pensar que ele poderia ser o grande causador, por ter talvez sido visitado por parentes de um país ‘decadente’: “Ele recebeu algum parente do Paquistão? / ele

⁸³ DELUMEAU, 2009, p. 201. Grifos meus.

⁸⁴ DELUMEAU, 2009, p. 179.

não tem nenhum. Ele é da terceira geração [de imigrantes na Inglaterra].”⁸⁵ Até mesmo a historiadora americana que visita um sítio arqueológico, Lupe Montoya, é vista como uma ameaça em potencial; entretanto o antagonismo a ela não chega a ser tão forte.

Mais tarde, outras pessoas em várias ruas e na frente do hospital principal farão suas manifestações contra estrangeiros, colocando-os como ‘envenenadores’ daquela sociedade. A americana, líder dos tocadores de sinos que visitam a Oxford do futuro, fala das especulações e boatos que se espalham nas ruas, como a doença sendo cólera e trazida da Índia.⁸⁶ Na verdade, o que ocorre é o que Delumeau defende em sua obra, a doença acaba por se tornar um evento político também, uma forma de controle: “Em Lille, no mesmo ano (1832), a população recusou-se a acreditar na aproximação do cólera. Considerou-a num primeiro momento como uma invenção da polícia.”⁸⁷ Sentindo-se oprimidas pela quarentena que aflige o ano de 2054, a população começa a questionar o governo pois acredita não estar preocupado com ela, como testemunha o Professor Dunworthy ao passar em frente ao hospital central da cidade: “(...) uma confusão de ambulâncias e taxis e manifestantes carregando um enorme cartaz que declarava ‘O Primeiro Ministro Nos Deixou Aqui para Morrer.’”⁸⁸ Em outra ocasião, Dunworthy também vai ao hospital procurando sua amiga, a Dra. Mary Ahrens e, mais uma vez, testemunha vários manifestantes na frente do local falando do medo dos estrangeiros e de como a doença é mais uma oportunidade para discussões políticas e econômicas:

Eles não viram ninguém até chegar na Enfermaria. Uma mulher em um casaco Burberry estava na porta da ala de Cuidados Intensivos segurando um cartaz que dizia ‘Eliminem as doenças estrangeiras.’ Um homem usando uma máscara padrão abriu a porta e deu a Dunworthy um panfleto muito úmido. (...) Em negrito dizia, ‘COMBATA A GRIPE. VOTE PELA SEPARAÇÃO DA CE.’⁸⁹

⁸⁵ WILLIS, 1994, p. 57. Tradução da Autora → “Has he had any relations visit him from Pakistan? / He hasn’t any. He’s third generation [of immigrants in England].”

⁸⁶ WILLIS, 1994, p. 194.

⁸⁷ DELUMEAU, 2009, p. 172.

⁸⁸ WILLIS, 1994, p. 392. Tradução da Autora → “(...) a jumble of ambulance vans and taxis and protesters carrying a large sign that proclaimed ‘The Prime Minister Has Left Us Here to Die.’”

⁸⁹ WILLIS, 1994, p. 272. Tradução da Autora → “They saw no one at all until they got to Infirmary. A woman in a Burberry stood in front of the Casualties Ward holding a picket sign that said ‘Ban foreign Diseases’. A man

Bem, nesta sociedade futurística não temos as célebres imagens de fogueiras em que os elementos ‘diferentes’ eram queimados sem antes terem passado por uma sessão de tortura, como os judeus e as bruxas na Idade Média. No entanto, fica a questão de como o medo pode trazer à tona o que há de mais irracional em cada um. Mais tarde, quando fica provado que a doença estava adormecida dentro de uma tumba medieval que Lupe estava estudando, a desconfiança ainda persiste nas mentes de muitos.

Tal qual acontecia em períodos anteriores, sempre houve uma desconfiança de que o governo talvez estivesse encobrindo algo, que a doença não seria tão ruim quanto parecia ou, justamente o contrário, que a verdade da destruição não estava sendo totalmente revelada. A autora não entra em detalhes sobre o que ocorre com as atitudes preconceituosas da população assim que a verdade é descoberta; apesar disso, parece que ainda fica nas pessoas um restinho de medo sobre o desconhecido, representado principalmente pela figura do estrangeiro. Este simboliza o que não está totalmente em conformidade com a sociedade. Na obra de Willis, ele é o que vem de fora para minar uma sociedade estabelecida, seja por inveja ou resquícios de conflitos antigos. Os estrangeiros são a forma mais evidente na Oxford do futuro de contaminação; pelo menos é o que parece passar na cabeça da maioria dos que protestam.

Ainda remetendo às atitudes do passado da humanidade, a xenofobia⁹⁰ sempre teve seu lugar de destaque como um procedimento para resolução de conflitos. O Outro, na visão de Linda Hutcheon, pode ser desde o já citado estrangeiro, ou membro de algum grupo que não seja considerado ‘padrão’ aos olhos de um determinado grupo social. Sendo assim, o Outro está sempre à margem da sociedade, e a contaminação por meio da doença é apenas uma das muitas formas de infecções promovidas por este ser estranho, pois o Outro é estereotipado como um símbolo do que pode ‘destruir’ um modo de vida já estabelecido.

wearing a regulation face mask opened the door for them and handed Dunworthy a very damp flyer. (...) In boldface type it said ‘FIGHT INFLUENZA. VOTE TO SECEDE FROM THE EC.’”

⁹⁰ Segundo o dicionário **Webster’s II – New Riverside University Dictionary**, xenofobia é um medo ou ódio de tudo que é estrangeiro ou de qualquer coisa relacionada a ele. (SOUKHANOV, 1988, p. 1332.)

Hutcheon, em **Poética do pós-modernismo** (1987), debate a relação deste ser à parte, o chamado ex-cêntrico, com aqueles que ocupam uma posição central dentro de um determinado grupo. Na verdade, o ex-cêntrico, por estar fora, tem uma visão do centro que aqueles que ocupam tal posição muitas vezes não têm.

Ser ex-cêntrico, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente, que Virginia Woolf (...) já considerou como sendo ‘alienígena e crítica’, uma perspectiva que está ‘sempre alterando seu foco’ porque não possui força centralizadora.⁹¹

Então, na verdade, o grande perigo desta relação margem-centro baseia-se principalmente no aspecto de que o centro pode não apreciar ver seus modelos questionados, criando um ‘novo centro’ e uma ‘nova margem’:

O pós-modernismo não leva o marginal para o centro. Menos do que inverter a valorização dos centros para a das periferias e das fronteiras, ele *utiliza* esse posicionamento duplo paradoxal para criticar o interior a partir do exterior e do próprio interior.⁹²

O medo também pode ser visto no conto de Edgar Allan Poe, “The Masque of the Red Death” (1842). Nesta obra, um príncipe teme uma morte vermelha que ataca sua cidade e se refugia em uma antiga abadia entre seus altos muros, convenientemente esquecendo-se dos que sofrem do lado de fora, com muitas festas e diversões para si e seus convidados. Esta é uma obra marcada por dois grandes símbolos: um é o relógio que, de hora em hora, soa suas badaladas, atrapalhando o entretenimento nas festas, fazendo com que todos se lembrem da sua condição finita.

(...) que lá estava encostado na parede oeste, um gigante relógio de ébano. Seu pêndulo balançava para lá e para cá com um tinir pesado, sombrio e monótono; e quando o ponteiro dos minutos fazia o circuito do mostrador, e estava para soar a hora, surgiam dos pulmões de bronze um som que era claro, alto e profundo e excessivamente musical, mas de uma nota tão peculiar e enfática que, a cada passada de hora, os músicos da orquestra eram restringidos a parar, momentaneamente, suas exhibições, para ouvir atentamente o som; e então os que valsavam cessavam suas evoluções; e havia um breve desconcerto em toda a alegre companhia; e enquanto as badaladas do relógio ainda soavam, via-se que os mais atordoados empalideciam, e os mais idosos e pacatos passavam as mãos sobre as frentes como em confusos pensamentos ou meditação.⁹³

⁹¹ HUTCHEON, 1991, p. 96.

⁹² HUTCHEON, 1991, p. 98.

⁹³ POE, 2003, p. 207. Tradução da Autora → “(...) that there stood against the western wall, a gigantic clock of ebony. Its pendulum swung to and fro with a dull, heavy, monotonous clang; and when the minute-hand made

Um outro símbolo presente é a própria morte vermelha que invade a festa, executa sua dança macabra, deixando apenas o relógio tocando para o vazio no fim. Não adiantou nada o medo do líder da cidade, a doença afligiu a todos mais cedo ou mais tarde. Os habitantes da cidade tentam fazer o que Elana Gomel menciona em seu artigo: a busca de uma rápida cura na forma de abandono do corpo doente, ou de grupos que, supostamente, possuem a maior responsabilidade pela propagação do problema, os chamados grupos de risco. Aqueles que estão acastelados dentro da abadia sentem-se livres de qualquer responsabilidade para com aqueles que estão do lado de fora. A única coisa que precisam fazer é esperar que o pior da doença passe e que possam retomar suas vidas: “O mundo exterior poderia tomar conta de si. (...) Tudo isto [os prazeres] estava dentro. Fora estava a Morte Vermelha.”⁹⁴ Mas ao personificar a doença, o mal que causa a torna muito pior, pois confere à moléstia a capacidade de pensar e buscar meios de exterminar tudo, prevalecendo no final.

Uma solução similar foi vista recentemente na história da humanidade com a AIDS: de início a doença era chamada de ‘câncer gay’, pois apenas os ‘ímorais e promíscuos’ deveriam se preocupar com o fardo da doença, os supostamente ‘mais puros’ nunca teriam que pensar nisso, pelo menos foi o que se achou a princípio. No seu artigo “AIDS and Stigma” (1999), Gregory Herek fala dos dois estigmas mais importantes associados à doença: primeiro o medo por ser uma doença que ainda é letal apesar dos muitos avanços médicos; e segundo da conexão da doença com grupos – como já vimos antes – fazendo com que muitas pessoas simplesmente se recusem a ver sua situação de infectado ou não, ou evitem buscar tratamento, por temerem que o diagnóstico os torne pessoas isoladas do resto do mundo,

the circuit of the face, and the hour was to be stricken, there came from the brazen lungs of the clock a sound which was clear and loud and deep and exceedingly musical, but of so peculiar a note and emphasis that, at each lapse of an hour, the musicians of the orchestra were constrained to pause, momentarily, in their performance, to hearken to the sound; and thus the waltzers perforce ceased their evolutions; and there was a brief disconcert of the whole gay company; and while the chimes of the clock yet rang, it was observed that the giddiest grew pale, and the more aged and sedate passed their hands over their brows as if in confused reverie or meditation.”

⁹⁴ POE, 2003, p. 205. Tradução da Autora → “The external world could take care of itself. (...) All these [pleasures] were within. Without was the ‘Red Death.’”

discriminadas por sua condição. Quem se expressa de maneira similar é Jurandir Costa no seu livro **A Inocência e o Vício** (1992), ele nos mostra homens que, por medo de perderem seu *status* dentro de uma sociedade, recusaram-se a abertamente aceitar o fato de que tinham AIDS: “Para esses indivíduos o risco de contração da AIDS representava a ‘revelação de uma identidade homossexual’ que durante toda vida tentaram ocultar dos outros.”⁹⁵

Aqui, mesmo que os autores falem especificamente das pessoas infectadas pelo HIV, é possível perceber que os grupos de risco de hoje são vistos como os judeus e as bruxas de antigamente: seres excluídos e capazes de trazer grandes ameaças para os que levam uma vida ‘padrão’. Então, a população da Oxford de 2054 criada por Willis quer ver se livre de qualquer um que possa representar mais destruição e morte.

O medo, seja ele dos estrangeiros ou da doença, também acaba por trazer consigo uma carga de melancolia ou depressão. Em **Doomsday Book** eles são representados principalmente na figura de Eliwys, a jovem mãe da família medieval que acolhe Kivrin. Ao travarmos contato com ela pela primeira vez, já percebemos que a vida desta mulher já não era fácil: a filha mais velha estava prometida a um nobre vizinho, uma aliança que poderia ser muito benéfica para a família, mas este arranjo era abominado pela jovem noiva; havia a frustração de ver seu marido e seus outros filhos retidos em uma cidade próxima, devido a uma disputa jurídica que não fica clara ao longo da obra. Por estar com este problema familiar, Eliwys tem que manter segredo da sua localização por temer que aqueles que acusam seu marido possam vir atrás dela com propósitos de vingança, mas ainda assim lidar com os devaneios de posição social de sua sogra – que não aceita ter que simplificar seus hábitos para manter seu esconderijo.

Pelas ações enumeradas acima, vê-se que a vida de Eliwys já não era fácil antes do advento da doença. Após perder a filha mais nova para a peste e ver que sua mais velha (a

⁹⁵ COSTA, 1992, p. 160.

noiva do nobre vizinho) também corre risco de morrer; esta mulher fragilizada entra em um estado de depressão e apatia que resulta em uma das poucas mortes, no vilarejo medieval, que não foi causada pela doença. Na verdade, o que ocorre com Eliwys é algo ao qual Sigmund Freud se refere no seu **O mal-estar na civilização** (1930): o isolamento como uma busca para alcançar a felicidade. Como mostra o autor: “(...) a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude.”⁹⁶ É claro que a atitude de Eliwys não lhe traz felicidade, mas de qualquer maneira, o isolamento dela na casa grande, deixando tudo nas mãos de Kivrin e de outros, denota uma atitude de sua parte em tentar se distanciar o máximo possível do problema, renegá-lo na esperança de que ele pudesse simplesmente ‘desaparecer’.

O impacto da doença na vida de Eliwys já começa a se manifestar nas associações feitas por Lady Imeyne, a sogra, de pecado com uma punição-doença:

‘Você trouxe isso sobre nós,’ disse Imeyne.
(...) Ela estava olhando para Elywis. ‘São seus pecados que trouxeram esta punição para suportarmos.’
(...)
‘O Senhor pune adúlteros e toda a sua casa,’ disse Imeyne, ‘como agora ele pune você.’
Ela sacudia o Livro das Horas na cara dela. ‘É seu pecado que trouxe a praga aqui.’⁹⁷

Tudo isto porque há uma suspeita de que Gawyn, uma espécie de guarda-costas da família, nutra sentimentos por sua patroa e que ele possa ser correspondido, ainda que tal situação não seja explícita na obra. Sendo assim, o próprio desgaste da situação, aliado ao caos trazido pela doença, e ampliado pelo sentimento de culpa que está sendo imposto pela sogra, tudo isto culmina em uma grande deterioração do estado mental desta pobre mãe. Quando Elywis começa a ficar sempre deitada e desapegada de tudo, Kivrin suspeita que a

⁹⁶ FREUD, 1997, p. 30.

⁹⁷ WILLIS, 1994, p. 426. Tradução da Autora → “‘You have brought this upon us,’ Imeyne said.

(...) She was looking at Elywis. ‘It is your sins have brought this punishment to bear.’

(...)

‘The Lord punishes adulterers and all their house,’ Imeyne said, ‘as now he punishes you.’ She brandished the Book of Hours in her face. ‘It is your sin that has brought the plague here.’”⁹⁷

doença tenha contaminado a senhora da casa: “[Elywis] estava piorando, mesmo que ela ainda não tivesse nenhuma das marcas da praga.”⁹⁸ Porém, mais tarde, a viajante do tempo se dá conta de que o mal de Elywis não está diretamente causado pela epidemia, ao argumentar que a situação não se encontra tão ruim com o administrador da propriedade: “Seu filho e Rosemund estão melhorando. E Lady Elywis está apenas cansada e doente de tristeza. Eles não vão morrer.”⁹⁹ Mas, infelizmente, a fala de Kivrin prova estar errada e os três personagens morrem. Na verdade, o próprio administrador da propriedade da família medieval também se desespera ao ver toda a sua família dizimada pela peste negra e se enterra vivo, pois sabe que não lhe resta mais nada neste mundo. A fuga deste homem é mais ativa, ao buscar concretamente se isolar de todos os eventos e fugir de toda a dor que o aflige.

O que ocorre no caso do administrador é uma forma de suplício, como argumenta Michel Foucault em seu **Vigiar e Punir** (1975). No espetáculo apresentado pelas vítimas que vão para as ruas, nos que querem se enterrar vivos, antecipando a desgraça, e até mesmo entre aqueles que morrem em casa, não deixamos de perceber os que fazem de sua partida uma espécie de manifestação. Tais comportamentos remetem à forma de punição a que o autor se refere no capítulo “A Ostentação dos Suplícios”. Como a doença não deixa de ser vista como uma punição por parte de muitos (seja na época medieval onde está Kivrin ou na do futuro), então a correlação entre os criminosos descritos por Foucault e os agonizantes da obra de Willis não se torna difícil de ser percebida.

Foucault mostra como o sofrimento de criminosos poderia ser interpretado de duas maneiras: poderia servir como uma prévia das penas que virá a sofrer no inferno pelos seus atos; ou, caso o preso demonstrasse algum senso redentor de abnegação ou contrição, poderia

⁹⁸ WILLIS, 1994, p. 501. Tradução da Autora → “[Elywis] was growing steadily worse, though she still had none of the marks of the plague.”

⁹⁹ WILLIS, 1994, p. 503. Tradução da Autora → “Your son and Rosemund are getting better. And Lady Elywis is only tired and ill with grief. They aren’t going to die.”

servir para expiar um pouco suas faltas aqui na terra, de modo que o castigo na outra vida não precisasse ser tão duro.

(...) agora a morte é certa, trata-se de salvar a alma. O jogo eterno já começou; o suplício antecipa as penas do além; mostra o que são elas; ele é o teatro do inferno; os gritos do condenado, sua revolta, suas blasfêmias já significam seu destino irremediável. Mas as dores deste mundo podem valer também como penitência para aliviar os castigos do além; um martírio desses, se é suportado com resignação, Deus não deixará de levar em conta.¹⁰⁰

Assim, a abnegação de Padre Roche com seu destino no final da obra retrata esta noção de que algo melhor certamente estaria por vir. O suplício também revela um aspecto do desprezo pelo corpo, já que a vida aqui neste plano seria apenas uma preparação para o que estaria por vir após a morte. Roche, com suas vestes simples e pobres que tanto irritavam Lady Imeyne, incorpora este desapego ao material, que tanto é pregado pelas igrejas cristãs até hoje. Até o momento final, Roche mantém a fé nas suas crenças, ao pedir a Kivrin que seja sua confessora nos ritos finais:

'Perdoe-me, Pai, porque eu pequei,' ele começou em latim.
Ele não havia pecado, ele cuidou dos doentes, deu extrema-unção aos agonizantes, enterrou os mortos. Era Deus que deveria pedir perdão.
(...)
Não há nada para perdoar, ela queria dizer. Seus pecados não são pecados.¹⁰¹

Neste momento vemos que, na verdade, a fé de Roche chega a ser o contraponto para o desespero de Kivrin ao ver toda a morte de sua comunidade. Não pretendo aqui entrar na discussão se Deus existe, se Ele exerce alguma influência sobre os males do mundo ou não. Contudo, é justamente na relação entre Kivrin e o pároco que esta discussão se manifesta de modo mais contundente. Como já foi dito, Roche acredita cegamente na visão de Kivrin (que naquela comunidade se chama Catherine) como um anjo que veio para ajudar: até mesmo pelo fato de tê-la visto chegar pela abertura do tempo.

¹⁰⁰ FOUCAULT, 2002, p. 40.

¹⁰¹ WILLIS, 1994, p. 533. Tradução da Autora → "'Bless me, Father, for I have sinned,' he began in Latin. / He hadn't sinned, he had tended the sick, shriven the dying, buried the dead. It was God who should have to beg forgiveness.
(...) / There is nothing to forgive, she wanted to say. Your sins are no sins."

Na verdade, Kivrin acaba por apresentar seu lado ‘divino’ em vários aspectos. No início ela viaja no tempo com uma identidade programada como Isabel, filha de um nobre de uma região afastada, de modo que ela pudesse ser mais facilmente aceita pela família que a acolhesse. Contudo, devido à confusão mental trazida pela doença que a acomete, ela acaba por revelar seu nome verdadeiro, que é mal interpretado como Catherine. Santa Catarina de Alexandria foi uma santa muito popular na Idade Média, e fazia parte de um grupo chamado de Catorze Santos Auxiliadores. Este grupo de santos, entre outros podemos citar Santa Bárbara, São Brás, São Denis, São Jorge e São Cristóvão, eram freqüentemente invocados pelos fiéis na época da peste, pois cada membro trazia em si uma característica que o tornava especial na aflição, como no caso de Catarina, que era a proteção contra morte súbita.

Além disso, na igreja da pequena comunidade, uma estátua que se sobressai perante toda a decoração é a da própria Santa Catarina de Alexandria, com a roda que simbolizava seu martírio. Tal imaginário popular, aliado ao modo fantástico como Roche viu a chegada de Kivrin, mais a ânsia da viajante em ajudar o máximo que pode com seu conhecimento, tudo colabora apenas para aumentar a admiração que o padre sente pela sua mais nova ovelha.

Ainda que seja um período medieval e comumente associado à intolerância e à religiosidade exacerbada, as atitudes do padre e da maioria de seus fiéis não se apresentam muito rígidas com relação à doença e à religiosidade; excetuando-se, claro, o já citado exemplo de como Lady Imeyne buscava um culpado para tudo, acusando inclusive a nora de trazer a doença para seu meio. Entretanto, ao ver a Oxford do futuro com o repentino fervor que une muitas pessoas na Igreja para a missa de Natal (um número estratosférico se comparado ao Natal do ano anterior); e as variações cristãs que, tal qual a Sra. Gaddson ao ler a Bíblia para os enfermos no hospital, falam de fogo e enxofre; percebe-se que a religiosidade é muito mais cruel do que se esperaria. A ironia aqui está no fato de, apesar de tantos ‘avanços’ atingidos pela humanidade, ser justamente no futuro que as atitudes parecem mais

severas. Não há registros, na obra, de eventos de crueldade para com os que padecem, seja qual for o período retratado, mas vemos que a humanidade não ‘evoluiu’ quanto seria esperado.

Sobre esta questão podemos considerar a obra de Bertrand Russell, **Education and the Social Order** (1980). Neste trabalho, entre outras coisas, ele menciona vários aspectos positivos e negativos na relação entre religião e sociedade; e um aspecto relevante aqui é como é perigosa a situação em que a moralidade de uma comunidade é substituída por doutrinas religiosas.¹⁰² Por exemplo, o assassinato é um crime que choca a sociedade e é condenável tanto do ponto de vista religioso como do ponto de vista moral, as pessoas em geral se abstêm de matar umas às outras porque é uma atitude não-humana. Contudo, e se uma pessoa não mata simplesmente porque Deus disse para não fazê-lo? Aí temos um problema. E se algo acontece de modo que esta pessoa perde a sua fé? Então esta pessoa passaria a se sentir livre para fazer o que quisesse, já que seu único impedimento foi eliminado. Lógico, não digo aqui que acreditar ou não em alguma religião seja algo errado, cada um sabe de si e de como percebe sua relação com o mundo, ainda assim, as situações em que a religião acaba por ser mais forte que o código de conduta de uma sociedade resultam em um desgaste para aqueles que se encontram em uma posição inferior dentro de um grupo.

Retomando Freud no capítulo 2 de seu **O mal-estar na civilização**, o autor apresenta uma visão depreciativa da religião, como se fosse algo infantil. De um ponto de vista puramente pessoal, reitero o que havia dito antes: acredito que cada um tem a sua maneira de lidar com o que ocorre no mundo e não concordo em criticar alguém por seguir ou não uma religião. Todavia, no final deste capítulo 2 Freud fala de como a religião também se torna um mecanismo de busca da felicidade. Na Oxford do romance em foco, uma massa de doentes, oprimidos e pecadores segue em peregrinação maciça às igrejas por acreditar na redenção que

¹⁰² RUSSELL, 1999, p. 72.

tal ato pode lhes trazer, como James Dunworthy comenta com o vigário na missa do galo: “‘É sempre assim,’ disse o vigário. ‘Eu me lembro do começo da Pandemia. As maiores aglomerações já vistas. Mais tarde você não será capaz de tirá-los de casa, mas por agora eles só querem ficar juntos e em busca de conforto.’”¹⁰³

A questão de proteção à vida através da religião também se manifesta na obra. Se no caso do passado, havia uma preocupação com o pós-morte e o cuidado com os doentes; no futuro da obra toda a vida, inclusive a de insetos e outros animais tidos como pouco valorizados, é valorizada como criação divina, e que não deve ser morta. Tal evento se exemplifica pela chegada do operador Badri ao hospital, assim que cai doente: logo que é internado, os funcionários têm a preocupação de saber se ele é New Hindu (Novo Hindu), porque: “Os Novos Hindus acreditavam que toda a vida era sagrada, incluindo vírus mortos, se mortos era a palavra certa. Eles se recusavam a receber qualquer inoculação ou vacina. A universidade lhes deu dispensas baseadas em aspectos religiosos mas não lhes permitia viver na faculdade.”¹⁰⁴

Através desta nova religião, vemos um outro aspecto debatido por Freud em seu já citado livro: como amar uns aos outros, como aconselha a Bíblia, não é algo tão simples assim. Freud apresenta o assunto da seguinte maneira:

Se, no entanto, devo amá-lo (com esse amor universal) meramente porque ele também é uma habitante da Terra, assim como o são um inseto, uma minhoca ou uma serpente, receio então que só uma pequena quantidade de meu amor caberá à sua parte – e não, em hipótese alguma, tanto quanto, pelo julgamento de minha razão, tenho o direito de reter para mim. Qual é o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável?¹⁰⁵

A questão da vida assume uma abrangência maior; em uma obra cuja temática é epidemias, como a aqui trabalhada, pois espera-se que a luta pela sobrevivência seja vencida

¹⁰³ WILLIS, 1994, p. 216. Tradução da Autora → “‘It’s always this way,’ the vicar said. ‘I remember the beginning of the Pandemic. Largest collections ever taken. Later on you won’t be able to get them out of their houses, but just now they want to huddle together for comfort.’”

¹⁰⁴ WILLIS, 1994, p. 67. Tradução da Autora → “The New Hindus believed that all life was sacred, including killed viruses, if killed was the right word. They refused to have any inoculations or vaccines. The University gave them waivers on religious grounds but didn’t allow them to live in college.”

¹⁰⁵ FREUD, 1997, p. 65.

por humanos e animais mais ‘nobres’, como os domésticos ou que apresentam alguma utilidade aos seres humanos. Raramente se pensa na questão do microorganismo, além de como descobri-lo e matá-lo. O que ocorre remete ao que é citado por Débora Diniz e Dirce Guilhem no seu **O que é bioética** (2002). Neste livro de introdução ao assunto, as duas autoras apresentam as idéias de Peter Singer, um controverso estudioso australiano cujas teorias sobre o uso de animais e sobre atitudes bioéticas ou não ainda causam grande polêmica: “Singer se autodefine como um teórico consequencialista no campo da moral, isto é, aquele que se preocupa com os resultados das ações consideradas boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas, e não com a própria definição do que venha a ser a bondade, a retidão, a justiça.”¹⁰⁶ Singer, notadamente um defensor dos direitos dos animais, especialmente em seu livro **Libertação Animal** (1975), combate com grande veemência a auto-valorização que os humanos impõem em relação aos não humanos, os chamados de animais no uso mais popular do termo (como se nós pertencêssemos a outro reino, como o mineral ou o vegetal). O filósofo australiano tem por idéia que se defendemos um feto de ser abortado, porque existe a sanidade da vida, por que não fazemos o mesmo com os animais? Como citado: “(...) os especistas fazem com que os interesses de sua própria espécie suplantem os interesses dos membros de outras espécies.”¹⁰⁷ Na verdade, a religião New Hindu, que aparece na obra de Willis, nada mais é do que uma extrapolação do tema já debatido brevemente por Freud e mais detalhadamente por Singer, como acabamos de ver.

Nesta questão sobre a manutenção da vida, seria de valia retomar as obras de Susan Sontag (**Doença como metáfora** e **Aids e suas metáforas**) onde a autora fala de como, por muitas vezes de forma equivocada, o saber médico e a população comum vinculam o humor do paciente à manifestação da doença. Novamente, em seu primeiro livro, Sontag argumenta como a tuberculose era vista como uma doença de paixões e o câncer como uma de

¹⁰⁶ DINIZ & GUILHEM, 2002, p. 53. As idéias de Singer remetem à filosofia utilitarista, que é debatida em maiores detalhes no capítulo 3 desta tese, página 17.

¹⁰⁷ SINGER. *Apud.* DINIZ & GUILHEM, 2002, p.55.

passividade.¹⁰⁸ Não estamos cegos para o fato de que boa disposição pode auxiliar, e muito, no processo de recuperação não só de doentes, como também em casos de amputações, deficiências, entre outros. Ainda assim, o que a autora parece argumentar em sua obra é como, em muitos casos, a cura da doença parece ser algo de inteira responsabilidade da predisposição do paciente, como se ele não se curasse ‘porque não quis.’

No século XIX, a idéia de que a doença condiz com o caráter do paciente, assim como o castigo condiz com o pecador, foi substituída pela idéia de que ela expressa o caráter. É um produto da vontade. “A vontade se manifesta como um corpo organizado”, escreveu Schopenhauer, “e a presença do doença significa que a vontade mesma está doente.”¹⁰⁹

Em **Doomsday Book**, a predisposição do paciente não é tão levada em conta, os eventos da peste negra e da doença da Oxford futurista na verdade são devastadores e rápidos demais em atuação para que a predisposição psicológica do paciente tenha alguma relevância para o tratamento. As manifestações da psiquê afetam basicamente os que não estão doentes como a jovem mãe Elywis e o administrador da fazenda. O que ocorre na obra parece corroborar o argumento de Sontag, o humor do paciente não pode ser visto como um fator determinante para sua cura, como se fosse a única coisa que realmente fizesse a diferença.

2.3 – Será que evoluímos?

O que se vê na obra de Willis é que o passado e o futuro, apesar dos avanços médicos, não parecem tão diferentes assim. Ainda é possível perceber a questão do isolamento do corpo doente, da busca por culpados, e de como a religião acaba por desempenhar um papel importante na busca de consolo para aqueles que se encontram adoecidos ou em situação de risco. Com todos os avanços, o medo e o preconceito ainda são grandes forças que podem prejudicar o tratamento dos doentes.

¹⁰⁸ SONTAG, 2007, p. 24-25.

¹⁰⁹ SONTAG, 2007, p. 42.

Como exemplo de uma literatura de peste, mas com uma abordagem mais recente, podemos considerar o conto de Allen Barnett “The times as It Knows Us” (1990). Nesta história, amigos gays passam algum tempo juntos em uma casa de verão. Eles apresentam entre si diferentes ‘níveis’ de AIDS: há desde o que não está infectado pela doença, passando por aquele que tem o vírus, mas a doença ainda não se manifestou, outro que já está muito mal e o espírito que paira na casa de um amigo que morreu da mesma doença na mesma casa no verão anterior. A ilusão de uma família que estes personagens acreditam ter cai por terra a partir do momento em que um dos que está em piores condições precisa de ajuda, e a solidariedade se torna tão escassa quanto o tempo que possuem.

Neste conto, são os infectados que se recolhem por conta própria. Eles mesmos promovem o isolamento do corpo doente ao se retirarem do contexto social; estes personagens trazem para si uma solução similar ao que foi feito no “The Masque of the Red Death” do Poe e na Oxford de Connie Willis, o afastamento dos que seriam supostamente ‘culpados’ da situação.

A AIDS, como já nos referimos, durante muitos anos, foi associada ao estigma de “câncer gay”: apenas os imorais e promíscuos é que deveriam se preocupar com o fardo da doença e não aqueles que parecem ter uma vida supostamente digna. Tal atitude não nos deixa esquecer a fala de Lady Imeyne para a nora, culpando-a por trazer a peste com seu comportamento suspeito com relação a Gawyn.

Relembrando o artigo “AIDS and Stigma” de Gregory Herek, vemos que o texto aborda os dois aspectos mais fortemente associados à doença: o medo primário da AIDS como uma doença letal, depois as conexões simbólicas entre AIDS e certos grupos, fazendo com que muitas pessoas não busquem o tratamento adequado para sua condição, ou que mantenham seu diagnóstico um segredo, simplesmente por temerem o preconceito e a rejeição por parte da sociedade. Já vimos uma atitude similar expressa por Jurandir Costa em seu livro

A Inocência e o Vício, quando o autor fala de muitos homens que, por medo de perderem seu lugar respeitável na sociedade, recusam-se a aceitar e a abertamente assumir sua condição de portadores da AIDS.

De modo similar ao conto de Edgar A. Poe, os personagens de Allen Barnett, na verdade, buscam um momento de folga em que possam esquecer, ainda que por alguns dias, a dura realidade da doença em que se encontram. Há um momento em que estes homens se divertem com as roupas e acessórios encontrados no baú do enxoval de Miguel (o amigo que havia morrido no ano anterior). Entretanto, não há muito o que ser feito, então a pequena festa acaba quando todos voltam a se dar conta do desespero de sua situação. Vale a pena lembrar que este conto refletia o ambiente da década de 80, quando estar contaminado pela AIDS era praticamente uma sentença de morte, uma espada que ficava pairando sobre a cabeça dos infectados.

Os amigos ficcionalizados por Barnett seguem o que Susan Sontag já fala em suas obras aqui citadas e que é reforçado por Alain Dreuilhe em **Corpo a Corpo, Diário de uma Guerra** (1989); na tentativa de tratar ou até mesmo curar a doença, os pacientes se parecem com soldados em um campo de batalha. O vocabulário da doença é um vocabulário bélico. Como diz Sontag:

Enquanto antes era o médico que empreendia a *bellum contra morbum*, a guerra à doença, agora é toda a sociedade que o faz. De fato, a utilização da guerra como oportunidade para a mobilização ideológica em massa faz da idéia de guerra uma metáfora adequada para designar qualquer campanha cujo objetivo seja apresentado como a derrota de um “inimigo”; (...)

Mas as guerras contra doenças não são apenas apelos por mais empenho e mais gastos na área da pesquisa. A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um “outro” alienígena, tal como o inimigo é encarado nas guerras modernas; e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima.¹¹⁰

¹¹⁰ SONTAG, 2007, p. 85-86. Grifos no original.

Dreuilhe relata na sua obra suas próprias experiências como PWA (*person with AIDS* = pessoa com AIDS) no início da epidemia. O fato de ainda continuar vivo, apesar da moléstia, parece-lhe algo surreal em muitos momentos; tentar manter-se forte, contrário aos medos evocados pela doença, parece absurdo; ainda assim é o único jeito que encontra para continuar vivo: “Desde o momento em que também fui enviado para o *front*, percebo a banalidade da coragem cotidiana exigida pela situação, esta falta de qualquer outra opção com exceção da loucura e do suicídio.”¹¹¹

Entretanto, a frágil tentativa de encontrar uma normalidade, uma rotina, não é tão fácil quanto parece. Nas histórias aqui citadas, os personagens estão cientes de quão limitado é o tempo que resta aqui na terra. E lembretes desta situação não faltam: os sinos tocados pelo padre Roche para os mortos e a reclusão dos doentes – bem como o caos social em Oxford – no romance de Willis; e o carrilhão que interrompe a festa no conto de Poe, tudo serve como um cruel aviso do fim que se aproxima.

No conto de Barnett, este cruel lembrete se apresenta na forma de Horst, um personagem que já começa a apresentar sintomas da doença e, para não piorar sua condição, precisa ingerir uma droga israelense chamada AL721. Como este remédio faz um efeito melhor se o organismo estiver completamente vazio, todos os dias, às quatro da manhã, Horst prepara seu coquetel de remédio com suco de laranja no liquidificador. Inicialmente havia a preocupação em abafar o barulho do aparelho, colocando lençóis em volta dele, mais tarde tal procedimento foi descartado, pois não há nada a ser feito, todos eles estão no mesmo barco: “(...) ele [Horst] abafava o liquidificador com um lençol, mas ele parou, deduzindo que se ele

¹¹¹ DREUILHE, 1989, p. 45-46.

nos acordasse, nós simplesmente voltaríamos a dormir.”¹¹² Este elixir se transforma na esperança de Horst de manter a doença sob controle.

Estas passagens podem ser associadas ao que Gregory Herek discute no seu já citado artigo. Ainda que o autor fale especificamente da situação da AIDS, na sua visão existem quatro elementos que contribuem para a estigmatização de uma doença: uma responsabilidade atribuída ao infectado em contrair a doença (seja por punição divina, ou por hábitos sexuais, entre outros, pouco salutar), as situações que favorecem a propagação do vírus (regiões de pouca higiene, uso de drogas, sexo não protegido), e a chegada de um evento que causa temor e preocupação.

O quarto elemento é o mais relevante para a discussão: a incapacidade, em muitos casos, dos cientistas de amenizar/curar a doença e a deteriorização dos infectados.¹¹³ Desde as primeiras epidemias registradas na história da humanidade até hoje com o advento da AIDS e das gripes (tanto suína quanto aviária), doenças (mesmo as curáveis) se transformam em uma sentença de morte para os diagnosticados. Sendo assim, os infectados se tornam uma desagradável personificação de morte e da nossa condição de mortalidade, o que todas as pessoas sabem que um dia deverão estar prontas para encarar frente a frente, mas do qual não gostam de serem lembradas. Os amigos, no conto de Barnett, não parecem estar muito animados para levar Enzo, que já se encontra em uma situação complicada com a doença, para o hospital. Muitas questões podem surgir deste fato: será que é só má vontade? Falta de consideração com um companheiro? A resposta pode não ser das mais agradáveis, mas, ao que tudo indica, ninguém na casa de verão quer encarar um fato que pode se repetir com eles mesmos, em um dia não tão distante assim. Clark, que parece ser a única cabeça racional na casa, denuncia ao amigo Noah o absurdo do descaso dos outros com a situação de Enzo:

¹¹² BARNETT, 1994, p. 350. Tradução da Autora →“(...) he [Horst] would muffle the blender in a blanket, but he stopped, figuring that if he woke us, we would just go back to sleep.”

¹¹³ HEREK, 1999.

Noah levantou as sobrancelhas e balançou um ombro, ‘Eu não sei por que você acha que tem que ir para a sala de emergência [com Enzo].’
‘Porque eu estou começando a ver como vai ser ficar com essa doença e não ter ninguém para me trazer leite ou remédio simplesmente porque não é mais conveniente ou divertido.’¹¹⁴

A doença também se apresenta na forma de um espetáculo. Em alguns casos, o show é executado pelo próprio doente ou por algum parente/amigo próximo como uma chantagem emocional para alcançar algo. Alain Dreuilhe menciona como ele mesmo se valeu de tal estratégia em seu livro:

Como uma criança mimada, deixo entender que logo deixarei de viver – e portanto amar –, de forma tal que os adultos, que para nós são as pessoas saudáveis, cheios de culpa por estar pisando em terra firme enquanto vêem que me enterro na areia movediça, cedem a mim.¹¹⁵

Uma estratégia similar é usada por Perry em “The Times as It Knows Us”. Ainda que ele esteja contaminado pelo vírus da AIDS e esteja bem feliz com seu novo namorado, ele usa a imagem da pobre viúva sofredora em benefício próprio. Nas palavras de Noah, Perry é: “uma ‘vaca gorda e manipuladora que não escuta nada que não queira ouvir.’”¹¹⁶ Suas intenções podem até parecer nobres a princípio, como a arrecadação de fundos para instituições de caridade. No entanto, ele já havia dado manifestações de seu caráter exibicionista no começo do conto, quando deu uma entrevista que afetou a vida de todos na casa, criando uma imagem destes perante a mídia que, na verdade, não correspondia à realidade: “Joe diz, ‘Eu não gosto de como ela [a jornalista] dá a entender que a morte se tornou tão mundana para nós, que nós não sentimos mais: Paul morreu. Oh, que pena, o que tem para o jantar?’”¹¹⁷

¹¹⁴ BARNETT, 1994, p. 386-387. Tradução da Autora → “Noah raised his eyebrows and shrugged one shoulder, ‘I don’t know why you feel you have to go into the emergency room [with Enzo].’
‘Because I am beginning to see what it will be like to be sick with this thing and not have anyone bring me milk or medication because it isn’t convenient or amusing any longer.’”

¹¹⁵ DREUILHE, 1989, p. 47.

¹¹⁶ BARNETT, 1994, p. 348. Tradução da Autora → “a ‘fat, manipulative sow who doesn’t hear anything he doesn’t want to hear.’”

¹¹⁷ BARNETT, 1994, p. 349. Tradução da Autora → “Joe says, ‘I don’t like the way she [the journalist] implies that death has become so mundane to us, we don’t feel anymore: Paul died today. Oh, that’s too bad, what’s for dinner?’”

Dreuilhe alerta em seu texto sobre os perigos de usar tal tática emocional. No fim, a chantagem pode cansar e simpatia pode ficar cada vez mais difícil de se obter:

Essa guerra de nervos é ainda mais dolorosa para aqueles que me estimam. Acho que a situação não deve eternizar-se; mesmo a compassiva irmã do inseto de *A Metamorfose* acaba por cansar-se. Frequentemente caio na armadilha da minha própria chantagem.¹¹⁸

Apesar de falarmos no momento da situação dos doentes, é mais uma vez relevante retomarmos o artigo de Elana Gomel, “The Plague of Utopias: Pestilence and the Apocalyptic Body” (2000), só que agora dando espaço ao narrador. A professora de Tel-Aviv discute como o narrador da praga pode receber características diferentes no progresso das narrativas. Primeiro, ele se torna uma criatura que vive no limite entre a vida e a morte e que se anula no processo, pois seu testemunho é mais importante do que ele.

No caso da obra de Poe, temos pouca informação sobre o narrador, ele é como um espírito que paira sobre os eventos, tentando fazer um registro, o mais fiel possível, dos acontecimentos. Apesar disso, tanto na obra de Willis, principalmente na figura de Kivrin, quanto no conto de Barnett, com o consciente Clark; o que se vê são seres que conseguiram uma imunidade, temporária ou não, para falar do que se passa ao seu redor. Com eles, a identificação do corpo doente é maior, não é de forma tão abstrata e genérica quanto no conto de Poe; assim a expressão da agonia se torna mais pungente e intensa. Clark, no conto de Barnett, participa do progresso da ação, ele se torna um porta-voz daquela comunidade e, citando Gomel: “(...) a voz coletiva representa a duração da pestilência, sua recusa de um encerramento final.”¹¹⁹ Mais do que meros relatores da intriga que acontece entre os

¹¹⁸ DREUILHE, 1989, p. 47.

¹¹⁹ GOMEL, 2000. Tradução da Autora → “(...) collective voice represents the duration of pestilence, its refusal of final closure.”

momentos de equilíbrio¹²⁰, os narradores de Willis e Barnett se envolvem nos eventos que ocorrem.

Como já foi debatido antes neste capítulo, Elana Gomel menciona a ansiedade gerada pela praga já que ela não possui um começo ou um final específico. No discurso da epidemia – bem como na vida em geral – só há apenas uma certeza: a de que a morte, um dia, não importando a forma que assuma, terá “domínio ilimitado sobre tudo.”¹²¹ Então, a única alternativa que resta para a humanidade é usar bem o tempo que lhe resta, não importando o quão curto ele possa parecer. Entretanto, nada é uma desculpa para que as pessoas se tornem uma versão moderna do Príncipe Próspero do conto de Poe, totalmente egoístas e despreocupados em relação aos sentimentos dos que sofrem à sua volta.

Nesta questão das epidemias, vale a pena mencionar a obra de Richard Berkowitz e Michael Callen, **How to Have Sex in an Epidemic** (1983). Aqui os dois autores argumentam como já existem muitos problemas ao se ter que lidar (no caso do texto) com a AIDS em um mundo dominado pelo medo de contágio. Tal como ocorre com outras doenças, como a peste negra européia e a própria gripe suína (H1N1) mais recentemente, não se sabe mais quem está ‘seguro’. Os dois também falam de algumas questões éticas ligadas ao fato de decidir se pacientes infectados devem ou não retomar suas vidas plenamente, apesar das moléstias. Na visão deles, o ponto que se refere à prevenção e à proteção se torna mais eficiente se o amor for um elemento envolvido no assunto. A preocupação com o Outro para que ele não fique doente, ou para que – caso se contamine – seja bem tratado, tornam-se elementos tão importantes no combate às doenças quanto as tentativas de vários homens e mulheres em encontrar uma cura definitiva. Contudo, sempre haverá o medo do ‘efeito dominó’, isto é, que

¹²⁰ Por intriga e equilíbrio, utilizo as palavras de Tzvetan Todorov em **As Estruturas Narrativas** (1965) → “Pode-se apresentar a intriga mínima completa como a passagem de um equilíbrio a outro. Esse termo equilíbrio, que tomo de empréstimo à psicologia genética, significa a existência de uma relação estável mas dinâmica entre os membros de uma sociedade: (...). Os dois momentos de equilíbrio, semelhantes e diferentes, estão separados por um período de desequilíbrio que será constituído de um processo de degradação e um processo de melhora.” (TODOROV, 2006, p.88.)

¹²¹ POE, 1946, p. 207. Tradução minha para “(...) illimitable dominion over all.”

um passe a doença para o outro inadvertidamente, ou até mesmo de maneira consciente, como uma forma de vingança contra a sociedade e o mundo.

Tal medo não parece fazer parte da já citada missa de Natal que acontece na futurista Oxford de Willis, quando os bancos da Igreja se encontram lotados de pessoas que buscam conforto nesta hora de inquietação, como lembra o Reverendo de que nada como uma crise (a pandemia do passado e a nova proliferação de uma doença) para fazer com que as pessoas se lembrassem de Deus. No entanto, tal sentimento vai se tornando escasso, revelando doses de inconformismo e preconceito, como visto em passagens anteriores sobre a desconfiança para com o governo e os estrangeiros.

Mesmo na missa freqüentada por Dunworthy e outros personagens, vemos que o convívio se complica se as pessoas se deixam levar pelas terríveis palavras de fogo e enxofre proferidas pelos membros da Igreja Sacra Reformada (Holy Reformed Church) e as leituras apocalípticas da Sra. Gaddstone, que seleciona algumas das passagens mais tenebrosas da Bíblia para ler para os pacientes no hospital: “‘O Senhor fará a pestilência cair sobre ti,’ ela disse, e [Dunworth] percebeu tarde demais que era a Sra. Gaddstone, mas ela estava tão concentrada na sua leitura que não olhou para cima. ‘Até que ele te consuma da terra.’”¹²² Nesta passagem em que Professor Dunworthy caminha pelo hospital e acidentalmente se depara com a Sra. Gaddstone lendo para um dos enfermos, percebemos que aqueles que se deixam levar por extremos de pessimismo não são poucos.

O que vemos, tanto na obra de Willis como na de Barnett, é o que Allan Kellerhear apresenta em seu **A Social History of Dying** (2007). Nesta obra, o autor discute principalmente como os aspectos sociais interferem com o ato de morrer. No capítulo 10 da obra, Kellerhear debate como evoluções tecnológicas e científicas, bem como mudanças de comportamento (sejam elas prejudiciais como guerras ou benéficas como hábitos melhorados

¹²² WILLIS, 1994, p. 216. Tradução da Autora → “‘The Lord shall make the pestilence cleave unto thee,’” she said, and [Dunworthy] realized too late it was Mrs. Gaddson, but she was intent on her reading she did not look up. “‘Until he have consumed thee from the land.’”

de higiene) terminam por afetar a percepção dos seres humanos a respeito da morte: “O pós-vida se torna simplesmente uma reunião com entes queridos, às vezes com nenhuma imagem específica ou até mesmo a presença de Deus.”¹²³ Deus, ao que parece especialmente na missa de Natal em Oxford já citada, se torna mais um ponto de conforto num dado momento de necessidade, do que uma entidade a ser seguida e obedecida com mais ênfase como nos tempos passados.

Mais tarde, Kellerhear argumenta que tais eventos levaram à criação de mortes prolongadas (*prolonged deaths*), em que os limites da continuação e do fim da vida parecem se misturar de modo a se tornarem de difícil localização. Estas mortes prolongadas não parecem ser o caso especificamente da obra de Willis, tendo em vista que tanto a peste negra na Idade Média quanto a doença que acomete a Oxford do futuro parecem ser bem rápidas no que se refere às mortes dos infectados, mas tal ponto parece ser bem adequado ao se discutir o conto de Barnett. A espada que parece estar pairando sobre a cabeça de quase todos que estão naquela casa de praia já parece estar lá há tanto tempo, que sua presença só é notada em situações especiais. Por este prisma, temos um exemplo do que o autor defende em seu livro: com esta questão de vida e morte ficando cada vez mais indefinida pelos avanços científicos e com o prolongamento do estado de morte, não ocorre uma ‘arrumação’ da vida. Com a morte mais prolongada, haveria o benefício de suas vítimas poderem deixar todos os seus assuntos pendentes resolvidos com seus entes queridos e sem nada por resolver; contudo o que ocorre é justamente o contrário: “Há uma *erosão na consciência de morrer*. A natureza cíclica e crônica da AIDS ou da frágil morte por idade, ou morte por falência dos órgãos, doença cardíaca ou derrame faz a tarefa de identificar o surgimento da morte extremamente

¹²³ KELLERHEAR, 2007, pp. 198. Tradução da Autora → “The afterlife becomes a simple reunion with loved ones, sometimes with no specific image or even presence of God.”

difícil.”¹²⁴ Como se vê no conto de Barnett, os moradores da casa querem basicamente se divertir e seguir o lema do *carpe diem*. O derradeiro momento sempre parecerá mais tardio, como no caso das pessoas saudáveis, que sempre imaginam o fim como algo bem distante.

Por este viés, este processo de morte, que se torna tão difícil de localizar, gera um outro aspecto para suas vítimas, a questão da morte vergonhosa (*shameful death*). No caso de algumas doenças, como a AIDS, a vergonha está em sofrer de uma moléstia estigmatizada pela sociedade em geral, como já foi debatido aqui anteriormente. No caso das pessoas que morrem de velhice, ou de outras doenças crônicas (mas não necessariamente ‘vergonhosas’) em que o derradeiro fim começa a se manifestar principalmente por um longo período de internamento em algum hospital ou clínica de repouso; a vergonha está principalmente na morte em vida, representada pela perda de uma identidade real, fazendo com que o ser vitimado passe a ser simplesmente um ‘paciente’ a ser cuidado até que tudo acabe: “(...) na nossa recente encarnação de morte vergonhosa, a origem do estigma não é simplesmente a associação da morte com a indignidade de facilidades materiais mas também a dependência trazida pela fragilidade, pelo contágio e pelo prospecto de uma identidade a desaparecer.”¹²⁵ Se antes foi visto aqui como a doença é uma desestabilizadora da ordem social (debatido em particular em relação à obra de Daniel Defoe), Kellerhear diz que o mesmo pode ser dito em relação à morte na era contemporânea: “Morrer na era cosmopolita está se tornando cada vez mais trágico e anti-social.”¹²⁶ Assim, a morte na Oxford do futuro de Willis como a dos amigos na casa de praia de Barnett, com a fragilidade de ficarem nas mãos de amigos, de estranhos ou de funcionários de hospitais faz com que a situação dos pacientes se torne ainda mais degradante do que inicialmente aparenta ser.

¹²⁴ KELLERHEAR, 2007, p. 210. Tradução da Autora → “There is an *erosion of awareness of dying*. The cyclical and chronic nature of AIDS or of elderly frail dying, dying of organ failure, heart disease and stroke makes the task of identifying the onset of dying extremely difficult.” Itálicos no original.

¹²⁵ KELLERHEAR, 2007, p. 215. Tradução da Autora → “(...) in our recent incarnation of shameful dying, the source of stigma is not simply the association of death with the indignity of material hardship but also the dependency wrought by frailty, contagion and the prospect of a disappearing identity.”

¹²⁶ KELLERHEAR, 2007, p. 214. Tradução da Autora → “Dying in the Cosmopolitan Age is becoming increasingly tragic and antisocial.”

Por fim, com tantos problemas associados à questão da morte, vale retornar ao texto de Berkowitz e Callen. Lá os autores comentam, ainda que de um modo um pouco agressivo: “Se você ama a pessoa com quem você está “trepando” – *mesmo que por uma noite* – você não vai querer que ela fique doente. Talvez o afeto seja nossa melhor proteção.”¹²⁷ Retomando então este aspecto do amor, vemos que, no conto de Barnett, quando Clark se oferece para acompanhar Enzo ao hospital, apesar dos comentários de Noah; ou a dedicação da Dra. Ahrens e de Kivrin em ajudar os doentes; é através destes casos que a estigmatização da doença pode efetivamente perecer.

Mas nenhum exemplo será tão significativo quanto aquele apresentado pelo padre Roche na pequena comunidade medieval. Mesmo com seus poucos conhecimentos acadêmicos (na missa de Natal Kivrin chega a pensar que ele talvez seja analfabeto), em nenhum momento o religioso deixa de agir conforme é esperado de sua classe: socorrendo os doentes, ajudando a cuidar deles e – ainda que para alguns isto possa parecer uma tolice – mesmo após a morte se preocupando em tocar o sino da igreja para que as almas dos doentes pudesse encontrar a paz na outra vida. Como define Blackburn no seu **Dicionário Oxford de Filosofia**: “Ética: Estudo dos conceitos do raciocínio prático: o bem, a ação correta, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha.”¹²⁸, é possível perceber que Roche busca sempre fazer o que julga ser correto, seu dever, o que é bom. Ainda que este homem seja tão depreciado pela sociedade ao seu redor, principalmente por Lady Imeyne, e só encontre reconhecimento naquela que acredita ser o seu anjo (Kivrin/Katherine), Roche se torna um exemplo que deveria ser seguido pelos outros religiosos, que apenas levam a doença até o pequeno vilarejo e não se preocupam e se responsabilizar pelo que possam ter deixado para trás.

¹²⁷ BERKOWITZ & CALLEN, 1997, p. 574. Tradução da Autora → “If you love the person you are fucking with – *even for one night* – you will not want to make them sick. Maybe affection is our best protection.” Grifos meus.

¹²⁸ BLACKBURN, 1994, p. 129.

Roche, na verdade, segue o que Santo Agostinho, e mais tarde São Tomás de Aquino defendem em suas filosofias: a de que a virtude é um conjunto de atos a serem cultivados, não um hábito enraizado. “Além disso, o nosso mérito não se deve a nossos hábitos, mas a nossas ações. Caso contrário, um homem teria mérito constantemente, mesmo enquanto dormisse.”¹²⁹ Então, o pobre religioso medieval revela-se muito mais próximo de um comportamento ético do que outros, não só de seu próprio período de tempo, mas também daqueles do futuro, vistos anteriormente, mais preocupados em encontrar um culpado para punir do que em prestar auxílio aos que sofrem.

Percebendo então como há aqueles que se esforçam para o bem-viver de todos, doentes e saudáveis, é que é possível ver que a doença não traz o seu mal total em si mesma. Só reconhecendo como os aspectos sociais negativos das moléstias prejudicam as vidas das pessoas vitimadas é que a sociedade pode trazer à tona idéias que efetivamente ajudem a cuidarmos uns dos outros, até que a cura seja realmente encontrada. Se, como visto anteriormente neste capítulo, Freud fala que amarmos uns aos outros efetivamente não é uma tarefa fácil, pessoalmente acredito que podemos pelo menos gostar uns dos outros o suficiente, para que concentremos nossas energias em combater o mal em si, não gastando tempo e esforço com nossa própria ignorância.

¹²⁹ AQUINO *apud* MARCONDES, 2007, p. 67.

“It’s the end of the world as we know it

And I feel fine... fine...

(It’s time I had some time alone.)”

REM, “It’s the end of the world as we know it”. (1987)

CAPÍTULO 3

É O FIM DO MUNDO COMO O CONHECEMOS – ORYX E CRAKE

3.1 – Algumas considerações iniciais

No capítulo anterior trabalhamos com um cenário apocalíptico proveniente da natureza. É inegável que a mão do homem teve uma grande parcela na perpetuação do mal com seus preconceitos e descasos, mas também vimos aqueles que buscavam ajuda para remediar uma situação para a qual não se pode encontrar um culpado. Ainda que desígnios divinos, punições por pecados cometidos ou processos de seleção natural sejam algumas das ‘desculpas’ válidas na tentativa de encontrar um motivo para tanto sofrimento, quem pode dizer que realmente está com a razão?

Neste capítulo adentramos um terreno das epidemias e doenças muito pior que se pode imaginar, pois agora o mal foi trazido à tona pelo próprio homem em uma tentativa de suplantar um inimigo ou de acelerar a seleção natural e mostrar a supremacia de uma dita raça sobre a outra. Ainda que pensarmos na chamada Guerra Biológica, ou Bacteriológica, seja geralmente associada a um período mais recente da história com seus laboratórios e o eterno medo de que algum super-micróbio seja criado para exterminar populações inteiras, é possível que esta forma de ataque não seja tão recente quanto se pensa. Joshua Lederberg fala no seu livro **Biological Weapons: Limiting the threat** (1999) de alguns exemplos iniciais deste tipo de dominação no fato de que os Cruzados jogavam com suas catapultas os corpos de mortos pela peste negra dentro dos fortes islâmicos na esperança de que estes contraíssem a doença e morressem, facilitando assim a invasão e a derrota dos inimigos.¹³⁰ Também fala-se muito de

¹³⁰ LEDERBERG, 2001, p.18.

como os colonizadores europeus vendiam aos nativos americanos cobertores com esporos da varíola, objetivando a dizimação desta população nativa e uma mais fácil tomada de suas terras.¹³¹

Ainda que neste nosso mundo contemporâneo o temor por um avanço nuclear pareça mais presente na mídia, especialmente levando-se em conta o quanto as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki são recentes historicamente falando – elas ainda nem chegaram a ter cem anos de ocorrido –, as armas biológicas não devem ser tão esquecidas. Como um exemplo, temos a varíola, erradicada no mundo, mas ainda guardada em laboratórios nos Estados Unidos e na Rússia. Desta forma, sempre fica um pouco daquele sentimento de paranóia: e se alguém se utilizar dela contra uma população que nem mais entra em contato com as vacinas que a combatem? Seria uma doença natural convertida em uma arma cujos resultados seriam catastróficos.

Hoje em dia tanto as armas biológicas quanto as químicas fazem parte do imaginário de muitos governos. Após o ataque de onze de setembro de 2001 ao World Trade Center em Nova Iorque e a enxurrada de cartas (supostamente ou não) contendo amostras da bactéria antraz, o medo de que nações mais economicamente desprovidas se utilizassem de meios mais sutis em seus ataques se intensificou. Se durante a década de 1980 o medo estava concentrado na Guerra Fria ente os Estados Unidos e a extinta União Soviética, principalmente em relação às ogivas e bombas nucleares, com o advento da nova formação do cenário político global, a questão passou a ficar nas mãos também de países menos expressivos economicamente; mas ainda com poder suficiente para dizimar populações inteiras com pequenos seres microscópicos.

Para Robert Harris e Jeremy Paxman no seu livro **A Higher Form of Killing** (2002), o argumento é que as armas bioógicas passaram a ser a bomba atômica dos países pobres. Além

¹³¹ LEDERBERG, 2001, p.11.

da questão bélica, as armas bioólicas trazem também um outro argumento à tona: a questão da lealdade da ciência e de seus pesquisadores a alguma ideologia ou forma de governo. Se um determinado governo cria uma praga capaz de dizimar uma população inimiga, o que impede que os seus criadores traiam seus atuais patrões e vendam tais recursos, ou seu antídoto, para o mesmo grupo inimigo? O medo também vai além do biológico, da preservação da vida. Este medo também engloba o quanto as pessoas estão dispostas a se manter firmes em seus propósitos e em suas fidelidades.

Diversas manifestações artísticas, principalmente a literatura e o cinema, já mostraram por muitas vezes preocupações com esta forma devastadora de guerrear. Desde filmes de valor artístico mais duvidoso, como **Guerra Biológica (The Patriot)**, dir. Dean Semler, 1998) com Steven Seagal, até obras mais respeitadas no meio cinematográfico como **12 Macacos (12 Monkeys)**, dir. Terry Gilliam, 1996), a questão de uma arma mortífera fora de controle sempre será motivo de pânico para autoridades e populações. Não é a intenção do presente capítulo fazer uma análise de toda a literatura e cinema que envolve as armas biológicas, ainda assim, parece ser relevante afirmar como este tipo de combate parece ser usado principalmente como uma forma de sustentar uma paranóia. A literatura, especialmente dentro de seu viés distópico¹³², ajuda a evidenciar estas atitudes e trazer à tona questionamentos relevantes sobre este assunto. Ainda que os dois exemplos aqui citados tenham sido filmados antes dos já mencionados ataques à cidade de Nova Iorque, sempre houve aquela desconfiança de que alguém, em algum lugar estaria tramando uma destruição tão radical à qual poucos escolhidos sobreviveriam. Pode-se conjecturar mesmo que tal forma de pensamento seja ainda um reflexo da neurose que se seguiu à guerra química do agente

¹³² Recordando Patricia Warrick, em seu **The Cybernetic Imagination in Science Fiction** (1980), a distopia apareceu no mundo ocidental principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Houve tanta destruição que as pessoas perderam a esperança por um futuro melhor. Escritores, então, voltam seus trabalhos para a distopia, uma literatura mais pessimista, para refletir sua desilusão. Apud WARRICK, 1980, p.136.)

laranja usado no Vietnã.¹³³ Tal evento levou a crer que vários soldados americanos foram usados como cobaias por seu próprio governo na tentativa de encontrar a forma mais eficiente de matar tropas comunistas. De alguma forma sempre fica uma desconfiança sobre o verdadeiro papel da ciência perante a humanidade: a ciência realmente possui um papel intrinsecamente definido ou ela é um reflexo da sociedade em que se encontra? Sendo assim, ela está aqui para ajudar a todos ou para ajudar apenas aqueles que podem pagá-la e dela tirarem algum proveito para dominação?

No caso da obra ser utilizada neste capítulo, a distopia **Oryx e Crake** (2003) de Margaret Atwood, a questão da doença criada em laboratório para servir aos interesses de um cientista louco e os propósitos que o levaram a tanto serão nosso principal tema para debate. Tzvetan Todorov, no seu **Introdução à literatura fantástica** (1970), fala de como a literatura trata de uma realidade ideal, onde existe o esforço de dizer o que a linguagem comum não diz e não pode dizer¹³⁴; o que não é dito aqui nesta obra é a própria questão das doenças e suas manipulações. O mundo de **Oryx e Crake**, enquanto distopia, traz questionamentos sobre o mundo atual que merecem nossa consideração. Na verdade, o aspecto de revelar o oculto retoma o raciocínio apresentado por Theodor Adorno em seu **Notas de Literatura I** (1974), onde o mistério que as pessoas se tornam umas para as outras encontra um efeito similar na própria obra literária, fazendo com que o romance intrigue e provoque o leitor:

O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais.¹³⁵

¹³³ O agente laranja era um produto químico utilizado nas plantações de arroz e nas selvas vietnamitas na guerra que lá ocorreu de 1962 até 1971. Seu objetivo era acabar com a fonte de comida e os esconderijos dos soldados inimigos dos EUA. O problema é que aqueles que entraram em contato com este material, fosse população civil ou soldados vietnamitas e americanos, sofrem até hoje com os efeitos colaterais de tal produto, seja na forma de cânceres e outras doenças, seja na forma de esterilidade ou de filhos deformados. Atualmente ainda persiste uma batalha judicial entre as vítimas e as empresas químicas que desenvolveram o produto sobre a indenização devido ao sofrimento que ainda acomete os contaminados. (JB Online, 2005)

¹³⁴ Apud TODOROV, 2007, p. 27.

¹³⁵ ADORNO, 2008, p. 58.

O que ocorre na distopia de Atwood é a presença de assuntos que parecem tão diversos, mas que, ainda assim, estão mais intimamente conectados do que pensamos. Ainda que ecologia, indústrias farmacêuticas e seu poder, manipulação genética, busca pela felicidade e depressão pareçam, para alguns, não ter muito a ver com uma praga que destrói quase toda a humanidade, vamos ver que doenças são sempre mais do que aparentam ser, não importando sua origem.

3.2 – A felicidade não se compra¹³⁶

Antes de começar a falar especificamente sobre as armas biológicas, seria relevante falar que, como qualquer guerra ou atentado terrorista, a destruição de uma sociedade não parte simplesmente de um desejo repentino de acabar com o mundo. Seja por motivos políticos, religiosos ou ambientais¹³⁷, o perpetrador de tal ato sempre terá um motivo que ele/ela julga ser muito justo. No caso da obra aqui citada, é um desespero com relação ao futuro da humanidade e da interação desta com o planeta que leva o cientista Crake a tomar uma medida tão drástica.

Na sociedade de **Oryx e Crake** as pessoas que possuem condições para tanto vivem aprisionadas em Complexos: condomínios fechados, completamente cercados por muros e seguranças e isolados do dito mundo “normal” fora dos muros. Em uma sociedade dominada pela violência e pelas doenças e faltas de condições para tratá-las, aqueles que podem de alguma maneira fugir deste mundo (as “Cidades”, “Terras de Plebeus”) se cercam em suas vidinhas idílicas nos Complexos: condomínios fechados, mantidos pelas indústrias farmacêuticas, com segurança máxima e tudo o que uma família supostamente necessitaria (de escolas a hospitais, passando por centros comerciais e parques). Neste mundo recluso,

¹³⁶ **It's a wonderful life**, Dir. Frank Capra, 1946. Um filme sobre um homem que aprende que o dinheiro não é tudo na vida.

¹³⁷ Por ambiente, aqui, refiro-me a manifestações físicas da natureza.

onde tudo é praticamente uma simulação, o modo de vida oprimido é aceito por ser uma opção mais satisfatória que a realidade cruel do lado de fora, nas chamadas “terras de plebeus”.

A vida dos habitantes da comunidade onde o protagonista Jimmy viveu com sua família desde criança reflete um aspecto já debatido por Jean Baudrillard e citado por Adam Roberts no seu **Science Fiction** (2000). É mundo que vive regido por simulacros que tomam o lugar do real: “(...) [Baudrillard], que argumentava que uma das marcas do ‘pós-modernismo’ atual é que as cópias não se referem mais a um original, mas que na verdade o precedem.”¹³⁸ A vida de coisas falsas dentro da comunidade de OrganInc remetem a uma vida do jeito que costumava ser quando o pai de Jimmy era criança, antes de a situação ficar tão séria, pelo menos era isso que o pai do narrador dizia. A mãe reclamava que era tudo artificial, que era apenas um parque temático e que nunca se poderia trazer de volta o que já foi um dia, mas o pai de Jimmy contestava tanta falação: “Você podia andar por lá sem medo, não podia? Dar uma volta de bicicleta, sentar num café ao ar livre, comprar uma casquinha de sorvete? Jimmy sabia que o pai tinha razão, porque ele mesmo tinha feito tudo isso.”¹³⁹

A narrativa acontece em *flashbacks*, o dito ‘presente’ já é um mundo destruído pela praga, e é nas memórias do narrador Jimmy/Homem das Neves que temos acesso ao que acontecia antes da doença destruidora. Na verdade, essas lembranças são tudo o que lhe resta mesmo, já que o tempo ‘presente’ parece parado para o narrador, congelado: “Amanhã é outro dia – ele proclama para as nuvens cor-de-rosa e púrpura. Mas se amanhã é outro dia, o que é hoje? O mesmo dia de sempre, só que ele tem a sensação de que todo o seu corpo está coberto de saburra.”¹⁴⁰

¹³⁸ ROBERTS, 2000, p.192. Tradução da Autora → “(...) [Baudrillard], who has argued that one of the features of the present-day ‘postmodern’ world is that copies no longer refer to any original, but actually precede the original.”

¹³⁹ ATWOOD, 2004, p. 35-36.

¹⁴⁰ ATWOOD, 2004, p. 141.

Nesta estratégia de ir para frente e para trás constantemente, o leitor fica restrito aos relatos do sobrevivente Jimmy. É apenas através de seu olhar que podemos perceber o que pode ter acontecido para que o mundo ficasse daquele jeito. Jonathan Culler, no seu **Literary Theory: A very short introduction** (1997), traz à tona a questão dos ‘significados’: ainda que o significado seja determinado pelo contexto, este último por sua vez não tem fronteiras, sempre aberto a pressões provenientes de discussões.¹⁴¹ Sendo assim, os significados que nós leitores ‘reais’¹⁴² apreendemos das inferências feitas por Jimmy são permeados tanto por como o sobrevivente relata seus eventos, mas também por como cada leitor ‘real’ entende o que lhe está sendo transmitido, com base inclusive nas suas expectativas ao ler um texto voltado para um período pós-apocalíptico. Se o leitor percebe Jimmy como um herói ou como um mero ser que sobreviveu ao desastre, fica a cargo de cada um. Até mesmo a sobrevivência dele pode ser duplamente interpretada: alguns podem achar que ele teve sorte ao ser vacinado por Crake, outros acham que isso pode ter sido um grande azar, ter que viver em condições inóspitas e totalmente solitário.

O que pode ser visto como um problema aqui é o fato de que toda a autoridade para a contar os eventos está nas mãos de um único personagem. Como narrador em primeira pessoa, fica para o leitor ‘real’ a decisão de acreditar ou não no que ele diz. Se Jimmy não parece dar sinais claros e evidentes de não ser um narrador não confiável, não significa que ele seja realmente tão confiável assim. Sua memória pode interpretar fatos de uma determinada maneira, ou ele pode deliberadamente citar situações como lhe convém, mas tal fica a cargo do leitor tentar perceber. Como cita Culler: “Contar uma história é alegar certa

¹⁴¹ CULLER, 2000, p. 67.

¹⁴² Por ‘real’ adoto a definição de Vincent Jouve no seu livro **A Leitura** (2002), nesta obra o autor apresenta várias classificações de leitor, sendo ‘real’ a pessoa física que está com os livros nas mãos e os olhos desempenhando a função de entender os símbolos nas páginas. (JOUVE, 2002, p. 2002)

autoridade, que os leitores concedem (...). Nós aceitamos(...) até termos razão para pensar o contrário.”¹⁴³

Se o leitor é marcado por uma certa indeterminação (não há o narrador plenamente confiável nem a interpretação única), o mesmo se dá com os personagens da obra de Atwood. Nesta sociedade em que memórias são o que restam, e por terem a facilidade de projetar-se, de reconstruir-se e reinventar-se, não é incomum ver como tantas pessoas pré-apocalipse acabam por dedicar suas vidas a uma realidade que lhes oferece uma gama de possibilidades que poderiam ser inatingíveis, ou quase, no seu cotidiano. Mais uma vez citando Baudrillard, agora em “A ilusão vital”, vivemos em um mundo virtual em que os aspectos que possuímos, nossas subjetividades, sexualidades, funções sociais, etc., tornam-se apenas uma simulação do que um dia foram. Retornando à fala de Roberts sobre o simulacro: esses aspectos virtuais passam a ter mais valor que suas contrapartes reais. A ‘realidade’ se torna uma prisão aos olhos de muitos, um raciocínio defendido pelo cientista Morel na obra de Adolfo Bioy-Casares **A Invenção de Morel** (1940). Neste livro há um protagonista que, ao estilo de um Robinson Crusoe moderno, vai parar em uma ilha habitada por projeções extremamente realistas de pessoas amigas de um cientista que quer que o fim de semana perfeito que tiveram lá seja mantido vivo para sempre naquelas representações. Ainda que, para haver o simulacro, o original tenha que morrer, o protagonista acredita ser um preço justo para se livrar de uma realidade que lhe é tão desagradável. Desta maneira, assim como o protagonista de **Morel** renega sua chamada vida “real” em favor de um mais agradável ao se tornar mais um simulacro de pessoa na ilha, o mesmo ocorre com os funcionários e suas famílias na indústria para a qual o pai de Jimmy trabalha. Devido a suas vidas tão difíceis, e a uma realidade que não apresenta muito de promissor, por que não buscar uma convivência mais fértil em outros meios mais agradáveis? Assim como o protagonista de **Morel** prefere morrer para alcançar

¹⁴³ CULLER, 2000, p. 87-88. Tradução da Autora → “To tell a story is to claim a certain authority, which listeners grant. (...). We accept (...) until we are given reason to think otherwise.”

um estado mais agradável de existência, o mesmo ocorre com os habitantes dos Complexos, que se entregam aos regimes e normas a eles impostos para que nada de ruim possa lhes advir.

Na verdade, então, os habitantes destes condomínios se submetem a uma forma de ‘escravidão’ em função de um suposto ‘mundo melhor’. O que ocorre também com os funcionários da OrganInc é, também, um processo de alienação do trabalho que desempenham. Em poucas linhas, o pai de Jimmy – e sua mãe também antes de sua ‘crise’ – trabalham desenvolvendo órgãos, como os retirados de porcos, para pessoas que precisem de transplantes. O que parece ser um gesto nobre, na verdade apresenta desdobramentos cruéis, como o uso desta tecnologia para propósitos estéticos ou simplesmente possibilitando os benefícios para aqueles que possam pagar por eles.

Nessa sociedade onde uma chance de uma boa vida está intimamente ligada a uma indústria médico-farmacêutica, as pessoas perdem seus princípios por uma questão de sobrevivência. A ética aqui é o que menos importa: a consciência de qualquer um pode ser paga com um bom salário. Quando o pai de Jimmy chega à casa, feliz por ter desenvolvido um produto de transplante de partes animais para humanos, que certamente trará lucro à empresa e, conseqüentemente, para si também, ele entra em mais uma briga ideológica com sua esposa Sharon:

- Nós podemos dar esperança às pessoas. Dar esperança não é arrancar o último tostão.

- Com os preços cobrados pela NovaPele é sim. Vocês fazem um estardalhaço dos seus produtos e tiram todo o dinheiro delas, aí elas ficam sem dinheiro e não recebem mais tratamento. Para você e seus amigos, não importa que elas apodreçam. Você não se lembra do que costumávamos conversar, das coisas que queríamos fazer? Tornar a vida melhor para as pessoas, não apenas para as pessoas que tivessem dinheiro. Você costumava ser tão... você tinha ideais na época.

- Claro – disse o pai de Jimmy com uma voz cansada. – Eu ainda tenho. *Só que não posso bancá-los.*¹⁴⁴

A necessidade de manter seu Complexo (controlado por uma indústria farmacêutica) sempre à frente de seus competidores, dominando assim uma fatia cada vez maior do

¹⁴⁴ ATWOOD, 2004, p. 59-60. Grifos meus.

mercado, faz com que os seus empregados estejam em um constante estado de alerta para produzir medicamentos/mercadorias cada vez mais rentáveis de modo a sustentar o padrão de vida tão precioso. Tal comportamento reflete o que Karl Marx cita no seu **Manuscritos Econômico-Filosóficos** (1844): “Os únicos motivos que colocam em movimento a economia política são a *avareza* e a *guerra entre os avaros*, a *competição*.”¹⁴⁵ Desta maneira, o que cada um – seja ele patrão ou empregado – mais quer é a estabilidade para manter sua vida agradável. O problema da estabilidade também é mencionado por Jean-Paul Sartre no seu **Questão de Método** (1960), quando fala de como “(...) que numa sociedade inteiramente alienada em que ‘o capital aparece cada vez mais como um poder social do qual o capitalista é o funcionário’, os fins manifestos podem disfarçar a necessidade profunda de uma evolução ou de um mecanismo montado.”¹⁴⁶

O sistema criado pelas indústrias já está tão firmado na vida das pessoas desta distopia que elas, do empregado ao paciente, nem notam que são como peças de um jogo. O que acaba por acontecer é que os novos seres criados por Crake, híbridos de humanos com animais, representam uma tentativa deste cientista de promover uma “evolução” da humanidade, havendo reprodução apenas quando necessário e eliminando características indesejáveis da humanidade como o desejo sexual (que pode frustrar aqueles que não conseguem uma vida de relacionamentos plena) e religiosidade.

Crake cria estes novos seres pensando no bem do planeta e do meio ambiente, acreditando que tais seres sejam capazes de se utilizar dos recursos naturais de forma mais eficiente menos devastadora. No entanto, as chamadas “crianças” não são mais que produtos, tais quais os cientistas que os precederam, pois são apenas o meio de atingir um fim. É através delas que Crake, obcecado com a preservação do meio ambiente no planeta, pretende ‘substituir’ os seres humanos por uma nova raça capaz de ajudar o planeta a se recuperar de

¹⁴⁵ MARX, 2005, p. 111. Itálicos no original.

¹⁴⁶ SARTRE, 1967, p. 127.

séculos de destruição que, segundo ele, foi motivada por ambição material e sede de poder. Novamente, o que fica depois de tudo é apenas mais um cientista reaplicando o velho padrão de usar os vivos para atingir objetivos.

O cientista de Atwood age como os nazistas da Segunda Guerra mundial, que faziam experimentos com os prisioneiros, justificando seu comportamento com idéias de que aquilo era um pequeno preço a ser pago pela evolução da ciência e o bem da humanidade. Crake não escolhe uma minoria, ele acaba com todos indiscriminadamente, incluindo a si mesmo nas vítimas, mas pode-se dizer que o comportamento dele é diferente de seus antecessores históricos? Independente da motivação (religiosa, étnica, política, científica, etc.), ao longo dos anos a história vem registrando exemplos de como aqueles que estão no poder fazem valer sua força para impor seu modo de pensar e agir.

Esta questão da redução de seres humanos a meros objetos não é um ponto exclusivo desta obra de Atwood. Em sua distopia anterior – **A História da Aia** (1986) – a autora também trabalha o ponto de como os seres humanos transformam os subalternos em *commodities*, ou seja, levando o leitor a refletir sobre como as pessoas só têm valor enquanto apresentam alguma serventia para uma elite: “Algo útil ou capaz de suscitar vantagens comerciais ou de outro tipo.”¹⁴⁷ A perspectiva nesta obra é vista mais por um viés feminista, especialmente ao considerarmos obras como a de Luce Irigaray e seu **The Sex Which Is Not One** (1985). Neste livro, a autora utiliza conceitos antropológicos para falar de como as mulheres vêm sendo usadas como artigo de troca e comércio entre os homens há muito tempo, em particular as “desejáveis” pelo seu valor enquanto mães e esposas.¹⁴⁸ Tal noção é muito bem exemplificada pela aia do título que, enquanto mulher fértil em um mundo povoado cada vez mais por pessoas estéreis, é negociada por famílias de poder que não

¹⁴⁷ SOUKHANOV, 1988, p. 287. Tradução da Autora. → “Something useful or capable of yielding commercial or other advantages.”

¹⁴⁸ IRIGARAY, 1985, p. 170.

podem conceber naturalmente. Ao falar da relação mais íntima que estabelece com o Comandante que chefia a casa onde está lotada – ainda que isto esteja fora dos padrões daquela comunidade –, a protagonista deixa bem clara a sua situação naquela sociedade:

*Existimos para procriar: não somos concubinas, gueixas, cortesãs. Pelo contrário, tudo foi feito para nos afastar dessas categorias. Não deve haver nada de divertido em nós, não há espaço para o desabrochar de desejos secretos; nenhum favor especial deve ser insinuado, seja por eles ou por nós, e não existe margem para o amor. Somos úteros bípedes, nada mais: vasos sagrados, cálices ambulantes.*¹⁴⁹

Se aqui as atrocidades contra as mulheres são justificadas por um discurso pseudo-religioso, que as reduz apenas ao seu valor enquanto capazes de desempenhar as funções biológicas designadas por Deus, a ciência não deixa de ter a sua parcela de culpa. Havia as manipulações promovidas na vida das pessoas através de procedimentos médicos e as supostas armas altamente destruidoras empregadas em uma guerra que antecede os eventos descritos na obra. Fundamentalistas reclamam desta excessiva vontade de ser Deus e criam uma aniquilação da ciência, fazendo o a sociedade retratada regredir não só no seu sentido cultural, mas também no modo de tratar o seu semelhante. Como falado antes, as mulheres só têm valor enquanto reprodutoras, ao perdem tal capacidade se tornam Antimulheres e são enviadas para as Colônias, terras desgastadas pela guerra nuclear, onde condenados limpam lixo tóxico sem proteção até que apodreçam e morram. Em um dado momento, a protagonista reencontra uma velha amiga (Moira) em um dos centros de prostituição clandestinos patrocinados pelo Estado para homens da posição elevada, e esta “prostituta pública” fala de sua vida lá:

Eu [Moira] podia escolher entre isto aqui ou as Colônias. Ora, não dou pra mártir. (...)
Você [a protagonista] devia bolar um jeito de vir para cá. Teria uns dois ou três anos de maré mansa, até a sua xoxota gastar e eles te mandarem pro carneiro. A comida não é ruim, tem bebida e drogas pra quem quiser, e a gente só trabalha de noite.¹⁵⁰

Mais uma vez, os seres humanos, aqui mulheres, são reduzidas às atividades de valor que possam desempenhar para uma dada elite. Quando as aias ficam estéreis ou as prostitutas

¹⁴⁹ ATWOOD, 1987, p. 147. Grifos meus.

¹⁵⁰ ATWOOD, 1987, p. 265. Grifos meus.

perdem seus encantos, não resta nada a fazer senão descartá-las como quem faz a uma caneta sem tinta ou a uma roupa desgastada.

A questão de reificação também se faz amplamente presente na obra do inglês Kazuo Ishiguro, **Não me abandone jamais** (2005). Na sociedade inglesa recriada na obra, clones são feitos para que sirvam de bancos de órgãos para aqueles que precisem de transplante até que eles morram pelo excesso de retirada de órgãos. Assim, os doadores não são vistos como pessoas, mas apenas como parte de um sistema, um produto de uma ciência, valorizados apenas por aquilo “(...) o que será depois de pronto.”¹⁵¹ Tal fato resulta na dificuldade que os próprios clones apresentam em perceber a si mesmos enquanto pessoas; esta situação concorre para que a população em geral também tenha problemas em vê-los sob um ponto de vista ético. Este aspecto pode ser visto na conversa final que os clones principais Tommy e Kathy têm com uma antiga administradora da instituição onde viveram por tanto tempo:

Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância. E assim permaneceu a situação até surgir o nosso movimentozinho. (...) Eis o mundo, precisando de alunos para doar. Enquanto fosse esse o caso, sempre haveria alguma barreira impedindo que o mundo visse vocês como seres humanos de verdade.¹⁵²

Na fala acima, a já idosa Miss Emily, ex-diretora do centro de clones onde a protagonista e seus amigos vivem quando crianças, evidencia como os alunos/clones eram vistos como utensílios: algo que Heidegger debate em **A origem da obra de arte** (1950). Os clones têm entre suas características o fato de serem produto do trabalho humano (neste caso de cientistas) e a questão da serventia. No momento em que são criados nos laboratórios, seu destino está traçado, o fim deles enquanto doadores de órgãos já estava marcado no começo, na sua criação.¹⁵³ Tem-se a idéia de *arché* como o princípio, só que na verdade não é um princípio como de uma fase que acaba, mas sim como um sentido fundamental que perdura na vida do ser. Por este raciocínio, o princípio dos clones como meros ‘objetos’ a serem

¹⁵¹ HEIDEGGER, 2002, p. 14.

¹⁵² ISHIGURO, 2005, p. 314..

¹⁵³ HEIDEGGER, 2006, p. 21.

utilizados pelos outros que precisarem de seus órgãos é o elemento que vai nortear suas vidas. Os alunos não estão plenamente inseridos na rede do nosso mundo, eles vivem conosco, partilhando nossas atividades, mas sempre percebendo de que de algum modo eles nunca serão como nós, os ditos ‘normais’.

Por conta da necessidade de representarem um bem para a sociedade da obra, os cientistas de **Oryx e Crake**, as mulheres férteis de **A história da aia** e os clones de Ishiguro vivem presos em um processo que os aliena do mundo. Ao mesmo tempo que são necessários pelos motivos já aqui apresentados, todos estes três grupos levam uma vida à margem da sociedade. Ainda que interajam com o mundo, pareçam viver protegidos de perigos, e recebam um falso discurso de como seus papéis em suas respectivas sociedades são de suma importância, na verdade eles vivem isolados. Seja nos Complexos dos cientistas, nas comunidades isoladas para os clones, ou nos campos de concentração para as aias, os membros de todos os grupos levam uma vida em que o real ou foi abandonado realmente e substituído por uma nova vida triste e opressora (como é o caso das aias), ou por uma mera simulação do que foi um dia; todavia, a opressão não se manifesta igualmente, considerando ainda os grupos marginalizados, pois o padrasto de Crake (o Tio Pete) é menos oprimido pela sociedade dos Complexos que o pai de Jimmy. A troca do real pelo simulacro já foi debatido com relação à nova distopia de Atwood e pode ser reforçada pelas aulas que os clones recebiam para aprender a viver no mundo: “(...) uma aula de Iniciação Cultural, durante a qual costumávamos dramatizar as várias funções das pessoas que encontraríamos lá fora – garçons, policiais e assim por diante.”¹⁵⁴ O real se torna um palco onde se deve aprender a viver, tal qual um ator tem que aprender suas falas. Se os clones de Ishiguro têm que encenar suas vidas por nunca terem vivenciado o dia-a-dia plenamente enquanto internos; os amigos e familiares de Jimmy têm que encenar suas vidas para que nunca caiam em desgraça com aqueles que

¹⁵⁴ ISHIGURO, 2005, p. 137-138.

fornece seus confortos. Especialmente no caso de Jimmy, a realidade se tornou algo realmente fluido e mutável.

Retomando a fala de Sharon sobre o mundo dentro da OrganInc se parecer com um parque de diversões, a metáfora parece relevante se a associarmos com a introdução de M. Keith Booker ao seu **Dystopian Literature: A theory and research guide** (1994). Nesta obra o autor fala do gênero distópico como uma Disneylândia; lá tudo pode parecer perfeito e agradável, mas aquilo que se vê não corresponde à realidade cotidiana da maioria da população. De certa maneira, o que se vê no Complexo habitado pelo protagonista de **Oryx e Crake** é uma redução da sociedade a valores de compra, independente do quanto isso custe em termos pessoais. Com suas preocupações apenas em belas casas, mobília e manter a indústria em alta no mercado, a sociedade defendida pelo pai de Jimmy atingiu seu nível mais alto em banalidades. Lendo Booker, é possível ainda ver o quanto a sociedade da distopia de Atwood se torna o pior medo de Horkheimer e Adorno. Estes últimos discutem o descontentamento com a cultura popular moderna no sentido de que esta visa apenas alienar a população, deixando-a incapaz de qualquer “abstração crítica requerida para formar um desafio significativo das ideologias oficiais da sociedade moderna”.¹⁵⁵ Booker prossegue falando de como estes teóricos são capazes de ver por entre as frestas de um sistema que sutilmente impõe conformidade e consumismo, não apenas em termos de produtos para comprar, mas também na “aquisição” de ideologias aceitáveis em um mundo civilizado.¹⁵⁶ Comprar objetos falsos e devotar sua vida à ascensão da indústria onde trabalha termina por ser o grande objetivo dos moradores dos Complexos.

Horkheimer e Adorno no seu **Dialética do Esclarecimento** (1969) debatem a questão desta subjugação do ser humano. Ao comentar sobre como as pessoas são cada vez mais forçadas a uma real conformidade, que não os discrimina em suas diferenças, os teóricos

¹⁵⁵ BOOKER, 1994, p. 13. Tradução da Autora. → “critical abstraction required to mount a meaningful challenge to the official ideologies of modern society.”

¹⁵⁶ BOOKER, 1994, p. 88.

alegam que o preço de tal feito é a anulação de suas possibilidades inatas, que são modeladas pela produção do que se pode comprar no mercado.¹⁵⁷ O paraíso de se viver em um mundo perfeito tem um preço muito alto a ser pago. Além disso, a própria sociedade da obra visa à sua auto-preservação, ao separar os “melhores” para estudar nas escolas de ciência e tecnologia, deixando as áreas humanas para aqueles que não se saíram tão bem em seus estudos, fazendo do humano uma condição inferior até mesmo no campo acadêmico. De um lado vê-se a Escola Watson-Crick de Crake mais parece um hotel de luxo:

Comparado com Martha Graham, Watson-Crick era um palácio. Na entrada havia uma estátua de bronze da mascote do instituto, a arabra/cabranha – uma das primeiras combinações bem sucedidas (...)

O enorme terreno que ficava dentro dos muros de segurança tinha um belo leiaute: obra, disse Crake, da Faculdade de Paisagismo em Recorte. (...) As alamedas, ao contrário das calçadas rachadas de cimento de Martha Graham, eram lisas e largas. Alunos e professores trafegavam por elas nos seus carrinhos elétricos.¹⁵⁸

(...)

Crake não tinha (...) nenhum colega de quarto. Ele tinha uma suíte, toda em tons de madeira, com venezianas automáticas e ar condicionado que funcionava de verdade. A suíte consistia de um quarto grande, um banheiro com chuveiro a vapor, uma sala de estar com um sofá-cama – era lá que Jimmy ia acampar, segundo Crake – e um escritório com sistema de som e o que havia de mais moderno em termos de informática. Tinha também serviço de arrumadeira e lavanderia.¹⁵⁹

De outro, a Martha Graham de Jimmy está mais para um campo de refugiados que um instituto educacional:

Martha Graham estava caindo aos pedaços. Era cercado – Jimmy observou quando o trem parou – pelo tipo mais miserável de terras de plebeus [as Cidades]: armazéns vazios, edifícios incendiados, estacionamentos abandonados. (...)

A segurança no portão de Martha Graham era uma piada. Os guardas estavam cochilando, os muros – todos cobertos de pixações – poderiam ser escalados por um anão perneta. Do lado de dentro, os prédios rachados de concreto estilo Bilbao eram cheios de goteiras, os gramados eram um lamaçal, com a lama dura ou mole dependendo da estação, e não havia nenhuma área de lazer exceto uma piscina que parecia uma gigantesca lata de sardinha e que fedia como uma.¹⁶⁰

Como se pode perceber, as diferenças nas instituições de ensino apenas reforçam a necessidade de se ter mão de obra qualificada para manter o poder de quem está no topo. Jimmy tem noção da área de ciências humanas que se viu forçado a trabalhar devido a suas notas baixas: “O sistema o [Jimmy] havia classificado como rejeito, e o que ele estava

¹⁵⁷ HORKHEIMER & ADORNO, 1985. p. 27.

¹⁵⁸ ATWOOD, 2004 p. 186.

¹⁵⁹ ATWOOD, 2004 p. 187.

¹⁶⁰ ATWOOD, 2004 p. 173.

estudando era considerado – nas instâncias de decisão, nas instâncias de poder – velharia e perda de tempo.”¹⁶¹ Nas sociedades, sempre a cada época, algumas carreiras serão consideradas mais importantes e serão mais procuradas que outras. Além do exemplo clássico da medicina e de do direito – cursos que normalmente apresentam grandes procuras nos vestibulares mundo afora – outras opções podem ser bem ou mal vistas de acordo com o período. Basta lembrar do grande boom que vivemos atualmente das áreas de *marketing* e de outras ligadas ao mundo da informática e das comunicações. Não sou inocente a ponto de achar que todas as pessoas escolhem suas áreas de atuação com base em uma vocação quase que religiosa, entretanto, a popularidade de um dado segmento não deveria servir como desculpa para depreciação de outro.

A educação na obra de Atwood abre um debate sobre a influência do mercado de trabalho no seu desempenho: na verdade, o que é o objetivo principal da escola? Formar seres pensantes, capazes de realmente modificar o ambiente ao seu redor de maneira produtiva e consciente, ou treinar aqueles que ocuparão os cargos de seus pais amanhã? Se a sociedade ficcionalizada em **Oryx e Crake** precisa mais de cientistas do que lingüistas ou artistas, para que continuar com o desenvolvimento de tais carreiras? Tal qual nosso mundo contemporâneo, onde as escolas estão cada vez mais voltadas para o mercado e os alunos presos a uma competitividade por notas, mas sem um real aprendizado, a educação se torna apenas números para satisfazer governos e sociedades.

Desta forma, retornando aos **Manuscritos Econômico-Filosóficos** de Marx, vê-se como os seres subalternos passam a ser livres apenas enquanto exercem suas funções de modo mecânico e animal, sempre preocupados com sua subsistência:

Assim, chega-se à conclusão de que o homem (o trabalhador) só se sente livremente ativo nas suas funções animais – comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno, etc. – enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano, animal.¹⁶²

¹⁶¹ ATWOOD, 2004 p. 182.

¹⁶² MARX, 2005, p. 114-5.

Suas atividades humanas são controladas por um sistema debilitante, que promove uma perda de si, do seu “eu”.¹⁶³ Na sua obra aqui relatada, Marx aborda como o trabalho produz a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria.¹⁶⁴ No caso da principal distopia aqui debatida, esta ocorrência assume proporções maiores, pois o trabalho dos cientistas é realmente fabricar produtos para o bem da sociedade. Seguindo neste raciocínio, enquanto utensílios, a vida dos empregados da OrganInc está ligada a uma deturpação do modo utilitarista de agir em relação ao mundo. Por Utilitarismo entende-se aqui a doutrina pregada, entre outros, por John Stuart Mill, particularmente em sua obra de mesmo nome escrita em 1863. Em linhas bem básicas esta doutrina é entendida como uma tentativa de buscar meios de trazer mais felicidade ao maior número de indivíduos envolvidos. Este Princípio da Maior Felicidade sustenta que tal sentimento “é uma existência isenta tanto quanto possível da dor, e tão rica quanto possível em deleites, seja do ponto de vista da quantidade como da qualidade.”¹⁶⁵

No decorrer de seu livro, Mill levanta várias questões como o que é felicidade, justiça, entre outros tópicos de relevância. O autor também fala de como o indivíduo deve estar preparado para sacrificar a sua felicidade individual em prol da coletiva, pois o bem maior é o que conta.¹⁶⁶ Este é um pensamento comum a várias distopias, como exemplo **Admirável Mundo Novo** (1932) de Aldous Huxley. Como argumenta Patrícia Warrick no seu livro, **The Cybernetic Imagination in Science Fiction**, o indivíduo é anulado em favor da manutenção da ordem, supostamente em seu favor, mas serve apenas para controlá-lo e manter a elite no poder.¹⁶⁷ Na obra distópica de Atwood, os cientistas passam por um processo similar, sabem das conseqüências do que estão fazendo e em geral aceitam o fato, pois o sistema não lhes dá

¹⁶³ MARX, 2005, p. 113

¹⁶⁴ MARX, 2005, p. 111.

¹⁶⁵ MILL, 2000, p. 194.

¹⁶⁶ MILL, 2000, p. 201.

¹⁶⁷ WARRICK, 1980, p. 132.

opções e não os favorece. Pelo próprio comentário de Sharon, anteriormente, sobre a atitude pouco humanitária de seu marido em referência àqueles que deixam de ser beneficiados pelas descobertas da empresa, vê-se que aqueles que são abandonados pela ciência se tornam uma versão mais triste dos mártires que se sacrificam pela coletividade citados no **Utilitarismo**. A diferença aqui é que a “coletividade” a ser mantida é composta por seres habitantes fúteis dos Complexos e incapazes de levar em conta o sofrimento alheio.

Aqui se faz necessário debater como essa forma de pensamento, originada na Inglaterra, foi por tantas vezes usada pela ciência para justificar seus atos atrozes. A doutrina Utilitarista pode ser empregada na manipulação da sociedade em favor do benefício concedido a um grupo seletivo, que pode ou não ser o maior. A sociedade desta distopia seria o grupo seletivo dos Complexos, a ser atingido pela felicidade que as novas invenções das indústrias trariam. Stuart Mill apresenta a busca por este sentimento como algo moralmente aceitável, desde que para tanto não seja necessário fazer com que outros sejam prejudicados.¹⁶⁸ Entretanto, na obra de Atwood, a ética para o tratamento dos pacientes é algo secundário.

Após tantos problemas e condutas de caráter duvidoso, ocorre aos cientistas dos Complexos a chamada possível perda de si, ou seja, uma possível redução conveniente da consciência que os seres têm de seu papel no mundo. O leitor é levado a crer, desde o início, que os cientistas têm noção de que fizeram um pacto com o demônio para poderem viver bem, mas ainda assim, será que eles realmente possuem um amplo entendimento do sistema que os cerca antes que seja tarde demais? Por um lado, vemos o pai de Jimmy, que se entrega aos confortos prometidos pela empresa, e também o padrasto de Crake, o Tio Pete, que agora age como um ‘figurão’ no corpo executivo da empresa MaisSaúde, complexo/firma para onde Jimmy e a família se mudam em busca de uma vida melhor:

¹⁶⁸ MILL, 2000, p. 194.

Ele disse que tio Pete jamais saberia [que Jimmy e Crake haviam roubado parte do seu estoque de maconha] porque nunca fumava, a não ser quando queria fazer sexo com a mãe de Crake, o que – considerando o número de latas de suco de laranja e a velocidade com que elas estavam sendo consumidas – não acontecia com muita frequência. Crake disse que tio Pete tinha prazer mesmo era no escritório, dando ordens às pessoas, maltratando os assalariados. *Ele tinha sido um cientista, mas agora era um grande executivo na administração da MaisSaúde, cuidando da parte financeira.*¹⁶⁹

O comportamento adotado pelos dois, apesar de similar na sua rendição ao controle do capitalismo, ainda apresenta diferenças: o pai de Jimmy ainda retém uma noção do erro que está cometendo, mesmo que não tenha forças, ou desejo, de se libertar do sistema que o oprime. Ao contrário, o tio Pete parece se sentir bem confortável no cargo que ocupa, inclusive tirando prazer de suas funções, mesmo que esteja mais para um feitor de escravos que um executivo.

Por outro lado, a mãe de Jimmy, Sharon, uma brilhante cientista agora reduzida a uma pessoa amarga, que vive entregue a bebidas e remédios, age como um alerta para o que o marido e todos dentro do complexo fazem. Tal qual Marx cita, o trabalhador está sempre preso pelo sistema, mas sem devidamente entender o que se passa com ele lá dentro. Enquanto produtores de grande riqueza, afinal eles produzem vida para aqueles que precisam com seus medicamentos e órgãos para transplante, o pai de Jimmy e seus companheiros cientistas sofrem com a desvalorização de si mesmos. Sendo constantemente vigiados pela segurança contra qualquer coisa que possa representar um risco para aquela vida estável ou, mais importante ainda, um risco para a posição financeira a companhia, os cientistas vivem em um perpétuo estado de alerta sobre o que fazem e dizem para não cair naquele mundo além dos muros tão indesejável.

Quando uma mulher consegue fazer um ataque bacteriológico dentro dos muros do Complexo, isso só faz aumentar a paranóia da segurança e controle em cima dos seus preciosos bens, os cientistas:

¹⁶⁹ ATWOOD, 2004 p. 85. Grifos meus.

A mãe de Jimmy disse que isso não alterava o fato de que ela se sentia como uma prisioneira. O pai de Jimmy disse que ela não entendia a realidade da situação. Ela não queria estar segura? Não queria que seu filho estivesse seguro?

(...)

Segundo a mãe de Jimmy, seus telefones e e-mail estavam grampeados, e os faxineiros musculosos e lacônicos da MaíSaúde que vinham duas vezes por semana – sempre em pares – eram espíões. O pai de Jimmy disse que ela estava ficando paranóica, e além do mais eles não tinham nada a esconder, então por que se preocupar com isso?¹⁷⁰

Quando a mãe de Jimmy finalmente se cansa da vida artificial que levava e foge de casa, a família passa a ser alvo de investigadores, para que tal caso não se torne uma rotina dentro daquela comunidade. Como a misteriosa mulher citada no atentado anterior, o controle que faz com que a sensação de redução a um status de coisa só aumente. Como argumentam Horkheimer e Adorno:

[O indivíduo] se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens.¹⁷¹

Sharon parece temer essa coisificação das almas e, antes que o processo se torne completo com ela, ela foge de casa levando deixando para trás problemas para o filho e o marido, que têm que lidar com os interrogatórios policiais. Mesmo já adulto, cursando a universidade, Jimmy ainda é assombrado por aqueles que querem o paradeiro da traidora:

O CORPSECORPS nunca havia perdido Jimmy de vista. Durante o seu período na [Universidade]Martha Graham, eles o haviam convocado regularmente, quatro vezes por ano, para o que chamavam de *pequena conversa*. Eles faziam as mesmas perguntas que já tinham feito uma dezena de vezes, só para ver se recebiam as mesmas respostas. *Eu não sei* era a coisa mais segura que Jimmy conseguia pensar em dizer, o que na maioria das vezes era verdade.¹⁷²

Ainda que Jimmy não acredite que eles realmente estejam ainda atrás da sua mãe, que já pode ter morrido após tantos anos, ou mesmo desaparecido por completo, o que resta nestes interrogatórios é a manutenção do poder de vigilância da polícia dos Complexos. “Eterna vigilância é o preço da liberdade”¹⁷³, este raciocínio tem sido deturpado em várias distopias e

¹⁷⁰ ATWOOD, 2004 p. 57.

¹⁷¹ HORKHEIMER & ADORNO, 1985. p. 40.

¹⁷² ATWOOD, 2004 p. 238. Itálicos no original.

¹⁷³ Frase atribuída ao abolicionista norte-americano Wendell Philips (1811-1884).

por vários governos para justificar as atrocidades cometidas. De qual liberdade se está falando aqui? A liberdade acaba por ser uma troca: os personagens levam suas vidas sem medo de violência de criminalidade como assaltos e brigas, por outro lado a violência deixa de ser um problema social para ser um problema de manutenção do poder político.

As atitudes das autoridades após o desaparecimento de Sharon refletem o que ocorre, por exemplo, no livro **Fahrenheit 451** (1953) de Ray Bradbury. Nesta sociedade dominada pela falta de livros e de liberdade de pensar, em que o governo controla todos os passos da população para evitar a propagação de pensamentos dissonantes, a vida, aparentemente boa e livre de problemas materiais, não parece ser suficiente para trazer a felicidade para todos. Como exemplo temos Mildred, a esposa do protagonista Guy Montag. Ela é uma mulher fútil no sentido que ela não possui uma vida real fora da interação que tem com os personagens dos programas televisivos que assiste. Além disso, mesmo este sistema semi-vegetativo de viver ainda lhe traz descontentamento. Ao longo do romance temos passagens em que é possível perceber que a personagem tenha, ainda que inconscientemente, tendências ao suicídio.

A vida sem propósito desta mulher faz com que ela tome atitudes que parecem uma forma de escapismo: ela dirige em alta velocidade pelas estradas de sua cidade sem um destino certo e, não sendo um caso isolado naquele mundo, ela se utiliza de pílulas para dormir, o que faz com que uma noite ela quase morra com uma dose excessiva do seu medicamento. Resta ao seu marido chamar os paramédicos para salvá-la e, na manhã seguinte, notar com espanto como Mildred não se dá conta do que passou e continua com sua vida da maneira de sempre, como se nada tivesse acontecido, simplesmente argumentando por que alguém faria uma besteira como aquela.¹⁷⁴

Tal qual Sharon em **Oryx e Crake**, a Mildred de **Fahrenheit 451** também sofre as consequências do preço a ser pago pela dita estabilidade material. Ainda que esta última não

¹⁷⁴ BRADBURY, 1991, p. 19.

se dê conta realmente do ocorrido, em ambas as obras, suas respectivas populações sofrem do mesmo processo de perda da liberdade. A felicidade que Mildred sente é artificial, e mesmo suas amizades no livro e sua relação com o marido não podem ser chamadas de interações verdadeiras no sentido mais humano. Tudo é uma grande encenação, tais quais os programas de TV de que tanto gosta, onde esperam-se respostas padrões para uma vida que também não pode fugir do padrão.

Na verdade, o comportamento de Mildred e Sharon reflete um ponto sobre o papel da felicidade no mundo moderno. Em qualquer curso introdutório à psicanálise Freudiana, por exemplo, sempre aprendemos que o ser humano está em uma constante luta para alcançar a felicidade. No seu **O Mal-Estar na Civilização** Sigmund Freud já argumenta o quanto este processo é penoso e difícil, já que somos muito mais propensos à infelicidade que à felicidade:

Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens.¹⁷⁵

Entretanto, como é que hoje em dia lidamos com essa busca? Vive-se uma certa pressão da sociedade para que sejamos sempre felizes e que a infelicidade é algo que pode ser facilmente tratado com algumas drogas e terapias. No mundo moderno se propõem inúmeros tratamentos de beleza para que a pessoa tenha a aparência que sempre sonhou e, nela, a questão da felicidade parece estar seguindo o mesmo caminho: as ‘receitas’ para se viver melhor estão ao alcance de qualquer pessoa seja na forma de livros de auto-ajuda ou de terapias alternativas. Não estou aqui para julgar o valor de tais publicações ou o efeito produzido pelas terapias. Cada pessoa sabe de si, de seus problemas e espero que tenha alguém de confiança a quem possa recorrer caso precise se ajuda. O que argumento aqui é

¹⁷⁵ FREUD, 1997, p. 25.

como vem ocorrendo, através dos tempos, uma vulgarização da felicidade, em que a aquisição de bens materiais vêm se sobrepondo cada vez mais à aquisição de riquezas não-materiais, e também até que ponto não devemos perceber essa ‘necessidade’ pela felicidade com uma certa dose de ceticismo.

Ronald W. Dworkin, no seu livro **A felicidade artificial** (2006), debate a questão de como o mundo busca cada vez mais formas de atingir a felicidade através de remédios e atividades médicas não muito padronizadas. Entretanto, como é sugerido pelo autor, parece que na verdade o que se deseja alcançar é uma forma de conformismo com o mundo em vigor, independente de se concordar com o que nele ocorre ou não. Ao relatar casos de pessoas com problemas familiares, presas a casamentos ruins, ou com mau relacionamento com padrões e filhos; Dworkin expõe de como o uso de remédios simplesmente ajudou a essas pessoas a levar a vida como sempre levaram, sem alteração nenhuma, só que agora parecendo um pouco mais anestesiadas, não se importando mais realmente com o que se passa ao seu redor. Como o autor sugere, “é a medicina – e não a vida – que garante sua felicidade.”¹⁷⁶ Dworkin prossegue comentando como uma nova moda alternativa ao uso de psicotrópicos tradicionais com exercícios e medicina alternativa fez aumentar a dita “satisfação” dos pacientes, ainda que na verdade o tratamento médico estivesse cada vez mais comprometido com consultas apressadas e médicos pouco interessados em realmente saber o que se passava com seu paciente e mais preocupados com o lucro e o conforto material a ser obtido.

Aprisionados em uma nuvem de felicidade, os queixosos de infelicidade buscavam em remédios uma forma de continuar com suas vidas. Na verdade, tal atitude torna-se inclusive um perigo para a saúde pública, pois determinados pacientes que em verdade necessitassem de drogas, talvez até algumas mais ‘pesadas’, para cuidar de seus problemas mentais mais sérios ficam também sujeitos a essa uniformização da medicina. Casos sérios são

¹⁷⁶ DWORKIN, 2007, p. 12.

menosprezados e casos mais simples são supervalorizados, gerando assim uma nova classe de “pessoas felizes”, como cita o autor, mas sem o serem de fato:

O dilema que os psiquiatras enfrentaram durante essa época era que uma importante visão revolucionária na área da saúde mental não partiu da psiquiatria, mas da atenção primária. Os psiquiatras não conseguiram uma solução viável para o problema da infelicidade. Eles se identificavam com a preocupação das pessoas, mas preferiam que as pessoas infelizes tomassem o caminho do esforço lento e deliberado, inclusive numerosas sessões de psicoterapia. Por outro lado, os médicos de atenção primária tinham uma solução real para a infelicidade – medicamentos –, com base em sua hipótese de que a infelicidade era um problema dos neurotransmissores.¹⁷⁷

Tomando por base a citação acima, é possível ver o quanto as duas personagens, Mildred e Sharon, têm em comum. Mildred se encontra aprisionada por um sistema de atenção primária (ou seja, médicos que são apenas clínicos gerais, não especialistas em distúrbios mentais) em que os paramédicos vêm tratar de seu problema com limpezas estomacais e tratamentos que cuidam do físico, não do espiritual. Por este mesmo viés, Sharon não se utiliza de drogas, mas mostra uma atitude de depressão e descaso com o mundo ao redor, como se não houvesse jeito de mudar as coisas (até que decide fugir de casa)¹⁷⁸, que é sempre rebatida por seu marido com argumentos que envolvem sua vida material de bela casa e boa família, como se só isso fosse o bastante para resolver o que se passa em sua mente. Como ela e o marido provêm de uma classe biomédica, acostumada a remédios e procedimentos, ele em particular acredita que Sharon poderia muito bem ‘se curar’ e aprender a valorizar os sacrifícios que *ele* faz pela família.

Como visto nesta parte, as duas obras visam chamar a atenção não só para os problemas que assolam o planeta, tais como a crise ecológica e a questão das armas biológicas e da doação de órgãos, mas também para a desesperada necessidade de encontrar meios para se atingir um bem maior. Retomando o raciocínio do Utilitarismo de Stuart Mill, a coletividade deve ser superior aos desejos de uma minoria, porém o que se vê em **Oryx e**

¹⁷⁷ DWORKIN, 2007, p. 47.

¹⁷⁸ Sharon parece demonstrar sinais da síndrome da estafa profissional (*burnout*) que é caracterizada por três aspectos: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. (TUCUNDUVA et al., 2006)

Crake é justamente o prevalecimento de uma minoria através de seu poder e de seu dinheiro. Enquanto os avanços científicos e tecnológicos estiverem presos nas mãos de uns poucos, sempre haverá uma grande parcela subalterna da população disposta a cometer atrocidades que vão desde as de grande escala como as cometidas em campos de concentração a outras de menor tamanho, mas não menos perniciosas, como o descaso com a vida do outro; tudo em prol de uma falsa estabilidade, que só existe enquanto o subalterno provar o seu valor para seu líder.

Como o teórico em estudos pós-coloniais Homi Bhabha fala em seu artigo “Signs Taken for Wonders”, em uma população dominada sempre há aquela que internaliza totalmente o discurso do opressor, apagando o seu passado por completo e aceitando os novos papéis que lhes são atribuídos. Assim, os cientistas se apagam do papel classicamente atribuído a eles de serem aqueles que podem levar a humanidade a uma evolução/salvação. Como uma categoria dominada por uma cultura capitalista, os benefícios que realmente importam perdem lugar para um círculo vicioso de eterno fornecimento de seres que só se preocupam com um mundo artificialmente construído. Daí então retomarmos o raciocínio de que os estudos científicos e tecnológicos são privilegiados em detrimento dos estudos de áreas mais voltadas para o humano. A sociedade em **Oryx e Crake** vai se preocupar em manter a mão de obra de que tanto precisa através dos cientistas que lhe são mais úteis que as outras carreiras.

3.3 – A ecologia que salva e destrói: ecoterrorismo

Na sua luta por tentar salvar o que ainda nos resta de natureza e em uma tentativa desesperada de conscientizar a sociedade para os males que está causando, muitos grupos em prol do meio ambiente se utilizam de medidas um tanto quanto extremas para propagar suas

idéias e chamar a atenção do mundo. Tais atitudes por vezes envolvem a destruição de equipamentos e um pouco de agressividade para com os outros seres humanos vistos como vilões da história. Tal atitude recebe vários nomes como no inglês “ecotage” ou “monkeywrenching”, em português este comportamento é mais conhecido como ecoterrorismo.

Antes que seja dado algum prosseguimento, nesta linha de raciocínio, torna-se relevante falar um pouco sobre esse estilo de manifestação, em geral condenado até por outras associações, como a famosa ONG Greenpeace. De acordo com J. Phillipon em seu artigo “Eco-Terrorism” (2002), ecoterrorismo na verdade não é apenas uma tentativa radical de salvar o meio ambiente. Ecoterrorismo pode tanto ter a já mencionada implicação de querer alertar as pessoas ou de salvar alguma espécie animal ou reserva ambiental, como pode ter um sentido mais sombrio no meio bélico. Acredita-se que as primeiras manifestações de ecoterrorismo foram na verdade técnicas de depredação do ecossistema de um país, tribo ou povo inimigo em uma tentativa de enfraquecê-lo e forçar sua rendição. Um exemplo disso seriam técnicas encontradas no Egito antigo de envenenamento de poços no deserto para que os soldados não pudessem reabastecer seus cantis e morressem de sede ou ficassem fracos demais para lutar.

Ecoterrorismo tenta promover uma distinção entre o que Arne Naess chama de uma ecologia superficial (“*shallow ecology*”) que é centrada nos interesses dos seres humanos, e uma ecologia mais profunda (“*deep ecology*”), que traz à tona a questão do Ser (“*Self*”).¹⁷⁹ Tal atitude é melhor exemplificada na obra **Green Rage** (1990) de Christopher Manes, em que o grupo “Earth First!” (“A Terra Primeiro!”) advoga a necessidade por uma ecologia mais pela preservação da Natureza simplesmente por ser a Natureza, não pelo que Ela pode fazer pelos seres humanos:

¹⁷⁹ PHILLIPON. 2002.

Apesar de haver vários motivos pragmáticos e sociais para proteger o máximo possível da Natureza, Earth First! Assumiu uma proposta mais radical de que o mundo natural deveria ser preservado *pele que ele é*, e não por algum benefício real ou imaginário que possa trazer à humanidade. “Uma urso cinzenta farejando pelo Riacho Pelican no Parque Nacional de Yellowstone com seus dois filhotes tem uma vida tão cheia de sentido e dignidade quanto a minha,” afirma o [co-fundador do Earth First!] Foreman.¹⁸⁰

Phillipon também discute como o Ecoterrorismo começou a tomar mais força no mundo ocidental a partir do Earth Day (“Dia da Terra”) realizado nos Estados Unidos em 1970, em que várias manifestações de destruição de equipamentos e demonstrações de força foram usadas por ecologistas para atingir seus objetivos. Outros aspectos influentes foram a fundação do Greenpeace – que prega a não-violência –, e a publicação de vários livros sobre salvação mais radical do ambiente, principalmente **The Anarchist Cookbook** (de William Powell em 1971) e **The Monkey Wrench Gang** (por Edward Abbey, em 1976). Este último foi um dos grandes motivadores da fundação do grupo Earth First!.

Na obra de Margaret Atwood, vemos vários exemplos de como o ecoterrorismo pode manifestar-se desde obras de arte controversas até formas mais radicais. Já foi visto como a sociedade da obra vive em planeta muito desgastado por explorações de seus recursos. O meio ambiente está dilacerado, algo que se reflete não somente na ausência de alguns tipos de animais e plantas, como até mesmo na forma como a sociedade é organizada. Vale lembrar que, no passado da narrativa, aqueles que tinham condições para tal viviam como escravos/prisioneiros nos Complexos dominados pelas indústrias farmacêuticas. Os que não tinham condições de viver nos complexos viviam nas cidades, as terras de plebeus, em condições sub-humanas. Mesmo antes da destruição em que se apresenta o tempo presente da obra, percebe-se que o apocalipse não estaria mesmo muito longe, como mostra a citação abaixo ao se referir às cidades onde as pessoas comuns viviam:

¹⁸⁰ MANES, 1990, p. 71 Tradução da Autora → “Although there were many pragmatic, social reasons for protecting as much of the natural world as possible, Earth First! stood for the more radical proposition that the natural world should be preserved *for its own sake*, not for the sake of any real or imagined benefits to humanity. “A grizzly bear snuffling along Pelican Creek in Yellowstone National Park with her two cubs has a life just as full of meaning and dignity to her as my life is to me,” [Earth First! cofounder] Foreman asserts.”

Jimmy nunca tinha estado na cidade. Ele só a havia visto pela TV – intermináveis cartazes e placas de néon e fileiras de prédios, incontáveis veículos de todos os tipos, alguns deles com nuvens de fumaça saindo da traseira; milhares de pessoas, correndo, gritando, protestando. Havia outras cidades também, perto e longe; algumas tinham bairros melhores, seu pai disse, quase igual aos Complexos, com muros altos cercando as casas, mas estas não apareciam muito na TV.¹⁸¹

Conforme o narrador Jimmy cresce e vai para a dilacerada universidade de Martha Graham, entramos em contato com grupos que levam as manifestações em favor da natureza a um nível mais radical. Como exemplo podemos citar Amanda, uma artista e um caso amoroso-relâmpago na vida de Jimmy, que emprega materiais fétidos e repugnantes na busca de um alerta contra a destruição promovida pela humanidade. Amanda chama sua obra de “Esculturas Vulturinas”, ou seja, formar palavras com carcaças de animais mortos, esperar até que os abutres apareçam para comer a carne morta e fotografar todo o evento do alto, em um helicóptero.¹⁸² Apesar de seu trabalho atrair até mesmo cartas inflamadas de grupos ecológicos, tais como as recebidas por grupos radicais reais como o Earth First!, Amanda acredita estar alertando a humanidade para seu eterno ciclo de produzir cadáveres, restos e entulhos, tão prejudiciais ao ambiente.

A idéia era levar um caminhão cheio de pedaços de grandes animais mortos para terrenos baldios ou estacionamentos de fábricas abandonadas e arrumá-los na forma de palavras, esperar até os abutres descerem e começar a devorá-los e aí fotografar toda a cena de helicóptero. Ela atraía um bocado de publicidade a princípio, bem como um monte de cartas ofensivas e ameaças de morte da parte de ambientalistas, e de fanáticos isolados.¹⁸³

Além da arte de Amanda, outras manifestações em defesa do planeta aparecem ao longo da obra. Plantações de café são atacadas por carunchos modificados para resistir a pesticidas; roedores híbridos de porco-espinho e castor destroem correias de transmissão de carros, forçando as pessoas a andar; micróbios destroem o piche das estradas, tornando-as intransitáveis. Estas atitudes por sua vez são tomadas por um grupo na internet chamado DoidAdão, que tem Crake como um de seus membros mais influentes. O que antes parecia ser

¹⁸¹ ATWOOD, 2004 p. 35

¹⁸² ATWOOD, 2004 p. 228.

¹⁸³ ATWOOD, 2004 p.227.

apenas um grupo de defesa dos animais parece, agora apresenta aspectos mais radicais nas suas atitudes.¹⁸⁴ Assim como os ecologistas mais radicais já mencionados antes, o grupo de DoidAdão acredita que seu trabalho está em chocar a população, até mesmo como uma forma de fazer com que grupos ecológicos mais tênues em atitudes sejam melhor vistos aos olhos do povo.¹⁸⁵ No entanto, a sociedade de **Oryx e Crake** já está muito deteriorada para se deixar levar por manifestações, sejam elas mais incisivas ou não.

As representações de ecoterrorismo na obra de Atwood encontram seu apogeu na atitude final de Crake. A princípio é relevante ver os motivos que levam este brilhante cientista a uma atitude desesperada. Crake revela-se um grande pensador da situação da humanidade no planeta e de como ela desgasta os recursos naturais de forma indiscriminada.

(...) Como espécie, nós estamos muito encrencados, muito mais do que se imagina. Eles estão com medo de liberar as estatísticas porque as pessoas poderiam simplesmente desistir, mas escuta o que eu estou dizendo, o espaço-tempo está se esgotando. A demanda por recursos vêm excedendo a oferta há décadas em regiões geopolíticas marginais, por isso a seca e a fome; mas muito em breve a demanda vai exceder a oferta pra todo mundo. Com a Pílula BlyssPluss, a raça humana terá uma chance maior de sobrevivência.

- De que maneira? – Talvez Jimmy não devesse ter tomado aquele drinque extra. Ele estava ficando um tanto confuso.

- Menos gente, portanto mais espaço.¹⁸⁶

A destruição promovida pelo cientista Crake na verdade não é algo totalmente novo na obra. Se já tivemos anteriormente uma visão de como a sociedade já vinha se autodestruindo, através de atitudes pouco harmônicas com o meio ambiente, o impressionante é perceber o quanto a aniquilação já parece fazer parte do cotidiano desta comunidade. Por um lado os ainda adolescentes Crake e Jimmy gastam boa parte do seu tempo visitando sites da internet cujo conteúdo vai desde exposições pornográficas até sites em que as pessoas filmam suicídios ou execuções de condenados. Contudo, o aspecto destrutivo se mostrava mais evidente no

¹⁸⁴ ATWOOD, 2004 p. 200-201.

¹⁸⁵ Cf. MANES, 1990, 70 → Tal ambição também é partilhada pelos grupos como o Earth First!, eles acreditam que seu radicalismo atrai a antipatia do público, fazendo assim um favor aos grupos mais comedidos que passam a ser melhor vistos pela sociedade.

¹⁸⁶ ATWOOD, 2004 p. 272

jogo *Blood and Roses* (Sangue e Rosas), em que o lado do sangue tinha a seu favor as maiores atrocidades humanas como genocídios e massacres; já o lado das rosas contava com os grandes avanços da humanidade no campo artístico, científico, tecnológico, arquitetônico, o que fosse.

O grande problema com o jogo é que para uma atrocidade ser parada ou apagada da “história mundial” registrada no jogo, seria necessário que uma obra humana fosse sacrificada. Além disso, a simulação conta com o conhecimento de história do participante, o que Jimmy achava um grande problema, pois:

Esse era o problema do Blood and Roses: era mais fácil lembrar das coisas relativas a sangue. O outro problema era que o jogador Blood geralmente ganhava, porém vencer significava herdar uma terra devastada. Mas este era o objetivo do jogo, dizia Crake quando Jimmy se queixava.¹⁸⁷

Outro jogo muito apreciado pelos dois se chama *Extinctathon*, controlado por um mestre chamado DoidAdão.¹⁸⁸ Daí surge o apelido de Crake (*Rednecked Crake*), uma ave australiana quase extinta, que era seu codinome para entrar na brincadeira. Neste jogo a grande missão é conseguir adivinhar o ser vivo extinto proposto por outro participante. Mesmo que esta atividade não objetivasse a destruição como o jogo mencionado anteriormente, ainda assim fica a sensação de que a destruição de elementos do passado não ficou para trás.

Quando finalmente surge a destruição maior e Crake libera a grande praga que toma conta do planeta, aparentemente todos no mundo morrem, e Jimmy seria a única exceção, já ele que havia sido secretamente imunizado pelo cientista. Não que houvesse algum desejo altruísta da parte do cientista em salvar o narrador da história, o que o aniquilador precisa é que Jimmy seja aquele que irá tomar conta das “crianças de Crake”. Aqui o destruidor da

¹⁸⁷ ATWOOD, 2004 p. 80

¹⁸⁸ Idem ibidem.

humanidade age como um Dr. Moreau moderno¹⁸⁹ na esperança de que esta nova raça híbrida de humanos e animais saiba usar os recursos do planeta sabiamente e ajudar a natureza a se reparar. À época da grande epidemia estas ditas crianças (na verdade suas idades variam de bebês a adultos formados) ainda viviam em um mundo experimental no laboratório. A praga, acredita-se, estava também inserida nas pílulas BlyssPluss, facilitando assim sua propagação. Essas pílulas funcionariam como um poderoso medicamento, comparável ao Viagra do mundo de hoje, que prometia rejuvenescimento e beleza a todos além de uma melhora no desempenho sexual. A humanidade extinta é então substituída por uma nova espécie, fisicamente melhor e mais preparada para o mundo apocalíptico que resta.

A humanidade na obra é sempre retratada na sua pior forma: consumista ao extremo e totalmente ignorante do risco que corre pela sua falta de consciência para com o ambiente. Neste mundo de grandes corporações farmacêuticas, a ciência é quem manda: não somente pelo controle dos já vistos Complexos, mas também até na educação, como se viu anteriormente nas comparações entre a universidade de Watson-Crick de Crake e a pobre Martha Graham de Jimmy. A ciência, nesta obra, reflete a perspectiva otimista que persistiu até o início do século XX como a substituta de Deus e resposta a todos os problemas. Como apresenta Eugen Weber no seu livro **Apocalypses** (1999):

A religião tinha por séculos explicado a natureza do universo, natureza do ser humano e seu destino. Agora as ciências naturais ofereciam esse tipo de explicação em termos mais convincentes, enquanto ciências sociais questionavam a verdade essencial das religiões. Um francês, Théodule Ribot, achava que a religião estava evaporando.¹⁹⁰

Este tipo de atitude pode ser encontrado em várias distopias do século XIX. Como exemplo, retomamos o caso de **A Ilha do Dr. Moreau**, de H. G. Wells. Apesar das intenções

¹⁸⁹ Tal como o cientista Moreau na obra **The Island of Dr. Moreau** (**A Ilha do Dr. Moreau**, 1896), Crake quer brincar de Deus criando uma nova “humanidade” em que defeitos seriam corrigidos (como a necessidade de religião, a vaidade, o sexo que não fosse apenas visando a preservação da espécie, entre outros), melhorando a força e a resistência dos novos seres, plenamente adaptados a um novo mundo.

¹⁹⁰ WEBER, 1999, p. 193. Tradução da Autora → “Religion had for centuries explained the nature of the universe, of nature of mankind and their destination. Now, natural sciences offered that kind of information in more convincing terms, while the social sciences questioned the essential truth of religions. A Frenchman, Théodule Ribot, thought that religion was evaporating.”

revolucionárias do cientista do título, o narrador da obra – o naufrago perdido na ilha – revela o quanto há de potencial destrutivo nas atitudes de Moreau. Na obra de Atwood, não importa a destruição que possa estar espreitando na esquina, a ciência resolverá tudo e ainda trará benefícios matérias aos que dela se utilizam, mas na perspectiva da obra, os plebeus que se virem com seus problemas. Sendo assim, ainda que tenhamos o Tio Pete que aparentemente almeja o poder pelo poder, a sociedade de **Oryx e Crake** mostra o quanto o lucro é mais importante que fazer o humano pensar sobre sua condição e buscar formas alternativas de garantir sua sobrevivência.

Nesta sociedade esbanjadora as preocupações com o meio ambiente ficam em segundo plano, originando manifestações radicais e até mesmo devastadoras para os humanos. Porém, a ganância já vista não está sozinha nas causas de tanta destruição, como é possível ver a seguir, outros fatores, principalmente atribuídos ao mundo ocidental, contribuem para que o fim se aproxime cada vez mais depressa. Um dos mais marcantes entre eles para a obra de Margaret Atwood é o aspecto da ‘necessidade’ de obter eterna juventude e beleza.

Exemplos não faltam sobre essa busca, há inclusive os relatos atribuídos a eventos históricos: a fonte que o explorador Ponce de Leon tanto buscou parece ser o caso mais representativo. Já no universo literário temos vários outros casos: a malvada rainha de Branca de Neve e o conto “The Birthmark”¹⁹¹ de Nathaniel Hawthorne. Entretanto, é através do grande número de cirurgias plásticas que temos testemunhado pelo mundo que notamos a divulgação (ainda que de modo sutil em muitos casos) da noção de como tudo é válido para que consigamos não somente driblar a morte, mas também o tempo, o maior inimigo da beleza na opinião de muitos. Basta ver como até mesmo programas que retratam a realidade, os *reality shows*, se aproveitam deste filão, explorando as neuroses de pessoas com cirurgias em casos que não são tão necessários assim e fazendo verdadeiras ‘maratonas’ em

¹⁹¹ Neste conto um cientista almeja remover um pequeno sinal do rosto de sua bela esposa, ainda que tal fosse visto inclusive como um charme por muitos. Na sua obsessão pela beleza suprema o cientista acaba por tornar sua amada fisicamente perfeita sem o sinal, porém tal atitude resulta em sua morte.

determinados pacientes para que sofram uma reformulação total na aparência.¹⁹² Poetas como Vinícius de Moraes (com sua célebre frase em que pede perdão às feias por beleza ser fundamental), revistas de moda como a **Vogue** (“Uma moça adorável é um acidente, uma mulher bonita é um triunfo.”)¹⁹³ refletem como todo um sistema sócio-econômico gira ao redor da busca pela perfeição dos corpos como objetivo supremo para cada um.

Georges Vigarello no seu **História da Beleza** (2006) fala de como, no começo do século XX, houve toda uma submissão do corpo à vontade da mente. A promessa de tratamentos que fariam a pele ficar melhor, que trariam a perda de peso ou outros atributos necessários a um corpo perfeito passam a dominar a vida das pessoas. Particularmente, as mulheres se vêem como as maiores vítimas desta situação, pois com a abertura do mundo feminino para a vida fora do lar (trabalhos, saídas e festas em que não precisam ser tão forçosamente acompanhadas por pais ou irmãos) a beleza passa a ser mais um atributo de ascensão social, especialmente se conseguirem ficar cada vez mais parecidas com estrelas de cinema – que passam a ser o padrão de beleza vigente – que ajudariam na obtenção do sonhado “bom partido” para casar. Como exemplo é possível citar o filme **Los Angeles – Cidade Proibida (LA Confidential, Dir. Curtis Hanson, 1997)**, onde garotas aliciadas por uma rede de prostituição são operadas para se parecerem com as grandes divas cinematográficas do início do século XX na esperança de atrair clientes para seus chefes e elas mesmas de um dia conseguir sair daquela vida e partir para o estrelato.

Além de toda esta promessa material trazida pela beleza, este atributo também seria capaz de mostrar a pessoa como tendo uma mente forte, capaz de submeter o corpo à sua

¹⁹² O seriado "Dr. 90210" (2004-2008, canal americano E! Entertainment Television), protagonizado pelo médico americano nascido no Brasil Robert M. Rey mostra o dia-a-dia de uma clínica de cirurgias plásticas de luxo comandada por ele. Ainda que alguns casos possam ser classificados como necessários, a grande maioria não passa de um apelo desesperado para se manter socialmente visível e quem sabe persistir no mundo da fama por mais tempo. O outro caso, onde a reforma é mais radical, chama-se "The Swan" (O Cisne, 2004-2005), do canal de televisão da Fox, onde mulheres se sujeitam a uma alteração radical nas suas aparências não apenas com o intuito de melhorar a parte externa, mas também competem entre em um concurso de beleza que corre paralelamente para ganhar dinheiro e fama.

¹⁹³ "A lovely girl is an accident; a beautiful woman is an achievement." (Apud VIGARELLO, 2006, p. 163.)

vontade: “Cava-se um espaço psicológico em que o indivíduo das sociedades democráticas sonha com inumeráveis transformações: submeter o conjunto da aparência, em especial, ao único exercício da vontade.”¹⁹⁴ Assim, ter um belo corpo/rosto mostra também fibra na personalidade, ao passo que as imperfeições revelam como a pessoa não tem a perseverança para se tornar melhor, falha de caráter que pode inclusive se repetir em outros aspectos da vida cotidiana.

Na literatura o tema da escravidão pela beleza e pela juventude não fica em segundo plano, além dos já citados contos de fadas e o conto de Hawthorne, vemos também uma supervalorização do corpo, por exemplo, em um futuro alternativo vivenciado pela protagonista de **Woman on the Edge of Time** (1976) de Marge Piercy. Neste futuro a protagonista Connie se encontra com uma mulher que seria uma caricatura de Jessica Rabbit¹⁹⁵:

O cabelo da mulher, pontilhado de malva e platino, estava arrumado em uma torre complexa de cachos e pequenos enfeites, pérolas caíam como uma coroa de casamento. Ela usava um vestido de substância escorregadia que mudava de cor conforme se movia e emitia um leve tinido; ele tinha uma abertura na lateral e tinha recortes aqui e ali para que seus seios ocasionalmente escapassem ou que seu umbigo sumisse e reaparecesse.¹⁹⁶

Nesta obra Connie descobre como as mulheres se submetem aos mais cruéis tratamentos para que sejam sempre apreciadas pelos homens, já que o casamento nesta sociedade não existe, o que ocorre é a “contratação” de uma esposa por um tempo determinado; podendo haver a renovação caso esta esposa ainda seja de agrado ao seu marido/empregador. Novamente a beleza objetiva ascensão social através do casamento.

Ao se discutir a beleza na obra distópica **Oryx e Crake** de Atwood, percebe-se que a busca pela eterna juventude e beleza também faz parte da vida dos cidadãos, sejam eles dos

¹⁹⁴ VIGARELLO, 2006, p. 163.

¹⁹⁵ Personagem de animação com o corpo belo e sedutor no filme **Uma Cilada para Roger Rabitt** (1988).

¹⁹⁶ PIERCY, 1976, p. 278. Tradução da Autora → “The woman’s hair, stippled mauve and platinum, was arranged in an intricate tower of curls and small gewgaws, dripping pearls like a wedding headdress. She wore a long dress of slippery substance that changed color as she moved and emitted a tinkling sound; it was slit way up the side and cut out here and there so that her breasts occasionally peeked out or her navel appeared and reappeared.”

Complexos ou das cidades. Na verdade, é justamente essa necessidade de ter um corpo perfeito que vai fazer com que Crake encontre uma forma de espalhar sua praga mortal que culminará na total destruição da humanidade.

A princípio a pílula BlyssPluss (algo como “Prazer Plus”) agiria como um poderoso composto que traria não somente bem-estar físico, mas também emocional, aliviando depressões e recuperando o vigor sexual, por exemplo. Porém, revendo como Crake pretende se utilizar a propagação deste poderoso medicamento para seus próprios fins de promover uma esterilização em massa, o medicamento deixa de ter suas funções benéficas e passa a ser mais um elemento de controle daquele que pode usufruir de tal poder: reduzindo a quantidade de pessoas no mundo, promovendo um controle de natalidade à força. Entretanto, ao que parece, esse efeito colateral não faz parte da campanha publicitária do produto: “A Pílula BlyssPluss venderia sozinha, não precisava da ajuda [de Jimmy]. (...), então ele mandou sua equipe produzir algum material visual, alguns slogans capciosos: Jogue fora os seus preservativos! (...) Não Viva Pouco, Viva Muito!”¹⁹⁷

No entanto, como já foi abordado neste trabalho, a atitude de Crake não tem nada a ver com algum desejo egoísta de dominação mundial *per se*. Seus atos refletem os de um culto de origem japonesa, o Aum Shinrikyo (Verdade Brilhante), que se utiliza de gases letais em ataques ao metrô de Tóquio, entre outras atividades, seu objetivo é apocalíptico, ou seja destruir um mundo corrupto e dar chance à criação de uma sociedade melhor e mais pura.¹⁹⁸ Sendo assim, tal qual o grupo citado, é justamente porque Crake parece estar preocupado com o destino da humanidade, o que faz sobre esta terra, e com a sobrevivência do planeta, é que o cientista mostra o quanto está disposto a tudo, inclusive à extinção humana, desde que isso signifique uma chance para a natureza se recuperar.

¹⁹⁷ ATWOOD, 2004 p. 286

¹⁹⁸ GUILLEMIN, 2005, p. 158-159.

Percebe-se que, na verdade, a atitude de Crake reflete uma perspectiva bem extremista do que pode ser visto na obra **As Três Ecologias** (1989) de Félix Guattari. Nesta obra, o autor fala de como a humanidade pode até tentar melhorar o ambiente, mas todas as mudanças serão apenas superficiais, a verdadeira mudança pressupõe também uma mudança interna dos membros envolvidos, pois só assim é possível evitar a repetição de erros do passado e colocar os avanços científicos e tecnológicos realmente em favor do ser humano e do não-humano.

Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, do outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios e torná-los operativos.¹⁹⁹

A proposta de Crake é vista como uma forma radical justamente porque o cientista não vê nenhuma chance na humanidade de se reorganizar e se consertar, ajudando o planeta e se recuperar de seus desgastes, então ela não merece viver. Por sua abordagem, não temos o direito de continuar usufruindo deste mundo já que não temos a capacidade de cuidar bem dele.

Como já visto antes, um fator que influencia muito a proteção do ambiente é a questão do dinheiro e da economia. A preocupação com o financeiro e com o consumo reflete o que Christopher Manes fala em seu **Green Rage**: o autor alerta para o fato de que enquanto a preocupação com o desenvolvimento das indústrias e o lucro estiverem acima do valor de uma floresta, por exemplo, a sociedade não terá como cuidar do mundo.

Infelizmente, nem mesmo as descobertas mais detalhadas da ciência foram capazes de convencer algumas pessoas de que a sociedade industrial é uma ameaça para a biosfera. Donald Hodel, (...) secretário de interior de Reagan (...), assegurou a nação de que a resposta para o câncer de pele induzido por radiação ultravioleta devido à destruição da camada de ozônio estava em usar óculos escuros e filtro solar.²⁰⁰

¹⁹⁹ GUATTARI, 1990, p. 12

²⁰⁰ MANES, 1990, p. 43. Tradução da Autora → “Unfortunately, not even the most scrupulously empirical findings of science can convince some people that industrial society is a threat to the health of the biosphere. Donald Hodel, (...) secretary of the interior under Reagan (...), assured the nation that the answer to the threat of ultraviolet-radiation-induced skin cancer due to atmospheric ozone depletion was sunglasses and sunscreen.”

Pela citação vê-se como Manes fala de como desde a época Reagan até hoje (com a recusa a assinar o Protocolo de Kyoto) os Estados Unidos têm sido reticentes a adotar medidas que protejam o ambiente em casa – mas isto não os impede de criticar outros países, atitude imitada por vários outros países industrializados.

Na obra de Atwood, vê-se também que o dinheiro predomina o modo como os personagens vivem. A vida dos abastados gira em torno de dois grandes tópicos: trabalho e entretenimento. Nesta sociedade presa em Complexos, sem a menor preocupação pelas vidas dos que moram nas cidades poluídas e degradadas, as pessoas pensam apenas em manter seu padrão de vida e se divertir nos *shopping centers*. Neste mundo literalmente fechado, as preocupações são a curto prazo, como manter o padrão de vida vigente ou melhorá-lo, manter uma árvore ‘genética’ (mais até que a genealógica) de valor e viver de gratificação instantânea (especialmente através do sexo). Tal comportamento fútil era inclusive propagado pela escola, através de uma disciplina chamada Técnicas Vitais:

Lançamentos contábeis e operações bancárias por computador, como usar o microondas sem explodir o seu ovo, como preencher formulários de moradia para este ou aquele Módulo e formulários de emprego para este ou aquele Complexo, como pesquisar sobre hereditariedade familiar, como negociar contratos de casamento e divórcio, como escolher a combinação genética mais adequada, o uso de preservativos para evitar doenças sexualmente transmissíveis: essas eram as Técnicas Vitais. Nenhum dos garotos prestava muita atenção.²⁰¹

Como pode ser visto, a sociedade de **Oryx e Crake** é extremamente hedonista, preocupada com o seu exterior de corpo e de mundo, mas não o suficiente para se permitir prestar atenção aos alertas de um mundo já tão dilapidado. Como Félix Guattari argumenta no livro já citado, a sociedade do romance de Atwood está inserida em uma tormenta, “deixando nas mãos dos políticos profissionais o cuidado de reger a organização social, enquanto os sindicatos são ultrapassados pelas mutações de uma sociedade que, por toda parte, encontra-se

²⁰¹ ATWOOD, 2004 p. 47.

em crise latente ou manifesta.”²⁰² Mesmo sabendo que as intenções dos que comandam os Complexos não são tão nobres assim, a população destas comunidades se deixa cuidar por estas pessoas, acreditando que tudo pode dar certo. Marx, retomando a questão da alienação, desenvolve em suas obras como o trabalhador estabelece uma relação com seu trabalho como se este fosse um objeto estranho:

A *alienação* do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência *externa*, mas que existe independentemente, *fora dele* e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica.²⁰³

Ainda que tenham que se sujeitar a situações um tanto quanto cômicas, como as faltas de carnes ‘verdadeiras’ para suas refeições (que são anunciadas como iguarias quando disponíveis em restaurantes); ou a preocupação em se submeter a qualquer exploração de modo a nunca precisar viver fora de algum Complexo, sempre temendo um dia ser obrigado a morar em alguma cidade; nenhum fator parece tornar o habitante deste mundo consciente de que algo está muito errado. A beleza e o vigor são o que importam, fazendo com que o corpo seja supervalorizado em detrimento do espírito.²⁰⁴

Guattari apresenta uma perspectiva diferente em “limpar” o humano primeiro para que o não humano tenha alguma chance de sobrevivência. O pensador argumenta que não bastam decretos e leis para promover uma arrumação do ambiente se tais comportamentos não são internalizados pela população em geral.²⁰⁵ Parece que só assim será possível promover uma convivência pacífica entre os dois grupos. Porém, percebe-se também que tal perspectiva pode assumir proporções catastróficas se visto de uma forma extremista, como no caso de Crake. A sociedade não pode deixar de perder seu aspecto econômico e social, ainda assim,

²⁰² GUATTARI, 1990, p. 44.

²⁰³ MARX, 2005. p. 112. Itálicos no original.

²⁰⁴ Por espírito adoto uma das perspectivas apresentadas por Simon Blackburn no **Dicionário Oxford de Filosofia** (1994): “(...) o princípio ou a origem imaterial de onde provém a animação.” (p. 125) Menciono espírito em contraposição à materialidade do corpo.

²⁰⁵ GUATTARI, 1990. p. 44.

não se pode perder de vista o aspecto ambiental para que nada resulte em catástrofes e destruição.

Ao se debater a ecologia e a necessidade de preservação do meio ambiente, é preciso ver como este assunto vai muito além de uma mera salvação de passarinhos e árvores, como muitos gostam de simplificar. Aspectos que parecem tão diversos como – a questão da beleza – e outros mais óbvios – como o dinheiro – podem influenciar a relação entre o humano e o não-humano. A sociedade atual dividiu o mundo em pólos opositivos, adotando uma perspectiva dualista. Segundo o **Dicionário Oxford de Filosofia** (1994), dualismo é uma teoria que postula “dois gêneros de coisas num certo domínio”.²⁰⁶ Entretanto, o que se vê é que nestes pares, sempre um elemento será privilegiado em detrimento do outro, como argumenta John Dewey em seu livro **On Experience, Nature and Freedom** (1960). Em um capítulo dedicado à relação de exploração entre humanidade e natureza, o autor apresenta os pares que dominam o pensamento ocidental: mente X matéria, experiência X natureza, emoção X ciência. Aqui ocorre a primazia de um elemento sobre o outro, causando uma relação destrutiva que subjuga ou quase anula o elemento inferiorizado.²⁰⁷ Além disso, Dewey prossegue em sua argumentação falando sobre como a ciência é vista como um instrumento para controlar e dismantelar a natureza sob a alegação de um estudo. Entretanto, é importante perceber que a ciência é parte da natureza também, não um meio de reduzi-la à condição de uma mera coisa para que possa ser analisada sem nenhuma consideração.²⁰⁸

Nesta questão da ciência e do dualismo, também é relevante mencionar a obra de Val Plumwood **Feminism and the Mastery of Nature** (1993). Em um capítulo a autora relaciona o dualismo a uma forma sistematizada de preconceito, já que as relações de poder se manifestam de forma mais organizada para categorizar segmentos de um dado grupo social.²⁰⁹

²⁰⁶ BLACKBURN, 1994, p. 108.

²⁰⁷ DEWEY, 1960, p. 249.

²⁰⁸ DEWEY, 1960, p. 256.

²⁰⁹ PLUMWOOD, 1997, p. 42.

Ao longo do seu texto, Plumwood também apresenta a questão da associação feminino-natureza, com estes dois elementos sendo instrumentalizados para o bem maior do masculino, usualmente associado ao científico e ao racional. Este tipo de associação pode se manifestar ao considerarmos a personagem Oryx de Atwood. Desde sua infância tomamos conhecimento de suas desventuras como uma criança vendida pela família e obrigada a participar de atividades ilícitas, como roubos e filmes pornográficos. Mesmo ao encontrar uma vida melhor na convivência com Jimmy e Crake, Oryx ainda está presa a um papel de vítima do sistema. É importante ressaltar que em nenhum momento da obra a personagem assume uma postura de vítima das circunstâncias, mas são essas mesmas circunstâncias que fazem com que ela permaneça em uma posição de fragilidade naquela sociedade. Se para Jimmy ela é uma fonte de fantasias e desejo, para Crake ela é isso (ao que parece) e mais uma eficiente ajudante nas suas experiências com os novos seres que cria.

Na verdade, a questão de Oryx como um objeto e sua associação à natureza (afinal, nunca sabemos seu verdadeiro nome, só o codenome de um animal extinto que adotou) a colocam em um lugar diferenciado dentro da obra. Se em um nível superficial, ela é uma personagem de quem vemos poucas ações impactantes, por outro lado ela é uma catalisadora de atitudes que afetarão grandemente o curso da obra. Como exemplo, temos a cena de sua morte, em que o ato (cometido por Crake) fará com que Jimmy desempenhe o que o cientista quer (ser morto também quando a doença se espalha pelo planeta):

O terno bege de Crake estava salpicado de marrom. Na sua mão direita havia um canivete comum, do tipo que tem duas lâminas, uma lixa de unhas, um saca-rolhas e uma tesourinha. Ele tinha o outro braço ao redor de Oryx, que parecia estar dormindo; estava com a cabeça apoiada no peito de Crake, sua longa trança amarrada com uma fita cor-de-rosa pendurada nas costas.

Enquanto Jimmy olhava, sem acreditar no que estava vendo, Crake deixou Oryx cair para trás, por cima do seu braço esquerdo. Ele olhou firme para Jimmy, um olhar direto, sem sorrir.

- Estou contando com você – ele disse. E então cortou a garganta dela.

Jimmy atirou nele.²¹⁰

²¹⁰ ATWOOD, 2004 p. 300.

Ao ser convertida em uma espécie de divindade pelas crianças de Crake, aquela que criou os animais, a personagem se torna um equivalente à Virgem Maria cristã, uma bondosa mãe e provedora para seus filhos. Se Crake seria o lado mais racional da relação das crianças com seus criadores, a agora deusa Oryx seria o lado mais emocional desta relação. Afinal, para estas “crianças”, Oryx serviu como uma espécie de professora e tutora, sua influência continuou por um bom tempo, pois foi aquela que lhes ensinou o que precisavam saber para sobreviver:

- Ela é a professora deles – disse Crake. – Nós precisávamos de um elo de ligação, de alguém que pudesse comunicar-se com eles no mesmo nível. Conceitos simples, nada de metafísica.
- O que ela está ensinando? – Jimmy perguntou com uma certa indiferença: não era bom para ele mostrar muito interesse por uma mulher na presença de Crake: seria motivo de deboche.
- Botânica e zoologia – disse Crake com um sorriso. – Em outras palavras, o que não comer e o que poderia mordê-los. E o que eles não devem machucar – ele acrescentou.²¹¹

Contudo, mesmo sendo relevante para o desenrolar da obra, Oryx ainda é uma subalterna. Ao falar da infância e de todos os eventos que antecederam seu encontro com os dois amigos, sua atitude é passiva, sem grandes sinais de exaltação ou revolta, há apenas a aceitação do que houve e até uma busca por sinais positivos no meio da desgraça. Sua submissão ao que se passou é um tipo de atitude geralmente ligado também à passividade da natureza. Deste modo, a associação dos dois elementos (natureza e mulher) retoma o estereótipo apresentado por Val Plumwood em sua obra, a mulher-natureza passiva servindo de apoio para a racionalidade do homem ciência:

A busca de um valor e a instrumentalização da natureza e de mulheres são paralelos próximos. Para as mulheres, seu natureza de valor e como instrumento não precisam normalmente ser explícitas, pois isso estrutura seus principais papéis tanto na esfera pública quanto na privada. Mulheres são sistematicamente valorizadas e instrumentalizadas como esposas, enfermeiras e secretárias, como colegas e parceiras de trabalho. Seu trabalho em papéis tradicionais é também sistematicamente omitido do sistema econômico e omitido de considerações quando a história do que é importante na humanidade e na cultura é mencionado. Tradicionalmente as mulheres são o ‘meio ambiente’ – elas fornecem ambientação e condições para que o ‘sucesso’ masculino ocorra, mas o que elas fazem não conta realmente como sucesso.²¹²

²¹¹ ATWOOD, 2004 p. 283.

²¹² PLUMWOOD, 1997, p. 21-22. Tradução da Autora → “The backgrounding and instrumentalisation of nature and that of women run closely parallel. For women, their backgrounded and instrumental as nature does not usually need to be explicit, for it structures their major roles in both public and private spheres. Women are systematically backgrounded and instrumentalised as housewives, as nurses and secretaries, as colleagues and workmates. Their labour in traditional roles is also systematically omitted from account in the economic system and omitted from consideration when the story of what is important in human history and culture is told. Traditionally the women are ‘the environment’ – they provide the environment and conditions against which male ‘achievement’ takes place, but what they do is not itself accounted as achievement.”

Se nesta parte vimos a questão da beleza e como ela oprime as pessoas (e não há como negar que as mulheres são as principais vítimas desta situação), a própria atitude de Oryx mostra a permanência desta opressão; principalmente no retrato feito de de uma personagem feminina aparentemente tão destituída de poder perante os poderoso cientistas da obra.

No fim das contas, o que se vê com relação à natureza em **Oryx e Crake** é que esta pede socorro e é atendida de uma forma inesperada, mesmo assim, será que a atitude pode ser classificada como ecologicamente correta? O cientista faz apenas sumir com um dos principais fatores que atrapalhava o desenvolvimento do meio ambiente, mas o homem também é natureza, foi criado por ela, como uma espécie, também foi extinta abruptamente. Onde fica a integração pregada por Guattari e tantos outros? A necessidade de preservar existe e é imperativa, mas será que os fins realmente justificam os meios? Não ambiciono ter as respostas, mas almejo motivar uma reflexão, acreditando já ser um começo.

3.4 – As armas invisíveis: armas biológicas

Como se viu em partes anteriores deste capítulo, foi discutido como as populações em **Oryx e Crake** se encontravam presas a um sistema mutilador, almejando apenas o lucro e como a natureza estava reduzida a uma refém de uma humanidade interessada mais em saciar seus desejos fúteis que em pensar no futuro.

A utilização de um vírus criado em laboratório por Crake irá justamente reforçar os estereótipos desta sociedade ao ver como sua difusão através de um produto de beleza foi tão fácil. O comportamento dos seres infectados com suas fugas inúteis para outras cidades, na esperança de evitar o contágio, o desespero diante de parentes mortos e as próprias reflexões do narrador Jimmy diante de um cenário pós-apocalíptico são um reflexo de como o mundo, apesar de todos os avanços, não consegue lidar com a perda de seu padrão estável. Não que o

iminente Armageddon não seja um real motivo para pânico, mas o que ocorre é que aqui temos uma questão ética de como lidar com seres que não atendem mais à necessidade de um mundo.

Na verdade, a prática de difundir doenças não parece ser tão inovadora nesta obra. De início seria relevante mencionar como as indústrias em **Oryx e Crake** praticam uma forma exagerada do que Marcia Angell denuncia no seu livro **The truth about the drug companies** (2004): a autora argumenta como a indústria farmacêutica tenta justificar o alto preço dos remédios alegando um investimento forte na área de pesquisa de novas e melhores drogas, capazes de promover uma qualidade de vida superior aos seres beneficiados.²¹³ Contudo, ela argumenta que muitas vezes os custos com o marketing de um determinado produto são uma fatia muito maior no orçamento que a pesquisa em si e como este processo, por diversas vezes, é financiado por agências governamentais de pesquisa, não justificando as argumentações de despesas e custos da empresa. O que Angell busca alertar, nesta obra, é que, em muitos casos, a indústria farmacêutica apenas faz uma “maquiagem” em produtos já consagrados (como as *me-too drugs*, ou seja, drogas quase idênticas a alguma outra já no mercado) para apenas justificar o dinheiro nelas investido por acionistas ou para prestar contas para o governo. O que se vê, em vários casos, é que a indústria prefere dedicar seus esforços a produtos de alguma maneira consagrados pelo mercado ou naqueles que não são tão essenciais assim, desde que a engrenagem financeira continue a funcionar a todo o vapor.

Com o passar do tempo, o público foi se tornando cada vez mais resistente às manipulações monetárias exercidas pelas indústrias farmacêuticas. Angell mais uma vez apresenta uma outra jogada deste ramo: se os preços continuam a incomodar os consumidores, então o que lhes resta fazer é reforçar a noção da pesquisa, aumentar a

²¹³ ANGELL, 2004, p. xii.

propaganda e tentar obter o monopólio do mercado; tudo para fazer com que o consumidor acredite que seus interesses são realmente a prioridade nesta área de atuação:

Como a indústria farmacêutica responde a estas dificuldades [financeiras]? Poderíamos esperar que as empresas iriam puxar suas meias – aparar os preços, ou pelo menos fazê-los mais acessíveis, e usar mais o dinheiro na descoberta de drogas genuinamente inovadoras, em vez de apenas falar sobre elas. Mas não é isso que está acontecendo. Ao contrário, as companhias estão fazendo mais daquilo que as colocou nessa situação. Elas estão comercializando as drogas similares com ainda mais vigor. Elas estão forçando mais seu monopólio nas drogas de grandes vendas. E elas estão despejando mais dinheiro em ‘lobby’ e campanhas políticas. Quanto à inovação, elas ainda estão esperando pelo Godot e desesperadamente esperando que ele venha.²¹⁴

Pelo que se vê, a indústria farmacêutica não parece ser tão preocupada com o destino da humanidade como se julgaria a princípio. É claro que não se devem fazer generalizações e acreditar que todas as indústrias fazem parte de um grande esquema de dominação mundial, como um episódio de **Arquivo X**²¹⁵. Contudo, não se pode ser inocente a ponto de acreditar que propósitos altruístas formam a motivação de tais negócios, pois acima de tudo são exatamente isso, negócios. Margaret Atwood, na distopia **Oryx e Crake**, leva adiante um comentário muito em voga em vários meios que é o medo de que novas doenças estejam sendo *criadas* pelas próprias companhias para que tenham sempre um mercado consumidor para seus produtos. Ao levar Jimmy para uma visita no laboratório de sua universidade, Crake fala de como novos problemas são criados para manter a economia em funcionamento:

- As melhores doenças, sob o ponto de vista comercial – continuou Crake – seriam aquelas que causassem enfermidades prolongadas. O ideal – isto é, para se obter o máximo de lucro – é que o paciente fique curado ou morra antes do seu dinheiro acabar completamente. É um cálculo refinado.
- Isto seria realmente uma maldade – disse Jimmy.
- Era isso que o meu pai pensava – disse Crake.
- Ele *sabia*? – Agora Jimmy estava realmente prestando atenção.
- Ele descobriu. Foi por isso que eles o jogaram da ponte.²¹⁶

²¹⁴ ANGELL, 2004, p. 19. Tradução da Autora. → “How is the pharmaceutical industry responding to its [financial] difficulties? One could hope drug companies would decide to pull up their socks – trim their prices, or at least make them more equitable, and put more of their Money into trying to discover genuinely innovative drugs, instead of Just talking about it. But that is not what is happening. Instead, drug companies are doing more of what got them into this situation. They are marketing their me-too drugs even more relentlessly. They are pushing even harder to extend their monopolies on top-selling drugs. And they are pouring more money into lobbying and political campaigns. As for innovation, they are still waiting for Godot and hoping desperately he will come.”

²¹⁵ **The X-Files**: seriado de televisão sobre alienígenas e conspirações governamentais criado por Chris Carter para o canal Fox de 1993 a 2002.

²¹⁶ ATWOOD, 2004, p. 197. Grifos no original.

(...)

- Isso é tão estranho – disse Jimmy. – Então eles assassinaram o seu pai?

- Executaram – disse Crake. – Este é o termo que teriam usado. Devem ter dito que ele estava prestes a destruir um conceito elegante e que *a empresa estava agindo pelo bem comum*.²¹⁷

A questão do bem comum, grifada na citação acima, vai ser também uma das desculpas empregadas pelos manipuladores de armas biológicas para justificar seu uso. Durante algum tempo acreditou-se que, por não promover derramamento de sangue, as armas biológicas – e as químicas também – seriam menos violentas que o emprego dos armamentos tradicionais. Como menciona o criador da guerra química e prêmio Nobel de Química Professor Fritz Haber em 1923: “Em nenhuma guerra future os militares poderão ignorar o uso de gás venenoso. É uma forma mais elevada de matar.”²¹⁸ Ainda que tanto as armas químicas quanto as biológicas apresentassem alguns ‘pequenos’ problemas como transporte e também a precisão em acertar o alvo, elas se tornaram extremamente populares devido ao baixo custo de produção e também devido à disponibilidade de ‘cobaias’ na forma de prisioneiros de guerra ou segmentos indesejados da população onde pudessem testar seus experimentos. Mais tarde, com a elaboração do Protocolo de Genebra (1925), o uso de tais armamentos ficou mais restrito, pois a questão das vítimas inocentes passou a ser mais debatido e vários países – exceto os EUA e alguns outros – acataram a noção de que tais meios não eram tão humanos quanto argumentava Haber.

Entretanto, em **Oryx e Crake**, a preocupação com precisão em acertar alvos se torna irrelevante tendo em vista que a população inteira do planeta sempre foi o alvo do cientista. Contudo, o livro levanta um outro ponto que seria a fidelidade dos cientistas e a questão da segurança nacional. Já foi visto, em partes anteriores, o quanto a segurança dos Complexos é fechada e cuidadosa, pois os bens lá guardados em forma de experimentos ou de cabeças pensantes é muito valioso para desperdiçar. Desta forma, a obra reflete o que se vê na vida

²¹⁷ Ibidem. Grifos meus.

²¹⁸ Apud HARRIS & PAXMAN, 2002, p. vii. Tradução da Autora → “In no future war will the military be able to ignore poison gas. It is a higher form of killing.”

fora dos livros, onde há o grande temor de que os cientistas se deixem vender pelo governo que melhor lhes pagar e passem a produzir armas para algum Estado que outrora havia sido inimigo. Esta argumentação é defendida por Stefan Cunha Ujvari em seu **A História e suas Epidemias** (2003):

“(…) muitos cientistas ficaram desempregados e foram absorvidos por mercados de outros países, principalmente asiáticos. Tendo em vista o sigilo das atividades, não se pode saber com certeza quais deles estão realmente produzindo armas biológicas; apenas as epidemias futuras revelarão suas origens.”²¹⁹

Crake adquire um grande conhecimento no seu tempo passado na universidade e é com este mesmo conhecimento que ele se volta contra aqueles que o ‘financiaram’ na criação de sua arma. Como é visto no livro aqui em discussão, os cientistas são tratados como mercadorias pelas indústrias que os contratam, isso traz à tona a questão de até que ponto estes homens e mulheres estão dispostos a obedecer cegamente às ordens. Harris e Paxman debatem **A Higher Form of Killing** um exemplo do fim do programa soviético de armas químicas e biológicas que deixou vários de seus cientistas desempregados, em situação de penúria e se vendendo para aqueles que lhes garantissem algum sustento.²²⁰ Nada ideológico, mas também nada de malévolo como se fossem cientistas gananciosos com projetos de dominação mundial, apenas pessoas querendo garantir seu pão de cada dia.

Assim como a mãe de Jimmy, a ex-cientista Sharon, fugiu do Complexo para manter sua liberdade intacta, o mesmo poderia acontecer com outros cientistas. Crake assume a forma mais radical ao se voltar contra todo o planeta, mas as chamadas ‘traições’ e ‘ameaças’ à segurança doméstica não partem apenas de estrangeiros, elas podem ser originadas na própria insatisfação de pessoal do setor biomédico que vê seu trabalho mais tratado como um comércio que como uma ciência a ser respeitada.²²¹

²¹⁹ UJVARI, 2003, p. 290.

²²⁰ HARRIS & PAXMAN, 2002, p. 248.

²²¹ Cf. GULLEMIN, 2005, p. 189.

Jeanne Guillemin argumenta no seu **Biological Weapons** (2004) que as armas biológicas não trazem à tona apenas a questão da fidelidade do cientista. A autora também levanta o ponto de que as armas biológicas também denunciavam de uma maneira mais extrema o quão equivocadas têm sido muitas decisões governamentais em prol de seus cidadãos. O tipo de doença a ser utilizada em uma determinada população inimiga leva principalmente em conta a vulnerabilidade da população alvo a tal problema. A população e não os soldados são levados em conta nesta seleção devido ao fato de que as guerras do final do século XIX em diante passaram a ser muito mais regidas pela força do capital que por idéias ou crenças. Então, o civil na sua cidade merece tanto ser destruído, por ele ser uma força econômica e produtora para o inimigo, quanto o soldado no campo de batalha. Tal raciocínio é defendido pela autora no fragmento a seguir:

Em contraste, a disseminação de agentes de doenças por aviões em alvos urbanos e industriais prometeu destruir a força de trabalho civil e a infra-estrutura de um país inimigo. Deste modo, armas biológicas estavam em conformidade com a doutrina da guerra total como ela emergiu no século XX, quando hostilidades armadas entre nações industrializadas tornaram indefinidas as fronteiras entre soldados inimigos e civis. Os programas de guerra de ofensiva biológica foram baseados em uma desumanização dos civis inimigos como uma massa que, para propósitos de guerra ou de dominação, tinham que ser eficientemente e previsivelmente infectados com uma doença.²²²

Em sociedades melhor preparadas em seus serviços de saúde pública ou de prevenção de doenças a ‘arma’ se torna uma escolha mais difícil. Não que tais populações estejam totalmente imunes aos ataques caso eles ocorram, mas uma recuperação dos afetados pode ser mais rápida e com menos baixas. Apesar disso, o que se vê é que, na maioria dos estados que se envolvem em guerras, a preocupação com a saúde pública perde espaço para produção de armas ou outros setores da economia. Com esta situação, ou em países em que o sistema de saúde já não era uma grande coisa mesmo, os civis são alvos mais fáceis de serem

²²² GULLEMIN, 2005, p. 7. Tradução da Autora → “In contrast, the dissemination of disease agents by airplanes over enemy urban and industrial targets promised to destroy the civilian workforce and economic infrastructure of an enemy country. In this way, biological weapons were consonant with total war doctrine as it emerged in the twentieth century, when armed hostilities between industrial nations blurred the boundaries between enemy soldiers and civilians. The offensive biological warfare programs were based on a dehumanization of enemy civilians as a mass that, for purposes of war or domination, had to be efficiently and predictably infected with disease.”

exterminados, denunciando o descaso das autoridades com medidas que podem parecer muito simples, mas que são eficazes. Como argumenta Guillemin:

Seguiu-se logicamente que a proteção de civis contra armas biológicas seria centrada no reforço da saúde pública. Detecção precoce era essencial para a contenção de uma epidemia deliberada. Médicos, especialmente aqueles em importantes áreas industriais, tinham que ser bem informados. Eles precisavam estar alertas para o uso de agentes em potencial, saber como diagnosticar as doenças provocadas por determinados agentes, e ficar de suspeita com sintomas ou circunstâncias fora do comum em qualquer manifestação de doença.²²³

Isto pode ser ressaltado na distopia de Atwood, ao se ver o quanto a sociedade dos Complexos se mostra mais interessada na beleza que em uma qualidade de vida real. Como exemplo é de valia destacar algumas partes da distopia; ao invadir uma casa abandonada em busca de algum suprimento, Jimmy se depara com a inutilidade da busca pela beleza quando a doença atacou e deixou todos sem ter como se proteger:

A penteadeira tem a coleção padrão de cremes de beleza, tratamentos de hormônio, ampolas e injeções, cosméticos, perfumes. Na luminosidade que entra pelas frestas da persiana, essas coisas têm um brilho opaco, como uma natureza-morta coberta de verniz. Ele se borbifa com o produto de um dos frascos, um cheiro almiscarado que espera que espera que possa se sobrepor aos outros cheiros do quarto.²²⁴

Em outro momento, Jimmy se lembra de como era fácil o seu trabalho de propaganda em um centro de beleza, pois a promessa de ‘se reconstruir’ como pessoa, apagando os defeitinhos físicos indesejáveis era boa demais para deixar passar:

Cremes cosméticos, equipamentos de ginástica, aparelhos para transformar sua musculatura numa maravilhosa escultura de granito. Comprimidos para deixar a pessoa mais gorda, mais magra, mais cabeluda, mais careca, mais branca, mais morena, mais preta, mais amarela, mais sensual, e mais feliz. A tarefa dele era descrever e exaltar, apresentar visão do que – ah, tão facilmente! – poderia acontecer. Esperança e medo, desejo e repulsa, essas eram as suas mercadorias, com base nelas ele construía as suas frases. De vez em quando, ele inventava uma palavra – flexibilismo, fibricidade, feromonimal – mas nunca foi apanhado. Seus proprietários gostavam desse tipo de palavras na letra miúda das embalagens porque elas soavam científicas e tinham um efeito de convencimento.²²⁵

²²³ GUILLEMIN, 2005, p. 37. Tradução da Autora → “It followed logically that protection of civilians against biological weapons would be centered on public health reinforcement. Early detection was essential for the containment of a deliberate epidemic. Physicians, especially those in important industrial areas, had to be well informed. They needed to be alert to the use of potential agents, know how to diagnose the diseases caused by select agents, and be suspicious of unusual symptoms or circumstances in any disease outbreak.”

²²⁴ ATWOOD, 2004, p. 215.

²²⁵ ATWOOD, 2004, p. 231. Itálicos no original.

Como também foi relatado aqui, o pai de Jimmy não pode se dar ao luxo de continuar o idealista que foi um dia e o pai de Crake paga um preço caro por questionar demais o sistema. Um lugar onde os interesses equivocados não permitem uma saúde pública realmente voltada para a ajuda da humanidade, não é de se espantar que a epidemia de Crake fosse tão eficiente. A única demonstração de preocupação com a saúde de modo efetivo se releva em momentos em que Jimmy vai para as Cidades comuns, tomando vacinas e precauções para não se contaminar com o que estivesse acontecendo por lá. Não há um desejo efetivo por parte da maioria das pessoas em trazer para os menos favorecidos uma melhoria nas suas vidas, os pobres merecem ser apenas esquecidos e evitados, a não ser que sejam necessários para os poderosos.

A situação aqui descrita reflete de alguma maneira o que já foi retratado em alguns filmes como **O Jardineiro Fiel** (dir. Fernando Meirelles, 2005) em que regiões pobres da África são manipuladas com doenças para atender aos interesses das indústrias farmacêuticas. Ainda que no filme não pareça ser o caso de produção de armas biológicas, o desrespeito com aqueles que de pouco poder usufruem é latente, revelando que mesmo por trás de intenções ditas ‘nobres’ pode haver muitos casos de jogos de interesses. Na verdade, apesar de lidar com obras de ficção (cinema e literatura), infelizmente ainda é possível ver que o descaso ainda faz parte da realidade de muitos países, e o Brasil não é uma exceção. Basta ver que nossa nação é um dos centros mundiais em cirurgia plástica, não apenas levando em conta a qualidade dos serviços prestados, mas também pela facilidade com que uma grande parte da população (brasileira ou estrangeira) pode vir a usufruir de algum procedimento através de financiamentos, prestações facilitadoras, etc. O que se vê é que o país se tornou um pólo de ‘turismo plástico de saúde’, algo com o qual nem sempre se pode ter uma garantia de que o serviço será adequadamente oferecido.²²⁶ Enquanto isso, é com grande pesar que se vê com

²²⁶ Na página www.brazilmedicaltourism.com é possível encontrar diversos planos de oferta de turismo de saúde no Brasil, principalmente para estrangeiros e mais focado na cirurgia plástica.

frequência nos jornais como pessoas de poucas condições materiais ainda morrem desassistidas em filas de hospitais, principalmente os públicos.²²⁷ Se por fora a saúde pode parecer uma bela viola, por dentro ainda é um pão bolorento.

3.5 – Amarrando as pontas

A literatura, como um veículo que pode, ficcionalmente, apresentar várias funções, inclusive a de denúncia, não poderia deixar de abordar os problemas vigentes, apresentando formas que levem o leitor a uma conscientização e a uma re-leitura do mundo ao seu redor. Roland Barthes discute na sua obra **O Rumor da Língua** (1984), no capítulo intitulado “A morte do autor” como o autor emprega o que já existe no mundo, que seu trabalho não é de todo original e que sua genialidade está justamente na sua capacidade de escolher o que deve ou não fazer parte de sua seleção, mesclando, excluindo, avaliando o material a ser usado.²²⁸ Por este viés, a distopia, com seu caráter de alerta, é um dos gêneros que muito contribui para esta reflexão, apropriando-se de elementos do mundo dito ‘real’, o autor apresenta problemas e questionamentos que passariam despercebidos na sociedade.

Neste capítulo, foi possível fazer uma discussão a respeito da relação entre os desejos dos cientistas, o que eles são realmente levados a fazer em prol do capitalismo, a ecologia (especialmente a relação entre o humano e o não-humano) e as armas biológicas utilizadas para a obtenção de um objetivo maior de dominação e subjugação. Entretanto, os diversos fatores aqui citados pretendem focalizar o modo como a relação entre os seres vem se apresentando de forma perniciosa para a natureza, pois esta é explorada e abusada em prol de valores que, por muitas vezes, são supervalorizados inutilmente.

²²⁷ Como exemplo, temos a matéria do jornal **O Globo** na internet de 13/01/2010. Neste artigo temos o relato da morte do Sr. João F. do Nascimento na fila de um hospital em Pernambuco e a alegação de seus parentes de que houve negligência e demora no atendimento.

²²⁸ BARTHES, 2004, p. 62.

O dinheiro aparece como uma das principais causas da devastação, promovendo uma satisfação momentânea na aquisição de bens, mas não podendo garantir uma permanência do bem maior que é o planeta. Boas casas, bons empregos, carros e compras, enfim, tudo que é visto de forma essencial pela sociedade capitalista ocidental pode terminar por levar a uma grande catástrofe, tal qual é vista na obra discutida, **Oryx e Crake**, de Atwood. A beleza também aparece como elemento perturbador, pois, em seu nome, muitas atrocidades são cometidas, seja pela forma mais evidente da morte de animais para fins de obtenção de casacos de pele, seja também por uma perda da beleza interior do ser humano, que se torna cada vez mais egoísta, apreciando apenas uma superficialidade e não vendo a real beleza nem de seus semelhantes e nem do mundo que o cerca.

Apesar de a obra aqui discutida apresentar personagens que, de alguma forma, se mostram preocupadas com a defesa do meio ambiente, a relação entre humanos e não-humanos ainda se apresenta de forma conflitante. A agressividade das esculturas com urubus é apenas a ponta do iceberg, que se pode perceber mais tarde com a extinção da natureza.

Nesta obra a sociedade é apresentada em dois grandes extremos: de um lado existem aqueles que não estão nem um pouco preocupados com o que acontece com o mundo que os cerca, por outro existem aqueles que só vêem a solução na extinção da humanidade. De qualquer maneira não há equilíbrio e as esferas que formam o mundo (o homem e a natureza) ainda não são vistas de forma integrada. Mesmo com o cientista Crake atingindo seu objetivo de destruição da humanidade, o que ele acredita ser a resolução final, o que ocorre ainda é uma perda, pois ninguém aprendeu nada. Foi necessário que ele criasse uma nova espécie híbrida para que uma nova “humanidade” ocupasse o planeta. Mais uma vez uma manipulação científica se fez necessária, mas de que adiantou se o ser humano ainda se manteve na sua ignorância? As suas criaturas, tão projetadas para serem tudo aquilo que os humanos não foram, ainda não estão totalmente livres de certos ‘males’ como a religião.

O que é essa coisa – a estátua, ou espantalho, ou seja lá o que for? Tem uma cabeça e um corpo feio de retalhos de pano. Tem uma espécie de rosto – um olho de pedra, outro preto, que parece feito com uma tampa de pote.

(,,)

- Nós [as crianças de Crake] fizemos o seu retrato, para nos ajudar a mandar nossas vozes para você.

Cuidado com a arte, Crake costumava dizer. *Assim que eles começarem a produzir arte, teremos problemas*. Qualquer tipo de pensamento simbólico seria sinal de decadência, na opinião de Crake. Em seguida eles estariam inventando ídolos e funerais e oferendas para os túmulos, e vida após a morte (...).²²⁹

Contudo, o mundo da obra distópica já demonstra sua dilapidação desde cedo com os jogos de computador *Blood and Roses* e atitudes pouco humanitárias da parte de seus membros

Buscar uma relação harmoniosa entre as várias esferas que compõem o mundo não é uma tarefa fácil. A destruição já está há muito impregnada nos hábitos das sociedades (especialmente no mundo ocidental) para que de uma hora para outra atitudes sejam modificadas. Ainda assim, não são atos tão radicais que vão efetivamente ajudar. O caminho a percorrer é longo, requer conscientização, a ‘limpeza interna’ proposta por Guattari, debatida em seu livro **As Três Ecologias**, de como não basta só termos leis e medidas que visam proteger o meio ambiente. A ecologia não deveria ser um problema de leis e especialistas mas, por abordar o capital e, tendo em vista como as relações capitalistas influem diretamente em praticamente todas as esferas humanas, a ecologia deveria envolver a todos:

A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados. Ela põe em causa o conjunto da subjetividade e das formações de poder capitalísticos – os quais não estão de modo algum seguros de que continuarão a vencê-la, como foi o caso na última década.²³⁰

Mas só assim é que realmente se pode chegar a um desenvolvimento em que ninguém perca e todos ganhem. As intenções de Crake até poderiam ser boas, mas não foram eficazes de um ponto de vista mais amplo. Mesmo a perspectiva de encontrar um novo grupo de seres humanos, no final da obra, não aplaca o medo e o impulso violento de Jimmy, revelando que não houve uma efetiva aprendizagem com o que se passou, mas sim uma manutenção do que

²²⁹ ATWOOD, 2004, p. 53. Itálicos no original.

²³⁰ GUATTARI, 1990, p. 36.

existe de mais instintivo e perigoso. Como argumenta Leonard Berkowitz em seu livro **Aggression: A Social Psychological Analysis** (1962), a natureza humana está, de acordo com Freud, sempre em busca de prazer, impondo ao organismo uma tendência a evitar qualquer tipo de ansiedade. Contudo, ao encontrar algo que lhe desagrade, existe a necessidade de resolver este conflito de maneira imediata, para retornar a um estado de paz e calma. Por este viés, a agressão é sempre causada por um padrão estímulo-resposta.²³¹ A grande questão então passa a ser a seguinte: será que não estamos saindo de nossa calma por motivos tolos? Há muita agressividade, e ela faz parte da natureza humana, mas até que ponto pelos motivos certos? Sabemos ao acompanhar noticiários e pela própria extrapolação descrita pela distopia aqui trabalhada, que estamos indo longe demais com essa violência sem sentido – em todos os níveis e relações. Ainda assim, será que aprenderemos a lidar com isso antes do fim? Isso, só o tempo poderá dizer.

²³¹ BERKOWITZ, 1962, p. 5

“I don’t know how I got this way
I know it’s not all right
So I’m breaking the habit
I’m breaking the habit tonight.”
Linkin Park, “Breaking the Habit”.(2003)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese debati a questão da doença ficcionalizada, levando em conta duas vertentes, a da epidemia que surge de forma ‘natural’, e a da doença que é provocada pela ação humana como uma espécie de arma para dizimar aqueles que se opõem a alguma ideologia e que possui o poder de devastar seus inimigos.

Antes de mais nada, houve a necessidade de uma contextualização deste tema no cenário global de hoje pois, se várias publicações científicas abordaram o impacto de doenças na evolução da humanidade ao longo dos séculos, acredito que seria necessário fazer um livro só com as ocorrências de agora, dado o grande número de problemas que percebemos por aí. Algumas epidemias ressurgem do passado, como a febre amarela, e outras se apresentam com um certo caráter de novidade, como parece ser o caso da chamada gripe suína (ou Influenza A, ou gripe H1N1). Isso sem contar os casos de AIDS que preocupa o mundo desde o fim dos anos 70, princípio os 80, o ebola e tantos outros problemas que vão sendo noticiados nos meios de comunicação. Os efeitos da globalização, as novas práticas em sociedade (como o sexo mais livre e desvinculado da procriação), e as facilidades de comércio e transporte atuam como agentes que facilitam cada vez mais a propagação destes pequenos, mas mortais, seres.

As moléstias sempre tiveram seu impacto na história. Até hoje ainda se fala de como a primeira grande leva da peste negra na Europa do século XIV matou mais de um terço da população daquele continente; mesmo que a quantidade de mortos ainda gere debate nos meios dos historiadores, ainda assim é inegável o fato de como este problema teve um impacto econômico e social tremendo devido às elevadas taxas de morte que deixava em seu rastro. Houve ainda a Revolta da Vacina aqui no Brasil do início do século XX com aspectos sociais e má informação afetando a receptividade do medicamento por parte da população. Mais recentemente, na Ásia, uma epidemia da chamada gripe do frango (H1N5) gerou medo e

preocupação por parte de viajantes. Enfim, poderia ficar aqui descrevendo em folhas e mais folhas os casos alarmantes de epidemias, mas este não é o objetivo desta parte. Creio que as menções aqui feitas tenham servido para esclarecer a importância deste primeiro momento no desenvolvimento de minha tese.

No capítulo seguinte, debato principalmente questões ligadas à peste negra, através da obra de Connie Willis, **Doomsday Book**. Dou também certo destaque a um conto da literatura gay de Allan Barnett, “The Times As It Knows Us”, que fala especificamente sobre o mal mais recente da AIDS. Através destas duas obras, privilegiando a de Willis, destaco que a doença na verdade vai além de uma mera condição biológica a ser tratada. A autora de ficção científica, ao lidar com dois universos em perigo (a cidade medieval de Ashencote e a Oxford do futuro), apresenta aspectos que tornam nossa relação com a doença quase que a mesma apesar de todos os avanços nos campos médicos e tecnológicos. O fato de Kivrin/Katherine viver no passado situações que encontram algum reflexo nas vidas por seus amigos no futuro só servem para enfatizar o quanto este jogo temporal denuncia para o leitor sobre atitudes perante estes ‘inimigos invisíveis’. Em Willis, temos historiadores que buscam corroborar a história que ensinam nos livros, e em alguns momentos eles estão certos; porém, o que fica também é que a história nem sempre é tão confiável, pois ela não registra a valentia e a abnegação de seres como o Padre Roche, e mais tarde poderiam também registrar o valoroso sacrifício da Dra. Ahrens, que tanto se dedicaram para ajudar os que sofrem; o que entra para a história são apenas os relatos de dor sofrimento e desespero. Já com relação ao tempo em **Doomsday Book**, este é apresentado de uma maneira um tanto quanto ‘concreta’, no sentido de que a heroína realmente viaja de um mundo para outro, e esta movimentação ajuda o leitor a estabelecer um parâmetro de acompanhamento dos eventos.

Como mencionado no parágrafo acima, também trabalho com certa ênfase o conto de Allan Barnett, “The Times As It Knows Us”, que aborda os males em decorrência da AIDS,

conto este que de uma certa forma nos remete pela temática e pela estrutura ao conto de Edgar A. Poe “The Masque of the Red Death”. Preconceito e medo também fazem parte dos contos de Barnett e Poe, onde os companheiros da casa de praia do primeiro, e o Príncipe Próspero e seus escolhidos no do segundo, vivem sempre com uma ameaça invisível que pode se manifestar a qualquer momento. A ilusão de proteção pode até se manifestar por um tempo, mas eles não conseguem esquecer totalmente o quão precariamente vivem. Seja através do liquidificador que um companheiro da casa usa para fazer seu coquetel anti-AIDS, no conto de Barnett, seja o carrilhão que, de hora em hora, interrompe os festejos no castelo imaginado por Poe, a lembrança de que o fim está mais próximo do que se imagina.

O material de apoio, que inclui Daniel Defoe, com seu **A Journal of the Plague Year**, e outros autores, serve para mostrar como as doenças, na verdade, causam muito mais sofrimento através dos conceitos impostos aos seus pacientes do que os problemas biológicos em si. Este fenômeno é claramente evidenciado por Susan Sontag, como citado no corpo desta tese, já que a autora denuncia em suas obras como, por diversas vezes, o descaso com o paciente e o aprisionamento deste em estereótipos podem afetar de modo negativo seu tratamento ou sua convivência com os ditos saudáveis. A força motriz para esta situação encontra-se no medo, tanto na forma de temer o que possa acontecer ao corpo e à vida, como na forma da perda de uma identidade, de uma liberdade, enfim, de uma posição social.²³² Por conseguinte, este sentimento acaba por ser uma justificativa muito convincente aos olhos de vários para explicar o emprego de muitas atividades, por vezes cruéis, contra as populações afetadas. Por outro lado, foi visto também como o próprio paciente pode tentar se utilizar de sua condição para angariar favores e privilégios, de algum modo explorando aqueles que estão com as melhores intenções, tentando ajudar.

²³² Tal aspecto pode ser refletido especialmente em homens héteros que, ao se descobrirem portadores do vírus HIV, fazem de tudo para esconder tal fato de familiares, amigos e colegas de trabalho temendo o que possa acontecer com eles no âmbito social.

A força da religião também se faz presente, com suas superstições e crenças em fenômenos mágicos que em muitos casos prejudicaram mais que ajudaram aqueles que precisavam de seu conforto. A situação dos leprosos proscritos descrita na **Bíblia**, a busca por um culpado moral para as grandes epidemias – como foi o caso da peste negra, e na obra de Willis é o ponto de discórdia entre Lady Imeyne e sua nora, Eliwys – e até mesmo como outras religiões abordam o tema, como é a questão da solidariedade com os que sofrem descrita no **Alcorão**, tudo influencia de alguma maneira (positiva ou negativa) o modo como um dado grupo social irá lidar com a questão das epidemias e do corpo doente. Soma-se a tudo isso a questão do apocalipse e de suas muitas interpretações: a proximidade de um fim, maior ainda para aqueles que viveram nos períodos tão religiosamente conturbados e dominantes, como foi a Idade Média, teve um enorme impacto na visão de como tratar as moléstias, e de como buscar soluções para que a aflição passe. Por outro lado, podemos acrescentar as teorias evolucionistas de Darwin, e como elas foram sendo deturpadas para servir a determinados grupos, também servindo de justificativa para atrocidades.

Mais tarde, neste trabalho, prossigo falando da obra de Margaret Atwood, **Oryx e Crake**, em que se focalizam situações ligadas ao uso de armas biológicas. Aquilo que tantas vezes parece tão distante, coisa de cinema, pode acabar por estar mais perto do que se imagina. Viu-se que as guerras biológicas não são tão recentes na história da humanidade como se pensava, e que por vezes eram vistas como formas mais elevadas de matar (como foi citado por Robert Harris e Jeremy Paxman), ainda que pudessem ser tão horrendas em suas conseqüências, com pessoas agonizando por um longo tempo, com sofrimento maior que o ocasionado por uma bala, tais modos se tornaram ‘melhores’ aos olhos de alguns por não haver um derramamento de sangue.

Na obra de Atwood vários assuntos se integram para compor o cenário: guerras de ideologia, a preocupação com um planeta desgastado por uma humanidade que pouco pensou

na sua morada espacial, a degradação desta mesma humanidade com atos obscenos para crianças, discriminação para com os excluídos, entre tantas outras falhas. Segundo o cientista Crake, personagem que ajuda a dar título ao romance, todos estes aspectos refletem aqui como os humanos merecem mesmo morrer. A obra pode parecer apenas um retrato dos devaneios de um cientista louco, mas é possível perceber que, além desta sua fixação com destruição, há muito mais o que debater. Ao longo desta tese, percebeu-se que a obra de Atwood reflete, dentre outras, preocupações ecocríticas. Vários autores forneceram contribuições significativas para esta área de estudo, mas destaco principalmente os trabalhos de John Dewey e Felix Guattari, que provaram ser de grande ajuda. A questão do dualismo e a superioridade de um elemento sobre o outro, vista principalmente em Dewey; e aspectos de como a ecologia vai além de uma mera limpeza de ambiente, de que deveria ser algo integral, como defendida por Guattari, mostram como o ser humano ainda tem um longo caminho a percorrer para chegar a um equilíbrio satisfatório com o mundo em que vive antes que seja tarde demais.

A ilusão de que se vive em um mundo real e perfeito é uma delas, se os conglomerados mantidos pelas indústrias farmacêuticas dão a impressão de uma vida boa, o mesmo não pode ser dito por quem vive fora de seus muros. A grande preocupação da humanidade com coisas insignificantes, como esta busca incessante por uma fonte da eterna juventude, traz consigo outros sintomas de insatisfação com o mundo: a substituição de contato humano real por outros pagos via internet, remédios para dormir, a perda da autonomia para empregos bem remunerados em função de poder bancar os luxos que as pessoas acreditam precisar. Fazendo um comentário à Rousseau, a natureza aqui é quem deveria ser a origem de tudo, com o homem sendo um colaborador, não um devastador.

O romance recria uma evolução científica e tecnológica que poderia ter sido melhor empregada. Como será abordado daqui a pouco, é inegável como esta obra distópica traz em

si uma semente assustadora da possibilidade de que tudo o que se passa nela poderia muito bem ser a realidade. Hoje em dia muitas pessoas vivem ‘trancadas’ em condomínios, temerosos da violência que nos cerca, mesmo em países ditos de ‘primeiro mundo’. Cada vez mais, muitas pessoas, principalmente as mulheres, sentem que são pressionadas a corresponder a padrões de beleza. Vemos grupos de defesa do meio ambiente em ação, não digo que sejam tão radicais em suas atitudes como é a solução final proposta por Crake, mas é possível perceber como vários desses ambientalistas estão buscando meios cada vez mais enérgicos para se fazerem ouvir. Com todas as ameaças, quase que reais, propostas pelo romance de Atwood, fica a impressão de que deveríamos voltar aos tempos das cavernas, vivendo apenas do que a natureza nos oferecesse; não creio que tal solução seja viável; contudo, o livro de Atwood nos mostra o preço caro a ser pago por anos e anos de subjugação desenfreada e destruição, lembrando ao homem que um dia ele vai ter que pagar por tudo aquilo que fez.

Um outro ponto de destaque na obra de Atwood é a questão do tempo. Como falou-se anteriormente com relação à obra de Willis, lá o tempo é mais ‘real’, no sentido de que há uma viagem no tempo e séculos diferentes a serem abordados; a cronologia é mais física. Aqui, para Atwood, o tempo está mais ligado à questão da memória, ele se revela mais subjetivo. Como aparentemente o único narrador neste mundo devastado, Jimmy – ou o Homem das Neves – é quem fica encarregado de contar sobre o mundo pré e pós devastação com a pílula BlyssPluss. A memória dele é tudo o que temos para aprender sobre estes dois períodos e, por vezes, desenvolvemos uma desconfiança de que nosso narrador não é tão sincero como inocentemente alguns poderiam acreditar. Os cenários são reconstituídos em sua mente, mas não temos uma garantia de que tudo foi como ele descreve; particularmente em suas lembranças de sua amada Oryx. Esta amante de Jimmy e assistente de Crake já parece ser a personificação do mistério por natureza, ou pelo menos é o que Jimmy nos leva a crer,

pelo fato de partes da sua vida continuarem obscuras, apesar de insistentes perguntas e investigações por parte do narrador. Tudo isto, aliado à incapacidade de levarmos Jimmy totalmente a sério, só contribui para que Oryx seja cada vez mais um enigma para todos, apenas sua morte e o sentimento que os dois amigos – Crake e Jimmy – nutriam por ela é que se apresenta de forma mais evidente e sem tantas margens a questionamentos.

Ainda que tenha sido debatida mais amplamente na introdução desta tese, não poderia deixar de encerrar esta parte com um elogio à ficção científica. Este gênero, por vezes considerado menor, apresentou, através das duas principais obras aqui debatidas (a de Willis e a de Atwood) que a ficção científica de qualidade pode entreter sim, mas sem deixar de ser relevante para a sociedade em que vivemos. Se o mundo após as duas grandes guerras do século XX fez com que as pessoas desenvolvessem um sentimento de desespero e temor com relação ao futuro, a literatura apresentou várias maneiras de lidar com esta situação. Se houve o teatro do absurdo, com seu grande expoente na obra de Samuel Beckett, e outras formas de demonstrar preocupação, a distopia – exemplificada pela obra de Atwood – é mais uma que veio para somar nesta abordagem sobre o que o futuro reserva para a humanidade. Não é ver a literatura, e particularmente este gênero, como sempre sendo obrigada a ter um propósito; mas é acima de tudo perceber que, nas boas obras, sempre haverá algo mais nas entrelinhas. Não se fala aqui de óperas espaciais²³³ ao estilo Flash Gordon, com mocinhos, donzelas em perigo, e vilões prontos para, de qualquer modo, alcançar seus objetivos. Aqui e agora o que se vê são obras que buscam, ainda que de maneira mais sutil mostrar que há, parafraseando o personagem Hamlet, algo podre no reino da Dinamarca. Como diria o americano Ernest Hemingway, o princípio do iceberg está em ação aqui.²³⁴

²³³ Estilo muito popular nas décadas de 50 a 70, estas histórias eram mais voltadas para o caráter melodramático e da aventura.

²³⁴ Este princípio, colocado pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway, estabelece que a obra literária bem escrita não tem necessidade de revelar tudo o que se passa. Se o escritor está omitindo o que sabe que pode e é verdadeiro no que escreve, o leitor será capaz de perceber estas ausências com tanta clareza como se elas

Se a arte, pelo menos para a **Poética** de Aristóteles, era composta pela mimesis, foi visto ao longo deste trabalho como a imitação se faz presente nas obras citadas. Cada obra, dentro de seu gênero especulativo, faz uma representação de fatores da realidade que aproximam a obra da característica de denúncia, referida como sendo um aspecto marcante dentro da ficção científica mais ‘séria’. A realidade aqui se apresenta então sob a forma de um jogo do qual o leitor participa, aceitando os aspectos mais ‘estranhos’ das obras, inserindo-se dentro dos acontecimentos e participando das alegrias e tristezas que afligem os personagens. O que ocorre aqui não é um jogo que busca vencedores, mas apenas o prazer da participação, da interação.

Por este viés da inserção do leitor na obra, acredito que, acima de tudo, este trabalho foi uma forma particular de exorcizar meus próprios demônios. Se não tive vocação suficiente para me embrenhar na área médica, admito que a ciência biológica sempre me fascinou. Posso dizer que o processo de escrever este trabalho foi extremamente catártico; pois me permitiu agüentar melhor as falhas do ser humano. Digo isto porque a literatura aqui foi, nesta minha experiência pessoal, uma forma de confrontar meus temores, mas com a segurança de sair ilesa de tais experiências, mas sem deixar de ser afetada pelo que li e estudei em todo este tempo.

Considerando tudo o que foi apresentado aqui, o que trará o amanhã, como lidar com as doenças que aparecem, o medo da grande catástrofe que pode um dia destruir a humanidade, não posso negar o misto de fascinação e também de pavor que estes assuntos sempre geraram em mim. Sendo assim, nada mais justo que tentar vencer, ou pelo menos domesticar, este medo tentando entender aquilo que sempre me afligiu. Doenças e epidemias sempre estiveram e, ao que parece, sempre estarão por aqui entre nós. Resta então aprender com elas, não somente no intuito de criar novas drogas e tratamentos para os doentes, o que é

estivessem realmente expostas no texto. Mas se o autor omite porque não sabe muito bem o que está fazendo, então na verdade ele está apenas criando ‘buracos’ que atrapalharão a vida do seu leitor.

algo justo e totalmente necessário²³⁵; mas também aprender com elas a ser melhores seres humanos. Se as doenças naturais (não as criadas em laboratório) vêm de Deus ou do diabo como alguns acreditavam, ou se elas são manifestações da natureza numa tentativa de equilibrar (ou denunciar o desequilíbrio) de ecossistemas, tal resposta não posso fornecer; mas se a humanidade entender que a sociedade de hoje não é tão evoluída e perfeita como se julga, que ainda há muito a aprender no trato com seus membros mais necessitados, acredito que um grande passo já foi tomado em direção a uma verdadeira evolução.

²³⁵ Claro que observando certos limites, não é porque se busca a cura para um determinado mal que se pode agir como os nazistas, que cometiam atrocidades nos campos de concentração em nome dos avanços científicos.

BIBLIOGRAFIA:

- ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad.: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- ALCORÃO. Inglês. **The Koran**. Trad.: John Medows Rodwell. Nova Iorque: Bantam Classic, 2004.
- ANGELL, Marcia. **The Truth About Drug Companies: How they deceive us and what to do about it**. Nova Iorque: Random House, 2004.
- ANJOS, Luiz dos. “O jogo e a dimensão humana: Uma possível classificação antropológica”. (2005) Disponível na Internet via: <http://www.efdeportes.com/efd90/jogo.htm> Acessado pela última vez em 02 de janeiro de 2008.
- ATWOOD, Margaret. **A história da aia**. Trad.: Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1987.
- ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake**. Trad.: Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- BACCOLINI, Raffaella. “Gender and Genre in the Feminist Critical Dystopias of Katherine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler”. In: BARR, Marleen (ed.) **Future Females, The Next Generation: New Voices and Velocities in Feminist Science Fiction Criticism**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2000.
- BARNETT, Allen. “The Times as It Knows Us.” In: LEAVITT, David. & MITCHEL, Mark. **The Penguin Book of Gay short Stories**. Nova Iorque: Penguin, 1994.

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Trad.: Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERKOWITZ, Richard & CALLEN, Michael. "How to have sex in an epidemic". In: BLASIUS, Mark & PHELAN, Shane (eds.) **We Are Everywhere: A Historical Sourcebook of Gay and Lesbian Politics**. Nova Iorque: Routledge, 1997.
- BERKOWITZ, Leonard. **Aggression: A Social-Psychological Analysis**. Nova Iorque: MacGraw-Hill Book Company, 1962.
- BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Trad.: Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1964.
- BIOY-CASARES, Adolfo. **A invenção de morel**. Trad.: Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Trad.: Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOOKER, M. Keith. **The Dystopian Impulse in Modern Literature**. Westport: Greenwood Press, 1994.

- BOOKER, M. Keith. **Dystopian Literature: A theory and research guide**. Westport: Greenwood Press, 1994.

- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Trad.: Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2003.

- BROWN, Dakota. “The Paidia/Ludus Continuum”. (2005) Disponível na Internet via: <http://www.avantgaming.com/papers/paidialudus.pdf>. Acessado pela última vez em 02 de janeiro de 2008.

- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad.: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2009.

- CARNEIRO, André. “A Espingarda” In: CAUSO, Roberto de Sousa. **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007.

- CAVALCANTI, Ildney. “A distopia feminista contemporânea: um mito e uma figura.” In: **Boletim do GT da ANPOLL: ‘A Mulher na Literatura’**. Vol. 9. Florianópolis: UFSC, 2002.

- CLARKE, Arthur C. “The Nine Billion Names of God”. In: CARD, Orson S. (ed.) **Masterpieces: The best science fiction of the twentieth century**. Nova Iorque: Ace Books, 2004.

- CLUTE, John & NICHOLLS, Peter. **The Encyclopedia of Science Fiction**. Nova Iorque: St. Martin’s Griffin, 1992.

- COSTA, Jurandir. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

- CUDDON, J. A. **The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. Londres: Penguin Books, 1999.

- CULLER, Jonathan. **Literary Theory: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

- DARWIN, Charles. **The Origin of Species**. Nova Iorque: Barnes & Nobles Classics, 2004.

- DAVIES, Douglas J. **Death, Ritual and Belief**. Londres: Cassell, 1997.

- DEFOE, Daniel. **A Journal of the Plague Year**. Nova Iorque: W. W. Norton and Company, 1992.

- DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente**. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- DEWEY, John. **On Experience, Nature and Freedom**. Nova Iorque: The Liberal Arts Press, 1960.

- DINIZ, Débora; GUILHEM, Dirce. **O que é bioética**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

- DREUILHE, Alain Emmanuel. **Corpo a corpo: AIDS, diário de uma guerra**. Trad.: Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- DUMAS, Alexandre. **A dama das camélias**. Trad.: Gilda de Mello Souza. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

- DWORKIN, Ronald W. **A felicidade artificial**. Trad.: Paulo Anthero S. Barbosa. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

- EMMERSON, Richard K. “Apocalypse” (2009). Disponível em: http://findarticles.com/p/articles/mi_gx5214/is_2003/ai_n19132048/ Acessado pela última vez em 28/10/2009.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad.: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GOLDIM, José Roberto. “Eutanásia” (2004). Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br/eutanasi.htm> Acessado pela última vez em 20/10/2009.
- GOMEL, Elana. “The Plague of Utopias: Pestilence and the Apocalyptic Body” (2000). Disponível em: http://www.findarticles.com/cf_0/m0403/4_46/75141042/print.jhtml Acessado pela última vez em 25/05/2010.
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- GUILLEMIN, Jeanne. **Biological Weapons**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2005.
- HARRIS, Robert & PAXMAN, Jeremy. **A Higher Form of Killing. The Secret History of Gas and Germ Warfare**. Londres: Arrow, 2002.
- HAWTHORN, Nathaniel. “The Birthmark.” (2007) Disponível em: <http://etext.virginia.edu/etcbin/toccer-new2?id=HawBirt.sgm&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed&tag=public&part=1&division=div1> Acesado pela última vez em 05/09/2009.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Trad.: Manuel Antônio de Castro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2002.

- HEREK, Gregory M. "AIDS and Stigma" (1999). Disponível em: http://psychology.ucdavis.edu/rainbow/html/abs99_intro.pdf Acessado pela última vez em 19/05/2010.
- HORKHEIMER, Marx e ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad.: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-Modernismo**. Trad.: de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUTCHEON, Linda. **The Politics of Postmodernism**. Londres: Routledge, 2002.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Trad.: Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.
- IRIGARAY, Luce. **This Sex Which Is Not One**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1985.
- ISHIGURO, Kazuo. **Não me abandone jamais**. Trad.: Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- JACKSON, Rosemary. **Fantasy: the literature of subversion**. Londres: Rotledge, 1998.
- JAMES, Edward & MENDLESOHN, Farah. **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. Trad.: Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.
- KEARL, Michael C. **Endings: A sociology of death and dying**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1989.

- KELLERHEAR, Allan. **A Social History of Dying**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Trad.: Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LEDERBERG, Joshua. **Biological Weapons: Limiting the threat**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1999.
- MANES, Christopher. **Green Rage: Radical environmentalism and the unmaking of civilization**. Boston: Little, Brown and Co.,1990.
- MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad.: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- McNEILL, William H. **Plagues and Peoples**. Nova Iorque: Anchor Books, 1998.
- MENEZES, Levy. “O Último Artilheiro”. In: CAUSO, Roberto de Sousa. **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007.
- MESQUITA, André. “Consumidor britânico troca a carne pela salada.” (03/04/2001) Folha On Line. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/agrofolh/fa0304200103.htm>
Acessado pela última vez em 18/11/2009.
- MILL, John Stuart. **A Liberdade/Utilitarismo**. Trad.: Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- NUSSENZVEIG, H. M. **Curso de Física Básica, vol. 2.** São Paulo: Edgard Blucher, 2002.
- ORWELL, George. **Nineteen Eighty-Four.** Nova Iorque: Signet, 1977.
- PHILLIPON, Daniel J. “Eco-Terrorism.” (2002) Disponível em: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_g1epc/is_tov/ai_2419100390 Acesso em: 07de julho de 2009.
- PIERCY, Marge. **Woman on the Edge of Time.** Nova Iorque: Fawcett Columbine, 1997.
- PLATO. **The Republic.** Mineola, Nova Iorque: Dover Publications, 2000.
- PLUMWOOD, Val. **Feminism and the Mastery of Nature.** Nova Iorque: Routledge, 1997.
- POE, Edgar A. **The Fall of the House of Usher and Other Writings.** Londres: Penguin Books, 2003.
- ROBERTS, Adam. **Science Fiction.** Nova Iorque: Routledge, 2000.
- RUSSEL, Bertrand. **Education and the Social Order.** Londres: Routledge, 1999.
- SARAMAGO, José. **As intermitências da morte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método.** Trad.: Bento Prado Jr. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- SERODIO, Paulo. “Gripe”. In: FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel do Leitor” de 08/09/2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0809200910.htm> Acessado pela última vez em 18/11/2009.
- SINGER, Peter. **Libertação animal.** Trad.: Maria de Fátima St. Aubyn. Via Optima, 2000.

- SHELLEY, Mary. **The Last Man**. Hertfordshire: Wordsworth Classics, 2004.

- SHOWALTER, Elaine. **The Female Malady: Women, Madness and English Culture, 1830-1980**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1985.

- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora / AIDS e suas metáforas**. Trad.: Rubens Figueiredo e Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- SOUKHANOV, Anne ed. **Webster's II – New Riverside University Dictionary**. Boston: The Riverside Publishing Company, 1988.

- STIERLE, Karlheinz. **A ficção**. Trad.: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

- TAVARES, Bráulio. **O que é ficção científica?** São Paulo: Brasiliense, 1992.

- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad.: Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.

- UJVARI, Stefan Cunha. **A história e suas epidemias**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio e Editora Senac São Paulo, 2003.

- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad.: Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.

- TUCUNDUVA, Luciana Tomanik, et al. “A síndrome da estafa profissional em médicos cancerologistas brasileiros.” (2006) Disponível via: <http://www.scielo.br/scielo.php?scrip%E2%80%A6%00%00> Acessado pela última vez em 05/07/2010.
- UJVARI, Stefan Cunha. **A história e suas epidemias**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2003.
- VALLS, Álvaro L. M. “Repensando a vida e a morte do ponto de vista filosófico” (2002) (2002). Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br/morteamv.htm> Acessado pela última vez em 21/10/2009.
- VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Trad.: Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- WARRICK, Patricia. **The Cybernetic Imagination in Science Fiction**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1980.
- WEBER, Eugen. **Apocalypses**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999.
- WELLS, H. G. **The Island of Doctor Moreau**. Nova Iorque: Dover Publications, 1996.
- WILLIS, Connie. **O dia do juízo final**. Trad.: Carla Ribeiro. Mem Martins, Portugal: Europa-América. 1992.
- WILLIS, Connie. **Doomsday Book**. Nova Iorque: Bantam Books, 1994.

SÍTIOS DA INTERNET REFERIDOS SEM AUTORIA DEFINIDA

- FOLHA DE SÃO PAULO. **Caderno Especial 1 – Saúde, guia da gripe.** São Paulo: Folha de São Paulo, de 16 de agosto de 2009.

- FOLHA DE SÃO PAULO. “Tamiflu deve voltar a ser vendido, diz ministério”. (04/09/2009) Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0409200918.htm> Acessado pela última vez em 15/11/2009.

- JORNAL DO BRASIL. “Tamiflu deve ser liberado para quem não é do grupo de risco.” (04/08/2009) Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2009/08/04/e040817147.asp> Acessado pela última vez em 18/11/2009.

- JORNAL DO BRASIL. “Deformidades impunes: EUA arquivam ação sobre efeitos do Agente Laranja.” (12/03/2005) Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/internacional/2005/03/11/jorint20050311005a.html> Acessado pela última vez em 28/01/2010.

- ROCHE. “Roche esclarece dúvidas sobre distribuição do Tamiflu.” (2009) Disponível em: http://www.roche.com.br/noticias/Influenza_Suina_PT.htm Acessado pela última vez em 19/11/2009.

DISCOGRAFIA (DAS EPÍGRAFES)

- LINKIN PARK, **Meterora**, Warner Bros./WEA2003.
- MATCHBOX 20. **Exile on Mainstream**, Atlantic, 2007.
- MATCHBOX 20. **More than You Think You Are**, Atlantic/WEA, 2002.
- MORISSETTE, Alanis. **Under Rug Swept**, Maverick, 2002.
- REM. **Document**, Capitol, 1987.

FILMES E PROGRAMAS DE TELEVISÃO

- **ARQUIVO X (The X-Files)** Direção: Chirs Carter e outros. Produção: Vince Gilligan, Chris Carter, e outros. Intérpretes: David Duchovny, Gillian Anderson, e outros. Los Angeles: Fox, seriado de televisão, 1993-2002. (episódios de c. 45 min.)
- **UMA CILADA PARA ROGER RABITT (Who Framed Roger Rabbit?)** Direção: Robert Zemeckis. Produção: Steven Spielberg, Frank Marshall, e outros. Intérpretes: Bob Hoskins, Christopher Lloyd, Kathleen Turner e outros. Roteiro: Jeffrey Price e Peter S. Seaman. Los Angeles: Walt Disney, 1988. (104 min.)
- **CONSTANTINE (Constantine)** Direção: Francis Lawrence. Produção: Akiva Goldsman. Intérpretes: Keanu Reeves, Rachel Weisz, e outros. Roteiro: Kevin Brobdin, Frank A. Cappello, e outros. Los Angeles: Warner Bros., 2005. (121 min.)

- **12 MACACOS (12 Monkeys)** Direção: Terry Gilliam. Produção: Charles Roven. Intérpretes: Bruce Willis, Brad Pitt, e outros. Roteiro: Chris Marker e David Webb Peoples. Los Angeles: Univesal, 1996. (129 min.)

- **EU SOU A LENDA (I Am Legend)** Direção: Francis Lawrence. Produção: Akiva Goldsman, David Heyman, e outros. Intérpretes: Will Smith, Alice Braga, e outros. Roteiro: Akiva Goldsman e outros. Los Angeles: Warner Bros., 2007. (101 min.)

- **OS FANTASMAS SE DIVERTEM (Beetle Juice)** Direção: Tim Burton. Produção: Larry Wilson, Richard Hashimoto, e outros. Intérpretes: Michael Keaton, Geena Davis, Alec Baldwin e outros. Roteiro: Michael McDowell, Larry Wilson e outros. Los Angeles: Warner Bros., 1988. (92 min.)

- **A FELICIDADE NÃO SE COMPRA. (It's a wonderful life)** Direção: Frank Capra. Produção: Frank Capra. Intérpretes: James Stewart, Donna Reed, e outros. Roteiro: Philip Van Doren Stern. Los Angeles: RKO Pictures/Paramount Pictures, 1946. (130 min.)

- **GUERRA BIOLÓGICA (The Patriot)**. Direção: Dean Semler. Produção: Howard Baldwin. Intérpretes: Steven Seagal, Camilla Belle, e outros. Roteiro: John Kingswell e M. Sussman. Los Angeles: Buena Vista, 1998. (90 min.)

- **IMPACTO PROFUNDO (Deep Impact)**. Direção: Mimi Leder. Produção: David Brown e outros. Intérpretes: Téa Leoni, Robert Duvall, e outros. Roteiro: Bruce Joel Rubin e Michael Tolkin. Los Angeles: Paramount/Dreanworks,1998. (121 min.)

- **O JARDINEIRO FIEL (The Constant Gardener)** Direção: Fernando Meirelles.
Produção: Simon Channing. Intérpretes: Ralph Fiennes, Rachel Weisz, e outros.
Roteiro: Jeffrey Caine. Universal City: Focus Features, 2005. (129 min.)

- **LOS ANGELES – CIDADE PROIBIDA (LA Confidential)** Direção: Curtis Hanson.
Produção: Curtis Hanson e outros. Intérpretes: Kim Bassinger, Kevin Spacey, Russell Crowe, e outros. Roteiro: Curtis Hanson e Brian Helgeland. Los Angeles: Warner Bros., 1997. (138 min.)

- **O MUNDO SEM NINGUÉM (Life After People)** Direção: James Grant Goldin.
Produção: Collin Campbell e outros. Intérprete: James Lurie. Roteiro Sam Dollan e outros. Nova Iorque: The History Channel, 2008-. (episódios de c. 45 min.)

- **A ÚLTIMA ESPERANÇA DA TERRA (The Omega Man)** Direção: Boris Sagal.
Produção: Walter Seltzer. Intérpretes: Charlton Heston, Anthony Zerbe, e outros.
Roteiro: John W. Corrington, Joyce H. Corington e Richard Matheson. Los Angeles: Warner Bros., 1971. (98 min.)